# OBRAS
## DE
# LVIS DE CAMOÈS
## PRINCEPE DOS POETAS PORTUGUESES.

COM OS ARGUMENTOS DO Lecenceado João Franco Barreto; & por elle emẽdadas em esta nova impressaõ, que comprehende todas as Obras, que deste insigne Autor se achàraõ impressas, & manuscritas, com o Index dos nomes proprios.

OFFERECIDAS
## A D. FRANCISCO DE SOVSA
CAPITÃO DA GUARDA
## DO PRINCEPE N.S.

POR ANTONIO CRAESBEECK D' MELLO. Impressor da Casa Real Anno 1669.

LISBOA.

*Com as licenças necessarias*

E Previlegio Real.

# A DOM FRANCISCO DE SOVSA

Capitão da Guarda de S.ALTEZA, Alcaide Mòr das Villas do Crato,& Belver,Commendador das Cõmendas de S. MARIA de Belmonte,& S. Salvador da Infesta da Ordem de Christo.

*SSIM como fora improprio aplicar ao jaculador Apollo a Clava do forçoso Hercules, & indigno dedicar ao robusto Thebano o arco do Pastor de Admeto (pois só este sabe acertar com o alvo,& só aquelle manejar tanto pezo) assim fora tambem inconveniente fiar de outrem o patrocinio das Obras do Grande Luis de Camoẽs, pois sómente no amparo de V. S. pódem achar o maior seguro, & lograr o melhor asilo,que quem sabe guardar os Princepes Politicos de seus emulos,tambem saberâ defender o Princepe Poetico de seus Aristarcos; que nunca pezou a Hercules a Clava para dar morte â Idra,nem a Apollo o Arco para jácular Phitona,como nem a mim me faltarà nunca o conhecimento das muitas razoens que tenho para agradecer a V. S. o favor de nomearme entre seus affeiçoados. Guarde Deos a Pessoa de V. S. Lisboa 6. de Novembro de 669.*

Maior affeiçoado de V.S.

Antonio CraesbeecK de Mello.

## LICENC,AS.

PODemse tornar a imprimir as Obras de Luis de Camoẽs, & despcis de impressas tornarão ao Conselho para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Lisboa 23. de Março de 1668.

*Diogo de Sousa.* *Rocha.*
*D. Verissimo de Lencastro.* *Fr. Pedro de Magalhaẽs.*

POdese imprimir. Lisboa, & Cabido Sède Vacante de Julho 6. de 1668.

*Cordes.* *Peixoto.*

QUe se possaõ imprimir, visto a licença do S. Officio, & Ordinario, & despois de impressas tornem para se taxar, & conferir, & sem isso naõ correrà. Lisboa, & 7. de Julho de 668.

*Marquez Mordomo mór P.* *Magalhaẽs de Meneses.*
*Miranda.* *Carneiro.*

TAxaõ estas Obras de Luis de Camões em dois cruzados. Lisboa 30. de Outubro 669.
*O Marquez Mordomo mor P.* *Monteyro.*
*Magalhaẽs de Menezes,* *Carneyro.*

# VIDA DO GRANDE LVIS de Camões.

ASCEO Luis de Camões em Lisboa falto tanto de bẽs da Fortuna, quanto rico das prendas da natureza. Pellas do sangue, & linha de seu pay Simão Vaz de Camoẽs, foi illustre, & da mãy Anna de Macedo nobilissimo. Pellas do engenho, protento ao mundo, forçosa enveja a todas as Nasçoẽs, & da Portuguesa unica estimaçaõ. Floreceo cõ ventagẽs em as Academias do Reyno. Servio depois na Corte, donde por certos amores foi desterrado pera Africa: não como Ouvidio pera o Ponto, com a pena na mão pera os Versos; mas cõ a espada na Campanha contra os Mouros. Ahi valeroso cõbatente perdeo hũ olho, grande castigo pera o autor de suas culpas, dezimadas à razão de ametade. Restituido passou à India a reconhecer aquelles campos, teatro das glorias immortais dos Portugueses, a essas consagrou todos seus suores, servindo a Patria, no Veraõ cõ as Armas em o Mar, no Inverno cõ a Pena em a Terra. Sua fortuna adversa q̃ desde seu nascimẽto emprendeo seguilo, como sombra (nisso só differente, q̃ cõ mudar pòlo, muda sito) não se mudou cõ elle se mudar aõ Antartico. Sẽpre o seguio proterva, desterrãdoo como criminoso, senão a Macào, à China. Dizẽ foi o delito pique de algũa poesia. Là algũ arrependimento de sua desgraça, lhe offerecia alivio à sua sorte: mas erão dons dos Gregos por lhe encubrir, & facilitar mais sua fereza. Tornando pera Goa, padeceo naufragio, em q̃ (qualquer Cesar) nadando cõ

hũa

hũa maõ deu vida a ſua Poeſia,cõ outra liberdade à ſua vida,bẽs q̃ ſó lhe ficàraõ, perdendo de todo ahy os outros todos Foi o recebimẽto de ſeus naturaes em hũ carcere de Goa,& a condenação neſſe pouco q̃ lhe perdoàraõ as ondas. Viofe depois a innocencia,ſeguio a enveja ſua obſtinação tanto peor,quãto mais diſſimulava.Brindoulhe ao goſto cõ ſaudade da Patria,de quẽ jà eſcrevia, q̃ não veria ſeus oſſos. Fezlhe pera ella ponte de ouro nas deſpezas, q̃ lhe offertou hum amigo. Mas ainda arrependida deſſa meſma facilidade,inſtrumento de ſeus males, em o meyo da jornada o fez parar em Moçambique cõ o amigo,& pedirlhe paga da deſpeza de duzentos cruzados, obrigandoo a nova prizão ſe outros amigos dando a divida lhe não reſgatàrão a liberdade.Tornoulhe a picar o deſejo da Patria, a quẽ ternamẽte amava,ainda à viſta de tanta ingratidão.O contagio em q̃ ardia quando chegou, lhe retardou por dous annos o parto jà maduro de ſuas fadigas,deſvelo de vinte & ſinco annos. A igual paſſo ſe virão os frutos de ſeu engenho encontrados de envejoſo deſpreſo, q̃ os trabalhos de ſua milicia, atropellados de larga enfermidade,q̃ tardando ſete annos em o matar,por lhe alargar na vida mayor pena q̃ a morte, o veyo a pòr em a mayor miſeria da vida, eſtado q̃ elle muyto tempo antes ſe tinha vaticinado na ultima oitava do ſeu deſconcerto do mundo,& de q̃ ſe queixava a hũ amigo,a quẽ eſcreveo, q̃ o que ſentia mais era, q̃ em tão pequeno theatro, qual o de hũ pobre leito, quizeſſe a fortuna repreſentar tão grande deſventura, &c. Hũ eſcravo ſeu,de noite pedia de porta em porta eſmola,cõ que ſuſtentar aquella boca,oraculo da fama em o mundo todo. Acabou em reſolução aquelle

quelle despojo da fortuna, escandalo do merecimẽto, hũs dizem que no Hospital de Lisboa, outros, q̃ entre as lastimas de tanta pobresa, que nẽ hũ lançol seu o quiz amortalhar. Seria porque só de si necessitava, quem só como quẽ era se levantava Mausoleo nas azas da Fama, & bronzes da eternidade. Dom Gonçalo Coutinho lhe trasladou seus ossos pera a Igreja de Santa Anna, renovando sua memoria com este epitafio.

*Aqui jaz Luis de Camoẽs, Principe dos Poetas de seu tempo; viveo pobre, & miseravelmente, & assi morreo no anno 1579.*

## SONETO.

*Em louvor de Luis de Camoens.*

QVem louvarà Camoẽs, que elle não seja?
Quẽ não vê q̃ em vão cansa engenho, & arte,
Elle em si só se louva em toda a parte;
Toda a parte, elle sò enche d'enveja.
Quem juntos num espirito ver deseja,
Quantos doẽs entre mil Phebo reparte,
Quer elle d'amor cante, quer de Marte
Por mais não desejar a elle sò veja.
Honrou a Patria em tudo imiga sorte
A fez com elle sò ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria:
Mas se lhe foy fortuua escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hum rico emparo de sua fama, & gloria.

PRIVILEGIO

# PRIVILEGIO.

EV o PRINCEPE como Regẽte, & Governador destes Reynos, & Senhorios: faço saber aos q̃ este Alvarà virem, q̃ Antonio Craesbeeck de Mello, meu Impressor me inviou dizer por sua petiçaõ imprimira à sua custa as Obras de Luis de Camoēs, Lusiadas, & Rimas com seus acrescentamentos. Pedindome lhe concedesse Privilegio para senão poderem imprimir; nem vender, nem trazer de fòra impressas por tempo de dez annos. E visto seu requerimento, & por lhe fazer mercê. Hey por bem & me praz que por tempo de dez annos, nenhum impressor, livreiro, ou outra pessoa possa nestes Reynos, & Senhorios de Portugal imprimir, vender nem trazer de fòra delle os livros referidos sem sua licença. E qualquer que durante o dito tempo de dez annos imprimir, ou vẽder as ditas obras, ou nos ditos Reynos, & Senhorios, ou trouxer de fòra delles sẽ licẽça do dito Antonio Craesbeeck de Mello perderà pera elle todos os volumes, q̃ assi imprimir, vender ou trouxer de fòra. E alem disso encorrerà em pena de duzentos cruzados ametade pera a minha Camara, & outra parte pera quem o acuzar. E mando ás Justiças, & Officiaes a que pertẽcer que cumpraõ, & façaõ comprir este Alvarà como nelle se cõthem que valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hũ anno, sem embargo da Ord. do. l. 2. t. 40. em contrario. E pagarà os novos direitos que dever conforme minhas ordens. Manoel do Couto o fez em Lisboa a 23, de Outubro de 1669 Iacinto Fagundez Bezerra o fez escrever.

PRINCEPE

*O Marquez Mordomo mòr P.*

# OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS.

## CANTO I.

### ARGUMENTO.

*Fazem concilio os Deoses na alta corte,*
*Oppoemse Bacco à Lusitana gente,*
*Favorece a Venus, & Mavorte,*
*E em Moçambique lança o ferreo dente:*
*Depois de aqui mostrar seu braço forte,*
*Destruindo, & matando juntamente,*
*Torna as partes buscar da roxa Aurora,*
*E chegando a Mombaça surge fóra.*

1.

AS Armas, & os Varões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passàrão ainda alem da Taprobana:
Que em perigos, & guerras esforçados
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificàrão
Novo Reyno, que tanto sublimàrão.

2

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reys, que foraõ dilatando
A Fè, o Imperio, & as terras viciosas
D'Africa & d'Asia andâram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vam da ley da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar o engenho, & arte.

3

Cessem do sabio Grego, & do Troiano
As navegaçoens grandes, que fizeraõ:
Callese de Alexandro, & de Trajano
A fama das vitorias, que tiveraõ:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceraõ,
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

4

E vòs Tagides minhas, pois criado
Tendes em mi hũ novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Daime agora hum som alto, & sublimado
Hum estillo grandiloquo, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenhão inveja às de Hypocrene.

Daime

5

Daime hũa furia grande,& sonorosa,
E não de agreste avena,ou frauta ruda,
Mas de tuba canora,& bellicosa,
Que o peito acẽde,& a cor ao gesto muda:
Daime igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa,a que Marte tanto ajuda,
Que se espalhe,& cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6

E vós,ó bem nacida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
Do augmento da pequena Christandade:
Vós ò novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mũdo por Deos,q̃ todo o mãde,
Para do mundo a Deos dar parte grande.

7

Vós tenro,& novo ramo florecente
De hũa arvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nacida no Occidente,
Cesarea,ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo,que presente
Vos mostra a victoria ja passada,
Na qual vos deu por armas,& deixou
As que elle para si na Cruz tomou.

8.

Vós poderoso Rey, cujo alto Imperio
O Sol logo em nascendo vé primeiro
Veo tambem no meio do Emisferio,
E quando dece o dexa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, & vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo Rio.

9.

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que jâ se mostra qual na inteira idade
Quãdo subindo ireis ao eterno Tẽplo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão, vereis hũ novo exemplo
De amor, dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos,

10

Vereis amor da patria não movido
Do premio vil, mas alto, & quasi eterno,
Que nam he premio vil ser conhecido
Por hum pregaõ do ninho meu paterno:
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quẽ sois senhor superno,
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rey, se de tal gente.

Ouvi,

11.

Ouvi,que naõ vereis com vans façanhas
Fantasticas,fingidas,mentirosas,
Louvar os vossos,como nas estranhas,
Musas,de engrandecerse desejosas:
As verdadeiras vossas saõ tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedẽ Rodamõte,& o vãoRugeiro,
E Orlando,inda que fora verdadeiro.

12.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rey,& ao Reyno tal serviço:
Hũ Egas,& hũ Dõ Fuas,que de Homero
A citara para elles sò cobiço:
Pois pellos doze Pares dar vos quero
Os doze de Inglaterra,& o seu Magriço,
Douvos tambem aquelle Illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos Rey de França,
Ou de Cesar,quereis igual memoria,
Vede o primeiro Affonso,cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu Reyno a segurança
Deixou co a grande,& prospera vitoria,
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto,&quinto Affõso,&o terceiro.

14.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que no Reyno lá da Aurora
Se fizerão por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quẽ sempre o Tejo chora,
Albuquerque terribel, Castro forte,
E outros em quẽ poder não teve a morte.

15.

E em quãto eu estes cãto, & a Vós não posso,
Sublime Rey, què não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do Reyno vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
Que pello mundo todo faça espanto,
De exercitos, & feitos singulares,
D'Africa as terras, & de Oriẽte os mares.

16.

Em Vòs os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vé seu exicio afigurado,
Sò com vos ver o barbaro Gentio
Mostrá o pescoço ao jugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio
Tem para Vós por dote aparelhado,
Que affeiçoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de comprarvos para genro.

Em

17.

Em Vòs se vem da Olimpica morada
Dos dous Avós às almas cã famosas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra pellas batalhas sanguinosas:
Em Vós se esperaõ verse renovada
Sua memoria, & obras valerosas,
E là vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

18.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejaõ,
Dai Vòs favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejaõ,
Que saõ vistos de Vòs no mar irado,
E costumaivos ja a ser invocado.

19.

Ja no largo Occeano navegavaõ,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão,
Das naos as vellas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravão
Cubertos, onde as ondas vaõ cortando
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Protheo saõ cortadas.

20.

Quando os Deoſes no Olimpo luminoſo,
Onde o governo eſtá da humana gente,
Se ajuntaõ em concilio glorioſo
Sobre as couſas futuras do Oriente:
Piſando o criſtalino Ceo fermoſo,
Vem pella via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pello Neto gentil do velho Athlante.

21.

Deixaõ dos ſete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado,
Alto poder, que ſó co penſamento
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar irado:
Alli ſe achârão juntos num momento
Os que habitaõ o Arcturo congelado:
E os que o Auſtro tem, & ás partes onde
A Aurora naſce, & o claro Sol ſe eſcõde.

22

Eſtava o Padre alli ſublime, & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num aſſento de eſtrellas criſtalino,
Com geſto alto, ſevero, & ſoberano:
Do roſto reſpirava hum ar divino,
Que divino tornâra hum corpo humano:
A coroa, & o ſceptro rutilante,
Doutra pedra mais clara que Diamante,

23.

Em luzentes aſſentos, marchetados
De ouro, & perlas mais abaxo eſtavaõ
Os outros Deoſes todos aſſentados,
Como a razaõ, & ordem concertavaõ:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaxo os menores ſe aſſentavaõ,
Quando Jupiter alto, aſſi dizendo,
Cõ tõ de voz começa grave, & horrẽdo.

24

Eternos moradores do luzente
Eſtellifero pòlo, & claro aſſento,
Se do grande valor da forte gente
De Luſo não perdeis o penſamento:
Deveis de ter ſabido claramente,
Como he dos Fados grãdes certo intẽto,
Que por ella ſe eſqueçaõ os humanos
De Aſſirios, Perſas, Gregos, & Romanos.

25

Ja lhe foi, bem o viſtes, concedido,
Com poder taõ ſingello, & tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Caſtelhano taõ temido
Sempre alcançou favor do Ceo ſereno,
Aſſi q̃ ſempre emfim com fama, & gloria
Teve os trofeos pendentes da vitoria.

Deixo

26.

Deixo Deoses, atraz a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançàraõ,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se afamárão:
Tambẽ deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando levantàraõ
Hum por seu Capitão, que peregrino
Fingio na Cerva spirito divino,

27.

Agora vedes bem, que cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, naõ temendo
D'Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que avendo tanto ja que as partes vẽdo,
Onde o dia he cõprido, & onde he breve,
Inclinão seu proposito, & porfia,
A ver os berços onde nasce o dia,

28.

Prometido lhe està do Fado eterno,
Cuja alta ley naõ póde ser quebrada,
Que tenhaõ longo tempo o governo
Do mar, que vè do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inverno,
A gente vem perdida, & trabalhada:
Ja parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

E por-

29.

E porque,como vistes,tem passados
Na viagem taõ asperos perigos,
Tantos climas,& Ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejaõ,determino,agasalhados
Nesta costa Africana,como amigos,
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

30.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quãdo os Deoses por ordẽ respondẽdo,
Na sentença hum do outro differia,
Razoens diversas dando,& recebendo:
O padre Bacco alli naõ consentia
No que Jupiter disse,conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se là passar a Lusitana gente.

31.

Ouvido tinha aos Fados,que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha,
Pello mar alto,a qual sogeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antiga,ou sua,ou fosse estranha,
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Vè

32.

Vè,que ja teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agoa do esquecimento, se lá chegão
Os fortes Portuguezes, que navegão.

33.

Sustentava contra elle Venus bella
Affeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tão amada sua Romana:
Nos fortes coraçoẽs, na grande estrella,
Que mostrárão na terra Tingitana,
E na lingoa, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção cré q̃ he a Latina.

34.

Estas cousas moviaõ Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera se estende:
Assi que hum pella infamia que recea,
E o outro pellas honras que pretende,
Debatem, & na porfia permanecem,
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual

35

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vai da mata escura
Com impeto, & braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompẽse as folhas, ferve a serra erguida,
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deoses no Olympo consagrado.

36

Mas Marte, que da Deosa sustentava
Entre todas as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os Deoses em pé se levantava
Merencorio no gesto parecia,
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para trâs medonho, & irado.

37

A viseira do elmo de diamante
Levantando hum pouco mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter armado, forte, & duro:
E dando huma pancada penetrante
Co conto do bastão no solio puro,
O Céo tremeo, & Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse

38

E disse assi: O Padre, a cujo Imperio
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro Emisferio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeça vituperio,
Como haja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razoẽs, de quem parece que he suspeito.

39

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Bacco os sustentasse,
Pois que de Luso vem seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado,
Que nunca tirarâ alhea inveja
O bẽ que outrem merece, & o Ceo deseja.

40

E tu Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada
Não tornes para trás, pois he fraqueza,
Desistirse da cousa começada:
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, & â setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como

41

Como isto disse, o Padre poderoso
A cabeça inclinando consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pello caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

42

Em quanto isto se passa na fermosa
Casa Etherea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, & do Oriente:
Entre a costa Ethiophica, & a fermosa
Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimava então os Deoses, que Tifeo
Co temor grande em peixes converteo.

43

Tão brandamente os ventos os levavão,
Como quem o Ceo tinha por amigo,
Sereno o ar, & os tempos se mostravaõ
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Praso já passavaõ,
Na costa de Ethiopia nome antigo,
Quãdo o mar descobrindo lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cerca, & lava.

Vasco

44

Vaſco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empreſas ſe offerece,
De ſoberbo, & altivo coração,
A quem Fortuna ſempre favorece,
Para ſe aqui deter não vè razão,
Que inhabitada a terra lhe parece,
Por diante paſſar determinava,
Mas não lhe ſuccedeo como cuidava.

45

Eis aparecem logo em companhia
Hũs pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente ſe alvoroça, & de alegria
Não ſabe mais que olhar a cauſa della;
Que gente ſerà eſta, em ſi dizião?
Que coſtumes, que ley, que Rey terião?

46

As embarcaçoens erão na maneira
Mui velozes, eſtreitas, & compridas,
As vellas, com que vem erão de eſteira,
De hũas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaetom nas terras accendidas
Ao mũdo deu de ouſado, & não prudẽte,
O Pado o ſabe, & Lampetuſa o ſente.

De

47

De panos de algodam vinhaõ vestidos,
De varias cores, brancos, & listados;
Huns trazem ao redor de si cingidos,
Outros em modo brioso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos,
Por armas tem adargas, & tersados,
Com touças na cabeça, & navegando,
Anafis sonorosos vaõ tocando.

48

Cos panos, & cos braços acenavaõ,
Aas gentes Lusitanas, que esperassem,
Mas jà as proas ligeiras se inclinavaõ,
Para que junto às Ilhas amainassem:
A gente, & marinheiros trabalhavaõ,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido encimà salta.

49

Naõ eraõ ancorados, quando a gente
Estranha pellas cordas já subia:
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitaõ sublime os recebia:
As mesas mandaõ pòr em continente,
Do licor, que Lieo prantado avia;
Enchem vasos de vidro, & do que deitaõ,
Os de Phaeton queimados nada engeitaõ.

50.

Comendo alegremente perguntavaõ
Pela Arabica lingoa, donde vinhaõ?
Quem eram de que terra? que buscavaõ?
Ou que partes do mar corrido tinhaõ?
Os fortes Lusitanos lhe tornavaõ
As discretas repostas, que convinhaõ:
Os Portuguefes somos do Occidente
Himos buscando as terras do Oriente.

51

Do mar temos corrido, & navegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos ceos, & terras temos visto:
Dum Rey potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto,
Que naõ no largo mar com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

52

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o mar remoto navegamos,
Que sò dos feos Focas se navega:
Mas ja razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade naõ se nega,
Quem sois, que terra he esta que habitaes,
Ou se tendes da India alguns sinaes.

Somos,

53

So nos, hum dos da Ilha lhe tornou,
Estrangeiros na terra, ley, naçaõ,
Que os proprios saõ aquelles, que criou
A natura, sem ley, & sem razão:
Nós temos a ley certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahaõ,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A máy Hebrea teve, & o pay Gentio.

54

E esta Ilha pequena, que habitamos
He em toda esta terra certa escala
De todos, os que as ondas navegamos,
De Quiloa, Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala,
E porque tudõ em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

55

E ja que de taõ longe navegaes,
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejaes
Guiados pellas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhaes
Da terra algum refresco, & que o Regẽte,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

56

Isto, dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitaõ, & gente se apartou,
Com mostras de devida cortesia:
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co carro de cristal o claro dia,
Dando cargo à irmãa, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

57

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, & não cuidada,
Por acharem da terra taõ remota
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer entaõ consigo cuida, & nota
Na gente, & na maneira desusada,
E como os que na errada seita créraõ,
Tanto por todo o mundo se estendérão.

58

Da Lua os claros rayos rutilavão
Pellas argenteas ondas Neptuninas;
As Estrellas os Ceos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavão
Pellas covas escuras peregrinas,
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

59

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperionio, que acordou:
Começa a embandeirarse todo a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

60

Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que sam aquellas gentes inhumanas;
Que os aposentos Caspios habitando;
A conquistar as terras Asianas
Vierão, & por ordem do destino
O Imperio tomar a Constantino.

61

Recebe o Capitaõ alegremente
O Mouro, & toda sua companhia,
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito ja trazia;
Dalhe conserva doce, & dalhe o ardente
Não usado licor, que dà alegria,
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, & bebe.

61

Eſtá a gente maritima de Luſo
Subida pella enxarcia de admirada,
Notando o eſtrangeiro modo,& uſo,
E a lingoagem tão barbara,& enleada:
Tambem o Mouro aſtuto eſtá confuſo,
Olhando a cor, o trajo,& a forte armada,
E perguntando tudo,lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

63.

E mais lhe diz tambem,que ver deſeja
Os livros de ſua ley,preceito,ou fè,
Para ver ſe conforme á ſua ſeja,
Ou ſe ſaõ dos de Chriſto,como crè:
E porque tudo note,& tudo veja,
Ao Capitão pedia,que lhe dè,
Moſtra das fortes armas, de que uſavão,
Quando cos inimigos peleijavão.

64.

Reſponde o valeroſo Capitaõ,
Por hum,que a lingoa eſcura bem ſabia;
Dartehei,ſenhor illuſtre,relaçaõ
De mim,da ley,das armas,que trazia:
Naõ ſou da terra,nem da geração
Das gentes enojoſas de Turquia,
Mas ſou da forte Europa bellicoſa,
Buſco as terras da India tão famoſa.

A ley

65

A ley tenho daquelle, a cujo Imperio
Obedece o visivel, & invisivel,
Aquelle que criou todo o Emisferio,
Tudo o que sente, & tudo o insensivel:
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufrivel:
E que do Ceo â terra em fim deceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

66

Deste Deos homem, alto, & infinito
Os livros, que tu pedes, naõ trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que n'alma andar devia:
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria,
Como amigo as verâs, porq̃ eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

67

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros á mostrar as armaduras,
Vem arneses, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos, & sagitiferas aljavas,
Partasanas agudas, chuças bravas.

68

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas sulfureas taõ danosas,
Porèm aos de Vulcano naõ consente,
Que dem fogo âs bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, & valente
Entre gentes taõ poucas, & medrosas,
Naõ mostra quanto pòde, & com razaõ,
Que he fraqueza entre ovelhas ser leaõ.

69

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo n'alma lhe ficou,
Hũa vontade mâ de pensamento:
Nas mostras, & no gesto o naõ mostrou,
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capitaõ,
Por quem podêsse á India ser levado,
Dizlhe que largo premio levarâõ
Do trabalho, que nisso for tomado:
Prometelhos o Mouro, com tençaõ
De peito venenoso, & taõ danado,
Que a morte, se podésse, neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

71

Tamanho o odio foi, & a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou:
O segredos da quella eternidade,
A quem juizo algum naõ alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles, de quem fostes tanto amigo.

72

Partiose nisso em fim co'a companhia
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido:
Cortáraõ os bateis a curta via
Das águas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento;
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

73

Do claro assento ethereo o gram Thebano,
Que da paterna coxa foi nascido;
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, & aborrecido:
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E em quanto isto só n'alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava.

Estâ

74

Està do Fado ja determinado,
Que tamanhas vitorias, tam famosas,
Hajaõ os Portuguefes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas;
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Ey de sofrer, que o Fado favoreça,
Outrem porquem meu nome se escureça.

75

Jà quizerão os Deoses, que tivesse
O filho de Filippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmetesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte:
Mas hase de sofrer que o Fado dësse
A tão poucos tamanho esforço, & arte,
Que eu co graõ Macedonio, & co Romano
Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Naõ serà assi, porque antes que chegado
Seja este Capitaõ, astutamente
Lhe serà tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerei à terra, & o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irà direita
Quem do opportuno tẽpo se aproveita.

77

Isto dizendo, irado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, & gesto humano
Para o Praso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
Dum Mouro em Moçâbique conhecido
Velho, sabio, & co Xeque mui valido.

78

E entrando assi a fallarlhe a tempo, & horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz, como eraõ gentes roubadoras
Estas, que ora de novo saõ chegadas:
Que das naçoens na costa moradoras,
Correndo a fama veyo, que roubadas
Foraõ por estes homens, que passavaõ,
Que cõ pactos de paz sempre ancoravão.

79

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano urdido
Contra nós, & que todos seus intentos
Saõ para nos matarem, & roubarem,
E mulheres, & filhos cativarem.

E tam-

80

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo:
Tu deves de ir tambem cos teus armado,
Esperalo em cilada occulto, & quedo;
Porque saindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

81

E se inda não ficarem deste feito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, & ardil, que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tão prudente,
Que os leve aonde sejão destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos taes casos sabio, & velho,
Os braços pello collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E bus-

83

E busca mais para o cuidado engano,
Mouro, que por Piloto â nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano,
De quem fiar se possa hum feito grande:
Dizlhe, que acompanhando o Lusitano
Por taes costas, & mares com elle ande,
Que se daqui escapar, que là diante
Vâ cair donde nunca se levante.

84

Jâ o rayo Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama cos seus determinava
De vir por agoa â terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano ja sabido,
Mas pode suspeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

85

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pello Piloto necessario,
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario:
Por isto, & porque bem sabe quanto erra
Quem se crè de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia
Em tres bateis sòmente, que trazia.

Mas

86

Mas os Mouros, que andavão pella praya
Por lhe defender a agoa desejada,
Hũ de escudo embraçado, & de azagaya,
Outro de arco encurvado, & seta ervada;
Esperaõ que a guerreira gente saya,
Outros muitos ja postos em cilada,
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

87

Andão pella ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & com a haste perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Naõ sofre muito a gente generosa
Andarlhe os cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta taõ ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

88

Qual no corro sanguineo o ledo amante
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, & pondose diante
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, & poem por terra.

Eis

89

Eis nos batteis o fogo se levanta
Na furiosa,& dura artilharia,
A plumbea pêla mata,o brado espanta,
Ferido o ar retumba,& assovia:
O coraçaõ dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhes resfria,
Ja foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventuroso.

90

Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a victoria,estroe,& mata,
A povoaçaõ sem muro,& sem defesa,
Esbombardea,acende,& disbarata:
Da cavalgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou compralá mais barata,
Ja blasfema da guerra,& maldizia
O velho inerte,& a mãy,que o filho cria.

91

Fugindo,a seta o Mouro vai tirando,
Sem força de covarde,& de apressado,
A pedra,o pao,& o canto arremessando,
Dalhe armas o furor desatinado:
Ja a Ilha,& tudo o mais desemparando,
A terra firme foge amedrontado,
Passa,& corta do mar o estreito braço,
q̃ a Ilha em torno cerca em pouco espaço.

Huns

92

Huns vaõ nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem ſe afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
Arrombaõ as miudas bombardadas
Os pangayos ſubtis da bruta gente,
Deſta arte o Portuguez em fim caſtiga
A vil malicia, perfida inimiga.

93

Tornão vitorioſos para a armada,
Co deſpojo da guerra, & rica preſa,
E vaõ a ſeu prazer fazer agoada,
Sem achar reſiſtencia, nem defeſa:
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca aceſa,
E vendo ſem vingança tanto dano,
Sò mente eſtriba no ſegundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ſer dos Luſitanos entendido,
Que em figura de paz, lhe manda guerra:
Porque o Piloto falſo prometido,
Que toda a mà tençaõ no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em ſinal das pazes, que tratava.

O

95

O Capitaõ, que ja lhe entam convinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & vento tinha,
Para ir buscar o Indo desejado:
Recebendo o Piloto, que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro attento,
As vellas mandou dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada
As ondas de Anfirite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia:
O Capitaõ, que naõ caìa em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, & costa, que passava.

97

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Bacco lhe ensinàra,
De morte, ou cativeiro novos danos,
Antes que à India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara,
Que avendo por verdade, o que dizia
De nada a forte gente se temia,

98

E dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon aos Frigios enganou,
Que perto está huma Ilha, cujo assento,
Povo antigo Christaõ sempre habitou:
O Capitaõ, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve à terra, onde esta gẽte estava.

99

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christaõ lhe mãdà, & pede,
Que a terra he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, & morte lhe imagina,
Porque em poder, & forças muito excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pella fama.

100

Para lâ se inclinava a leda frota,
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por hir buscar a morte naõ cuidada:
Naõ consente, que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada:
E com ventos contrarios a desvia,
Donde o Piloto falso a leva, & guia.

101

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinaçaõ levar avante,
Outra maldade iniqua cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os levàraõ por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eraõ Christaõs, cõ Mouros juntamente.

102

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava,
Que aqui gente de Christo naõ havia,
Mas a que Mafamede celebrava:
O Capitaõ, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandava,
Mas naõ querendo à Deosa guardadora,
Naõ entra pella barra, & surge fóra.

103

Estava a Ilha à terra taõ chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia,
Huma Cidade nella situada,
Que na fronte do mar aparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descubria,
Regida por hum Rey de antiga idade,
Mõbaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

104

E sendo a ella o Capitaõ chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que ja sabia a gente, que era,
Que Bacco muito d'antes o avisára,
Na forma doutro Mouro, que tomára.

105

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos eraõ de inimigos,
Segundo foi o engano descuberto:
O grandes, & gravissimos perigos!
O caminho da vida, nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida taõ pouca segurança!

106

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida:
Onde póde acolherse hũ fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que naõ se arme, & indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra taõ pequeno.

CAN-

## CANTO II.

### ARGUMENTO.

*Dar elRey de Mombaça o fim prepara*
*Ao Gama Illustre, com mortal engano,*
*Dece Venus ao mar, a frota ampara,*
*E fallar sobe ao Padre soberano:*
*Iove os casos futuros lhe declara,*
*Appar ce Mercurio ao Lusitano,*
*Chega a frota a Melinde, & o Rey potente*
*Em seu porto a recebe alegremente.*

1

IA neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, & lenta meta,
A luz celeste ás gentes encubrindo:
E da casa maritima secreta
Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrin (do
Quando as infidas gentes se chegàrão,
As naos, que pouco havia que ancorárão.

2

D'entre ell s hum, que traz encomendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitaõ valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o Reyno, & salsa via:
O Rey, que manda esta Ilha, alvoroçado
De tua vinda, tem tanta alegria,
Que naõ deseja mais que agasalharte,
Verte, & do necessario reformarte.

3

E porque està em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga, que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, & cançada,
Diz, que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

4

E se, buscando vâs mercadoria,
Que produz o aurifero Levante,
Canella, Cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante,
Daqui levaràs tudo taõ sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

5

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rey agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se escõde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, naõ temendo,
Cumprirà sem receyo seu mandado,
Que a mais por tal senhor està obrigado.

6

Perguntalhe depois se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, q̃ a mais da gẽte em Christo cria:
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantesia,
Por onde o Capitaõ seguramente
Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E de alguns, que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos:
Manda dous mais sagazes ensayados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, o poder, & porque vejão
Os Christãos, que sò tanto ver desejão.

8

E por estes ao Rey presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava:
Ja a companhia perfida, & nefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foraõ com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

9

E depois que ao Rey apresentàraõ
Co recado os presentes, que traziaõ,
A Cidade corrèrão, & notàrão,
Muito menos daquillo, que queriaõ:
Que os Mouros cautelosos se guardàraõ
De lhe mostrarem tudo o que pediaõ,
Que onde reyna malicia està o receyo,
Que a faz imaginar no peito alheyo.

10

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foi nascido
De duas mãys, que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido:
Estava em hũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido,
Mostrandose Christaõ, & fabricava
Hum altar sumptuoso, que adorava.

Alli

11

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto,& Santo Espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix,Virgem pura:
A companhia santa està pintada
Dos doze,taõ torvados na figura,
Como os que sò das lingoas,que cahirão
De fogo,varias lingoas referirão.

12

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Bacco estava,
Poem em terra os giolhos,& os sentidos
Naquelle Deos,que o mundo governava:
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Pancaya odorifera queimava
O Thiomeu,& assi por derradeiro
O falso Deos,adora o verdadeiro.

13

Aqui foraõ denoite agasalhados,
Com todo o bom,& honesto tratamento,
Os dous Christãos,não vẽdo q̃ enganados
Os tinha o falso,& santo fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo,& nũ momento
Appareceo no rubido Orizonte,
Da moça de Titão a roxa fronte.

Tor-

14

Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rey, para que entrassem, & consigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rey mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não aver receyo de perigo,
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no salso rio entrar queria.

15

Dizemlhe os que mãdou, que em terra virão
Sacras aras, & sacerdote santo,
Que alli se agasalhàrão, & dormîrão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rey, & gentes não sentìrão,
Senão contentamento, & gosto tanto,
Que não podia certo haver sospeita
Nũa mostra taõ clara, & tão perfeita.

16

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subião,
Que levemente hum animo se fia,
De mostras, que tão certas parecião:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziaõ,
Alegres vinhão todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

Na

17

Na terra cautamente aparelhavão
Armas, & munições, que como vissem,
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem:
E com esta treiçaõ determinavão,
Que os de Luso do porto não sahissem.
E que incautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinhaõ feito,

18

As ancoras tenaces vaõ levando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sós ao vento dando,
Inclinaõ para a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, & taõ secreta,
Voa do Ceo ao mar como hũa seta.

19

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia:
E propondolhe a causa, a que deceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar, que a armada naõ chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

Ja

20

Ja n'agoa erguendo vaõ com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atravessa
Com mais furor o mar, do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agoa crespa, em força summa,
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos hombros d'hũ Tritaõ com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa:
Ja chegão perto donde o vento teso
Enche as vellas da frota bellicosa,
Repartemse, & rodeão nesse instante
As naos ligeiras, que hião por diante.

22

Poemse a Deosa com outras em direito
Da proa Capitana, & alli fechando
O caminho da barra, estaõ de geito,
Que ẽ vão assopra o vẽto a vella inchãdo:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando,
Outras em derredor levandoa estavaõ,
E da barra inimiga a desviavaõ.

Quaes

23

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
Ás forças exercitaõ de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Alli saõ seus trabalhos, & fadigas,
Alli mostraõ vigor nunca esperado,
Taes andavão as Ninfas estorvando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

24

Torna para detraz à nao forçada,
A pesar dos que leva, que gritando,
Mareaõ vellas, ferve a gente irada,
O leme a hũ bordo, & outro atravessãdo:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se levanta,
No rude marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Maura gẽte espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuidão, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

26

Eilos subitamente se lançavaõ
A seus bateis velozes, que traziáo,
Outros em cima o mar alevantavaõ,
Saltando na agoa, a nadó se acolhiaõ:
De hũ borbo, & de outro subito saltavaõ,
Que o medo os compellia, do que viaõ,
Que antes querem aó mar aventurarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

27

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fòra da agoa incautamente:
Daqui, & dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo, que se sente,
E acolhendose ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agoa lhe aparecem.

28

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que aó perigo grande as naos guiára,
Crendo, que seu enganó estava notó,
Tambem foge, saltando na agoa amara:
Mas por naõ darem no penedo immóto,
Onde percaõ a vida doce, & chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

29

Tendo o Gama atentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, & juntamente
O Piloto fugirlhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, & sem braveza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a não passar avante não podia,
Avendoo por milagre, assi dizia.

30

O caso grande, estranho, & não cuidado!
O milagre clarissimo, & evidente!
O descuberto engano inopinado!
O perfida, inimiga, & falsa gente!
Quem poderà do mal aparelhado
Livrarse sem perigo sabiamente,
Se lâ de cima a guarda soberana
Naõ acudirà fraca força humana?

31

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
O tu guarda divina tem cuidado
De quem sem ti não pòde ser guardado.

E se

32

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que sò por tua altissima bondade,
Da gente à salvas, perfida, & maligna:
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscamos,
Pois sò por teu serviço navegamos.

33

Ouviolhe estas palavras piedosas
A fermosa Dióne, & commovida,
D'entre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficàraõ desta subita partida:
Iá penetra as estrellas luminosas,
Ià na terceira Esfera recebida,
Avante passa, & là no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

34

E como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
E tudo quanto a via, namorava:
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornava de fogo a Esfera fria.

E por

35

E por mais namorar ao soberano
Padre, de quẽ foi sempre amada, & chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troyano,
Na selva Idea ja se apresentára:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matirão,
Que primeiro desejos o acabárão.

36

Os crespos fios de ouro se esparziaõ
Pello collo, que a neve escurecia,
Andando, as lacteas tetas lhe tremiã o,
Cõ que o Amor brincava, & não se via:
Da alva petrina flamas lhe sahião,
Onde o minino as almas acendia,
Pellas lizas columnas lhe trepavão
Desejos, que como Hera se enrolavão.

37

Cum delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nẽ descobre,
O veo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro,
Ja se sentem no Ceo por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

38

E moſtrando no angelico ſembrante
Co riſo hũa triſteza miſturada,
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amoroſos, maltratada:
Que ſe queixa, & ſe ri nũ meſmo inſtante.
E ſe torna entre alegre magoada:
Deſta arte a Deoſa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimoſa, que triſte, ao Padre fala.

39

Sempre eu cuidei, ò Padre poderoſo,
Que para as couſas, q̃ eu do peito amaſſe
Te achaſſe brando, affavel, & amoroſo,
Poſto que a algum contrario lhe pezaſſe:
Mas pois que contra mi te vejo iroſo,
Sem que to mereceſſe, nem te erraſſe,
Façaſe como Bacco determina,
Aſſentarei em fim, que fui mofina.

40

Eſte povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vaõ caídas vejo,
Que aſſaz de mal lhe quero, pois q̃ o amo,
Sendo tu tanto contra meu deſejo:
Por elle a ti rogando, choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo,
Ora pois porque o amo he maltratado,
Querolhe querer mal, ſerà guardado.

Mas

41

Mas morra emfim nas mãos das brutas gẽtes,
Que pois eu fui;& nisto,de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co orvalho fica a fresca rosa:
Callada hũ pouco,como se entre os dẽtes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguila,& indo por diante,
Lhe atalha o poderoso,& graõ Tonante.

42

E destas brandas mostras commovido,
Que moveráõ de hũ Tigre o peito duro,
Co vulto alegre,qual do Ceo subido
Torna sereno,& claro o ar escuro:
As lagrimas lhe alimpa,& acendido,
Na face a beija,& abraça o collo puro,
De modo que dalli,se sò se achâra,
Outro novo Cupido se gerára.

43

E co seu apertando o rosto amado,
Que os soluços,& lagrimas augmenta,
Como o minino da ama castigado,
Que quem o afaga, o choro lhe acrecẽta:
Por lhe pòr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe està dizendo.

44

Fermosa filha minha, naõ temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha, que vejais,
Esqueçeremse Gregos, & Romanos,
Pellos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

45

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogycia Ilha eterno escravo,
E se Antenor os ceyos penetrou
Iliricos, & a fonte de Timavo:
E se o piedoso Eneas navegou
De Scila, & de Caribdis o mar bravo,
Os vossos mòres cousas intentando,
Novos mundos ao mũdo irão mostrãdo.

46

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados,
Os Turcos bellacissimos, & duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reys da India livres, & seguros,
Vereis ao Rey potente subjugados,
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leys melhores.

47

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando:
Oh caso nunca visto, & milagroso,
Que trema, & ferva o mar ẽ calma estãdo!
O gente forte, & de altos pensamentos!
Que tambẽ della haõ medo os Elemẽtos!

48

Vereis a terra, que agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hũ porto mui decẽte,
Em que vaõ descançar da longa via,
As naos, que navegarem do Occidente:
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagarâ tributo, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49

E vereis o Mar roxo tão famoso
Tornarselhe amarello de enfiado,
Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
Duas vezes tomado, & subjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

50

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous cercos terà, dos vossos sendo,
Alli se mostrarà seu preço,& sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Envejoso vereis o graõ Mavorte,
Do peito Lusitano fero,& horrendo,
Do Mouro alli veraõ,que a voz extrema,
Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.

51

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virâ depois a ser senhora
De todo Oriente,& sublimada,
Cos triumphos da gente vencedora:
Alli soberba,altiva,& exalçada,
Ao Gentio,que os Idolos adora,
Duro freo porâ,& a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

Vereis a fortaleza sustentarse
De Cananor,com pouca força,& gente,
E vereis Calecut desbaratarse,
Cidade populosa,& tam potente:
E vereis em Cochim assinalarse
Tanto hum peito soberbo,& insolente,
Que citara ja mais cantou vitoria,
Que assi mereça eterno nome,& gloria.

Nunca

53
Nunca com Marte instructo, & furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora, & do famoso
Nilo, & Bactro Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egypcia linda, & não pudica.

54
Como vereis o mar fervendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, & o Mouro preso,
De naçoens differentes triunfando:
E sogeita a rica Aurea Chersoneso,
Atè o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlheha todo o Occeano obediente.

55
De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá taõ forte peito,
Do Gangetico mar, ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo de afrõtados
Resuscitassem todos os passados.

56

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maya à terra, porque tenha
Hum pacifico porto, & sossegado
Para onde sem receo a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe mãda mais, q̃ em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

57

Ja pello ar o Cyleneo voava,
Com as azas nos pés à terra dece,
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cançados adormece,
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, & o vento lhe obedece,
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foi chegado.

58

Consigo a fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande, & raro,
q̃ o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado, & charo:
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & preclaro,
Ja Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & o modo.

59
Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavaõ temerosas,
Para que â gente mande,que se aparte
Da barra imiga,& terras sospeitosas:
Porque mui pouco val esforço,& arte
Contra infernaes vontades enganosas,
Pouco val coraçáõ,astucia,& siso,
Se lâ dos Ceos naõ vem celeste aviso.

60
Meio caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo,co â luz alhea
Tinhaõ o largo mundo allumiado,
E sò co sono a gente se recrea:
O Capitaõ illustre ja cançado
De vigiar a noite,que recea,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava.

61
Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo,fuge,fuge Lusitano
Da cilada,que o Rey malvado tece,
Por te trazer ao fim,& extremo dano,
Fuge,que o vento,& o Ceo te favorece,
Sereno o tempo tens,& o Occeano,
E outro Rey mais amigo noutra parte
Onde podes seguro agasalharte.

62.

Naõ tens aqui senaõ aparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cavallos à gente, que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terâs certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas, & feras.

63

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade,
Lâ quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rey com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa, & sabia guia.

64

Isto Mercurio disse, & o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, & vè ferida a escura treva
De hũa subita luz, & rayo santo:
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Cõ novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as vellas dèsse ao vento, q̃ assoprava.

Dai

65

Dai vellas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, & Deos o mãda,
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda:
Alevantase nisto o movimento
Dos marinheiros de hũa, & d'outra bãda,
Levão, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força, que se estima.

66

Neste tempo, que as ancoras levavaõ,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mançamente as amarras lhe cortavaõ,
Por serem, dando â costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavão
Os Portugueses sempre apercebidos,
Elles como acordados os sentiraõ,
Voando, & naõ remando lhes fugiraõ.

67

Mas ja as agudas proas apartando
Hiaõ as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento, & brando,
Com suave, & seguro movimento:
Nos perigos passados vaõ fallando,
Que mal se perderâõ do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida escapa em salvo por acerto.

Tinha

68

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E noutra começava, quando vîraõ
Ao longe dous navios, brandamente
Cos ventos navegando, que respiraõ:
Porque haviaõ de ser da Maura gente,
Para elles arribando as vellas viraõ,
Hum de temor do mal, que receava,
Por se salvar a gente, â costa dava.

69

Naõ he o outro, que fica, taõ manhoso,
Mas nas maõs vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano:
Que como fosse debil, & medroso
Da pouca gente o fraco peito humano
Naõ teve resistencia, & se a tivera,
Mais danno, resistindo, recebêra.

70

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou, q̃ entre estes Mouros o tomasse,
Mas naõ lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos Ceos a India estava,
Porém dizemlhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharáõ Piloto certo.

71

Louvam do Rey os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito:
O Capitão o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito
O Cylinéo em sonhos, & partia,
Para onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

72

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Ouropa a luz Febea;
Quãdo hũ, & outro corno lhe aquẽtava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a que tudo está sugeito
O sello poz a tudo quanto tinha feito.

73

Quando chegava a frota âquella parte
Onde o Reyno Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia:
Treme a bandeira, vóa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia:
Soaõ os atambores, & pandeiros,
E assi entravão ledos, & guerreiros.

74

Enchese toda a praya Melindana,
Da gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada:
Surge diante a frota Lusitana,
Pèga no fundo a ancora pezada,
Mandão fòra hũ dos Mouros, q̃ tomàrão,
Por quem sua vinda ao Rey manifestárão.

75

O Rey, que ja sabia da nobreza,
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que saissem,
Para que de seus Reynos se servissem.

76

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rey mãda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar, & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas cevadas,
Com as frutas, que então na terra avia,
E a vontade á dadiva excedia.

Recebe

77

Recebe o Capitaõ alegremente
O mensageiro ledo,& seu recado,
E logo manda ao Rey outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea cor ardente,
O ramoso coral,fino,& prezado,
Que debaixo das agoas molle crece,
E como he fòra dellas se endurece.

78

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rey nobre as pazes concertasse,
E que de não sair aquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse:
Partido assi o Embaxador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse,
Com estilo,que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava.

79

Sublime Rey,a quem do Olympo puro
Foi da summa Justiça concedido,
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado,que temido:
Como porto mui forte,& mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar,para que achemos
Em ti o remedio certo,que queremos.

Naõ

80

Naõ somos roubadores, que passando
Pellas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo as gentes vam matãdo,
Por roubarlhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hũ Rey, q̃ temos alto, & sublimado?

81

Que geração tam dura hahi de gente,
Que barbaro costume, & usança fea,
Que não vedem os portos tam sómente,
Mas ainda o hospicio da deserta area?
Que mâ tenção, q̃ peito em nòs se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea?
Que cõ laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruidos?

82

Mas tu, em quẽ mui certos confiamos
Acharse mais verdade, ó Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do Interprete divino,
Que pois ati nos manda está muy claro,
Que é de peito sincero, humano, & raro.

E nam

83

E não cuides, ò Rey, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a servirte, porque visse,
Ou sospeitasse em ti peito fingido:
Mas saberâs, que o fez, porque comprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rey, que lhe manda que não saya,
Deixãdo a frota em algũ porto, ou praya.

84

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererâs, pois tens de Rey o officio,
Que ninguem a seu Rey desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete, q̃ conheça
Em tudo aquillo, q̃ elle, & os seus puderẽ,
Em quanto os rios para o mar correrem.

85

Assi dizia, & todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavão muito o estamago da gente,
Que tantos Ceos, & mares vai passando:
E o Rey illustre, o peito obediente
Dos Portuguêses, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, & mui subido,
O do Rey, que he tam longe obedecido.

86

E com risonha vista, & ledo aspeito
Responde ao Embaixador, q̃ tãto estima,
Toda a sospeita mâ tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, & obras saõ de geito
Para vos ter o mundo em muita estima,
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pòde ter subido pensamento.

87

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento naõ consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tam leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

88

Porèm como a luz crastina chegàda
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar á forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos,
Piloto, muniçoens, & mantimentos.

Isto

89

Isto disse,& nas agoas se escondia
O filho de Latona,& o mensageiro
Cō a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro:
Enchem os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra,que buscavão,
E assi ledos a noite festejavão.

90

Naõ faltaõ alli rayos de artificio,
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra,& as ondas atroando:
Mostrase dos Cyclópas o exercicio,
Nas bombas,q̃ de fogo estaõ queimando,
Outros com vozes, com q̃ o Ceo feriaõ,
Instrumentos altisonos tangiaõ.

91

Respondemlhe da terra juntamente,
Co rayo volteando com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pò sulfureo escondido:
A grita se levanta ao Ceo da gente,
O mar se via em fogos acendido,
E naõ menos a terra,& assi festeja,
Hum ao outro,á maneira de peleja.

92

Mas ja o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E ja a mãy de Memnon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiaõse as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rey Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93

Viaõse em derredor ferver as prayas,
Da gente, que a ver sò concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabayas,
Lustraõ os panos da tecida seda:
Em lugar das guerreiras azagayas,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira,

94

Hum batel grande, & largo, que toldado
Vinha de seda de diversas cores,
Traz o Rey de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reyno, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores,
Na cabeça hũa fota guarnecida
D'ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Caba-

95

Cabaya de Damasco rico,& dino,
Da Tyria cor,entre elles estimada,
Hum collar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
C'um resplandor reluze adamantino,
Na cinta a rica daga bem lavrada,
Nas alparcas dos pés,em fim de tudo,
Cobrem ouro,& aljofar ao veludo,

96

Com hum redondo amparo alto de seda
Numa alta,& dourada hastea enxerido,
Hum ministro a Solar quentura veda,
Que naõ offéda,&queime o Rey subido:
Musica traz na proa estranha,& leda,
De aspero som,horrisono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rude estrondo.

97

Naõ menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia
A receber no mar ao Melindano
Com lustrosa,& honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa, que vestia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

98

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibam ajunta, & chega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Pluma na gorra hum pouco declinada.

99

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o Murice excellente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente:
Tal o fermoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante,
Da bella Ninfa, filha de Thaumante.

100

Sonorosas trombetas incitávam
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pellas aguoas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam
Com as nuves do fumo o Sol tomando
Amcudãose os brados acendidos
Tâpam co as mãos os Mouros os ouvidos.

Já

101

Já no batel entrou do Capitaõ
O Rey, que nos seus braços o levava,
Elle co a cortesia, que a razaõ,
(Por ser Rey) requeria lhe fallava:
Cũmas mostras de espanto, & admiraçaõ,
O Mouro o gesto, & modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de taõ longe à India vinha.

102

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus Reynos lhe cõprisse,
E que se mantimento lhe falece,
Como se proprio fosse, lho pedisse:
Dizlhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que ja ouvio dizer, que noutra terra,
Com gente de sua ley tivesse guerra.

103

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizeraõ,
Quando nella ganhárão a Coroa
Do Reyno, onde as Hesperides viveraõ:
E com muitas palavras apregoa,
O menos, que os de Luso merecerão,
E o mais, que pella fama o Rey sabia,
Mas desta sorte o Gama respondia.

104

O tu, que sô tiveste piedade,
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana:
Aquella alta, & divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, & rege a gẽte humana
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nosoutros naõ podemos,

105

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebeste em paz do mar profundo,
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, & jocundo:
Em quanto apacentar o largo polo
As Estrellas, & o Sol der lume ao mundo,
Onde quer q̃ eu viver cõ fama, & gloria,
Viviráõ teus louvores em memoria.

106

Isto dizendo, os barcos vaõ remando,
Para a frota, que o Mouro ver deseja,
Vaõ as naos hũa, & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiaõ,
Cos anafis os Mouros respondiaõ.

Mas

107

Mas depois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava:
Mandava estar quieto, & ancorado
N'agoa o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar devagar co forte Gama
Nas cousas, de que tem noticia, & fama.

108

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pellas guerras famosas, & excellentes
Co povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pellas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora,
Agora pellos povos seus visinhos,
Agora pellos humidos caminhos,

109

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, & região
Do mundo, onde morais distintamente:
E assi de vossa antiga gêraçaõ,
E o principio do Reyno tam potente,
Cos successos das guerras do começo,
Que sem sabelas, sei que saõ de preço.

110

E assi tambem nos conta dos rodeyos
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheyos,
Que a nossa Africa rude tem creado:
Conta, que agora vem cos aureos freyos,
Os cavallos, que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, & o mar, & as ondas jazẽ.

111

E não menos co tempo se parece
O desejo de ouvirte, o que contares;
Que quẽ ha, que por Fama não conhece,
As obras Portuguesas singulares?
Nam tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tam rude peito,
Que não estimẽ muito hũ grande feito.

112

Cometerão soberbos os Gigantes
Cõ guerra vãa o Olympo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseo, de ignorãtes,
O Reyno de Plutão horrẽdo, & escuro:
Se ouve feytos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Neréo.

Quei-

113

Queimou o sagrado Templo de Diana.
Do sutil Tesifonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana.
Conhecido no mundo, & nomeâdo:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantejado,
Mais razão he, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tam dignas de memoria.

CANTO

## CANTO III.

### ARGUMENTO.

*A populosa Europa se descreve,*
*De Egas Moniz o feito sublimãdo,*
*Lusitania, que Reys, que guerras teve,*
*Christo a Affonso se expoem crucificado:*
*De Dona Inez de Castro a pura neve*
*Em purpura converte o povo irado,*
*Mostrase o vil descuido de Fernando,*
*E o grão poder de hum gesto suave, & brãdo.*

I.

AGora tu Calliope me ensina
O q̃ contou ao Rey o illustre Gama,
Inspira immortal canto, & voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ò linda dama,
Nũca por Daphne, Clicie, ou Leucothòe
Te negue o amor devido, como soe.

Poem

2

Poem tu, Ninfa, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja, & saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganipe corre, & mana:
Deixa as flores do Pindo, que ja vejo
Banharme Apollo na agoa soberana,
Senaõ direi, que tens algum receo,
Que se escureça o teu querido Orfeo.

3

Promptos estavão todos escutando,
O que o sublime Gama contaria,
Quãdo depois d'hũ pouco estar cuidãdo
Alevantando o rosto assi dizia:
Mandasme, ò Rey, que conte declarando,
De minha gente a graõ genealogia,
Naõ me mandas contar estranha historia,
Mas mandasme louvar dos meus a gloria,

4

Que outrem possa louvar esforço alheo,
Cousa he que se costu na, & se deseja,
Mas louvar os meus proprios arreceo,
Que louvor taõ suspeito mal me esteja:
E para dizer tudo, temo, & creo,
Que qualquer longo tempo curto seja,
Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, & serei breve.

Alem

5

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga
He naõ poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes por mais que diga,
Mais me ha de ficar ainda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve, & siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

6

Entre a Zona, que o Cancro senhorea,
Méta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente:
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pella parte do Arcturo, & do Occidente,
Com suas salsas ondas o Occeano,
E pella Austral o mar Mediterrano.

7

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha, mas o Rio,
Que dos montes Rifeos vai correndo,
Na lagoa Meoris, curvo, & frio:
As divide, & o mar, que fero, & horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troya triunfante,
Naõ vé mais que a memoria o navegante.

Lâ

8

Lâ onde mais debaixo está do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tam pouca força tem de Apollo
Os rayos, que no mundo resplandecem,
Que a neve està contino pellos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

9

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveraõ sobre a humana antiguidade,
Cos que tinhaõ entaõ a Egypcia terra:
Mas quem taõ fóra estava da verdade
(Ja que o juizo humano tanto erra)
Para que de mais certo se informàra,
Ao campo Damasceno o perguntàra,

10

Agora nestas partes se nomea
A Lapia fria, a inculta Noruéga,
Escandinavia Ilha, que se arrea
Das vitorias, que Italia não lhe nega:
Aqui em quanto as agoas naõ refrea
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Occeano
Pello Brusio, Succio, & frio Dano.

Entre

11

Entre este Mar, & o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Livonios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia os Marcomanos saõ Polonios:
Sogeitos ao Imperio de Alemanha,
Saõ Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias naçoẽs, que o Reyno frio
Lava, & o Danubio, Amâsis, & Albis rio.

12

Entre o remoto Istro, & claro Estreito,
Aonde Helle deixou co nome a vida,
Estaõ os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria taõ querida:
Onde co Hemo o Rhodope sogeito
Ao Otomano està, que som tida
Bizancio tem a seu serviço indino,
Boa injuria do grande Constantino,

13

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria:
E vós tambem ò terras excellentes
Nos costumes, engenhos, & ousadia:
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia,
Com que tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo

14

Logo os Dalmatas vivem,& no seyo,
Onde Antenor ja muros levantou,
A soberba Veneza està no meyo
Das agoas,que tam baixa começou:
Da terra hum braço vêa o mar,que cheyo
De esforço,naçoens varias sugeitou,
Braço forte de gente sublimada,
Naõ menos nos engenhos,que na espada.

15

Em torno o cerca o Reyno Neptunino,
Cos muros naturaes,por outra parte
Pello meyo o divide o Apenino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veyo,& bellica arte,
Pobre està ja da antiga potestade,
Tanto Deos se contenta da humildade,

16

Gallia alli se verâ,que nomeada
Cos Cesareos triunfos foi no mundo,
q̃ do Sequana,& do Rhódano he regada,
E do Garumna frio,& Rheno fundo:
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pyrene,se levantão,que segundo
Antiguidades contaõ,quando arderão,
Rios de ouro,& da prata entaõ correraõ.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio,& gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà com força,ou manha
A Fortuna inquieta porlhe noda,
Que lha naõ tire o esforço,& ousadia
Dos bellicosos peitos,que em si cria.

18

Com Tingitania entesta,& alli parece,
Que quer fechar o mar Mediterrano
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Com o extremo trabalho do Thebano:
Com naçoẽs differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano,
Todas de tal nobreza,& tal valor,
Que qualquer dellas cuida,q̃ he mellior.

19

Tem o Tarragonez,que se fez claro,
Sugeitando Partenope inquieta,
O Navarro as Asturias,que reparo
Jà foraõ,contra a gente Mahometa:
Tem o Galego cauto,& o grande,& raro
Castelhano,a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha,& senhor della,
Betis,Leaõ,Granada,com Castella.

20

Eis aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda, o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba, & o mar começa,
E onde Phebo repousa no Occeano:
Esta quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitandoo de si fòra, & là na ardente
Africa, estar quieto o não consente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual, se o Ceo me dà, q̃ eu sem perigo
Torne com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz alli comigo:
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Bacco antigo,
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nelle então os Incolas primeiros.

22

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vè, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama, ninguem virà, que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve:
Esta o velho, que os filhos propios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro, & leve,
Veo a fazer no mundo tanta parte,
Criandoa Reyno illustre, & foi desta arte.

23

Hũ Rey, por nome Affonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Q̃ por armas sanguineas, força, & manha,
A muitos fez perder a vida, & terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Herculano Calpe à Caspia serra,
Muitos (para na guerra esclarecerse)
Vinhaõ a elle, & à morte offerecerse.

24

E cum amor intrinseco accendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Eraõ de varias terras conduzidos,
Deixãdo a patria amada, & propios lares:
Despois que em feitos altos, & subidos
Se mostrárão nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes,
Levassem premio digno, & does iguaes.

25

Destes, Henrique dizem, que segundo
Filho d'hũ Rey de Ungria experimetado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Entaõ não era illustre, nem prezado:
E para mais sinal de amor profundo,
Quiz o Rey Castelhano, que casado
Com Tereja sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

26

Eſte depois que contra os deſcendentes
Da eſcrava Agar vitorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo,o que a ſeu forte peito deve:
Em premio deſtes feitos excellentes,
Deolhe o ſupremo Deos em tẽpo breve,
Hum filho,que illũſtraſſe o nome ufano,
Do bellicoſo Reyno Luſitano.

27

Ja tinha vindo Henrique da conquiſta
Da Cidade Hieroſolyma ſagrada,
E do Jordaõ a area tinha viſta;
Que vio de Deos a carne em ſi lavada:
Que não tendo Gotfredo,a quem reſiſta,
Depois de ter Judéa ſobjugada,
Muitos,que neſtas guerras o ajudârão
Para ſeus ſenhorios ſe tornârão.

28

Quando chegado ao fim de ſua idade
O forte,& famoſo Ungaro eſtremado,
Forçado da fatal neceſſidade,
O eſprito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixava ſeu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay,tal filho ſe eſperava.

29

Mas o velho rumor, naõ sei se errado
(q̃ em tanta antiguidade naõ ha certeza)
Conta, que a mãy tomãdo todo o estado,
Do segundo Hyminèo naõ se despreza:
O filho orfaõ deixava desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o senhorio todo sò seu era,
Porque para casar, seu pay lhas dera.

30

Mas o Princepe Affonso, que desta arte
Se chamava, do Avó tomando o nome,
Vendose em suas terras naõ ter parte,
q̃ a mãy, cõ seu marido as mãda, & come!
Fervendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome,
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

31

De Guimaraẽs o campo se tingia
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy, que taõ pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, & a terra:
Com elle posta em campo ja se via,
E naõ vé a soberba o muito que erra,
Contra Deos, contra o maternal amor,
Mas nella o sensual era mayor.

O

32

O Progne crua, ò magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais,
Da maldade dos pays, da culpa alhea,
Olhai que inda Theresa pecca mais:
Incontinencia mâ, cobiça fea,
São as causas deste erro principais;
Scylla por hũa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.

33

Mas ja o Princepe claro o vencimento
Do padrasto, & da iniqua mãy levava,
Ja lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos atava,
Mas de Deos foi vingada em tẽpo breve,
Tanta veneraçaõ aos pays se deve.

34

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Tharesa,
Contra o taõ raro em gente Lusitano,
A quem nenhũ trabalho agrava, ou pesa:
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Naõ sò contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afugenta.

35

Não paſſa muito tempo,quando o forte
Princepe em Guimarães eſtâ cercado,
De infinito poder,que deſta ſorte,
Foi refazerſe o imigo magoado:
Mas com ſe offerecer â dura morte,
O fiel Egas amo,foi livrado,
Que de outra arte pudera ſer perdido,
Segundo eſtava mal apercebido.

36

Mas o leal vaſſallo conhecendo,
Que ſeu ſenhor naõ tinha reſiſtencia,
Se vai ao Caſtelhano,prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeſſa,& conſciencia
D'Égas Moniz,mas naõ conſente o peito
Do moço illuſtre,a outrem ſer ſogeito.

37

Chegado tinha o praſo prometido,
Em que o Rey Caſtelhano ja aguardava,
Que o Princepe a ſeu mando ſobmetido,
Lhe deſſe a obediencia,que eſperava:
Vendo Egas,que ficava fementido,
O que delle Caſtella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

38

E com ſeus filhos, & mulher ſe parte
A levantar com elles a fiança,
Deſcalços, & deſpidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingāça:
Se pretendes, Rey alto, de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, e is aqui venho offerecido
A te pagar co a vida o prometido.

39

Ves aqui trago as vidas innocenes,
Dos filhos ſem peccado, & da conſorte,
Se a peitos generoſos, & excellentes
Dos fracos ſatisfaz a fera morte:
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquētes,
Nellas ſòs exprimenta toda a ſorte
De tormentos, de mortes, pello eſtillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

40

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a gargāta, & ja entregado,
Eſpera pello golpe tam temido;
Tal diante do Princepe indignado,
Egas eſtava a tudo offerecido:
Mas o Rey, vendo a eſtranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

41

O gram fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto, & narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro saõ prezára,
Que vinte Babilonias, que tomára.

42

Mas ja o Princepe Affonso aparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava,
De alem do claro Tejo deleitoso:
Ja no campo de Ourique se assentava
O arrayal soberbo, & bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto q̃ em força, & gente taõ pequeno.

43

Em nenhũa outra cousa confiado,
Senaõ no summo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que para hum sò cem Mouros haveria?
Julga qualquer juizo sossegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cẽto.

Cinco

44

Cinco Reys Mouros saõ os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcãça a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa, & forte dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudàrão,
E as que o Termodonte ja gostàraõ.

45

A matutina luz serena, & fria
As Estrellas do Polo ja apartava,
Quando na Cruz o Filho de MARIA,
Mostrandose a Affonso o animava:
Elle adorando, quem lhe apparecia,
Na Fê todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E naõ a mi, que creo o que podeis.

46

Com tal milagre os animos da gente
Portuguesa inflamados, levantavaõ
Por seu Rey natural este excellente
Princepe, que do peito tanto amavaõ:
E diante do exercito potente
Dos imigos gritando, o Ceo tocavaõ,
Dizendo em alta voz, Real, Real,
Por Affonso Alto Rey de Portugal.

47

Qual cos gritos,& vozes incitado,
Pella montanha,o râbido molosso,
Contra o touro remete,que fiado
Na força està do corno temeroso:
Ora pèga na orelha,ora no lado
Latindo mais ligeiro,que forçoso,
Atè que em fim rompendolhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

48

Tal do Rey novo o estamago acendido
Por Deos,& pello povo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Com animoso exercito rompente:
Levantão nisto os perros o alarido,
Dos gritos,tocaõ arma,ferve a gente,
As lanças,& arcos tomão,tubas soaõ,
Instrumentos de guerra tudo atroaõ.

49

Bem como quando a flama,que ateada
Foi nos aridos campos(assoprando
O sibilante Boreas)animada
Co vento o seco mato vai queimando:
A pastoral companha,que deitada
Co doce sono estava,despertando
Ao estidor do fogo,que se atea,
Recolhe o fato,& foge para a aldea.

Desta

50

Desta arte o Mouro attonito, & turbado,
Toma sem tento as armas mui depressa,
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portuguez o encontra denodado,
Pellos peitos as lanças lhe atravessa,
Huns caem meyo mortos, & outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

51

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer hũa alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno mostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, & malha,
Rompe, corta, desfaz, abolla, & talha.

52

Cabeças pello campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, & sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, & o gesto amortecido:
Ja perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tābem do cāpo a cor se perde,
Tornando carmesi de branco, & verde.

Jà

53

Ja fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofeos, & presa rica,
Desbaratado, & roto o Mauro Ispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reys vencidos.

54

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle, de quem foi favorecido:
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meyo
Dos sinco azues, q̃ ẽ Cruz pintado veyo.

55

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram vitoria, o Rey subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sobjugada'
Foi juntamente, & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo regas taõ sereno.

56

A estas nobres Villas sobmetidas,
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Sintra o duro braço:
Sintra, onde as Nayades escondidas
Nas fontes, vão fugindo aos doces laços,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

57

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

58

Lâ do Germanico Albis, & do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção santa erão partidos:
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Cõ o arrayal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos Ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulisseos.

Cinco

59

Cinco vezes a Lua se escondéra,
E outras tantas mostràra cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendéra
Ao duro cerco, que lhe estava posto:
Foi a batalha tão sanguinea, & fera,
Quanto obrigava o firme presuposto,
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos ja desesperados.

60

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos ja passados
A grande força nunca obedeceo,
Dos frios povos Scyticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
q̃ o Ibero o vio, & o Tejo amedrentados,
E em fim do Bethis tanto algũs puderaõ,
Que á terra de Vandalia nome deraõ.

61

Que Cidade tão forte, por ventura
Haverá, que resista, se Lisboa
Naõ pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Ja lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alamquer, por onde soa
O tom das frescas agoas entre as pedras,
Que mormurãdo lavão, & Torres-vedras.

E

62

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis âs forças mais que humanas,
Entregandolhe os muros, & os poderes:
E tu lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres,
Que Elvas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estaõ rendidas.

63

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longe a terra, & a gente,
Pellos arcos reaes, que cento, & cento,
Nos ares se levantaõ nobremente,
Obedeceo por meyo, & ousadia
De Giraldo, que medos naõ temia.

64

Ja na Cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso, que naõ sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Naõ se lhe pode muito sustentar
A Cidade, mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada,
Provando os fios vai da dura espada.

65

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra,& juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentioo a Villa,& vio o senhor della,
Que a socorrella vinha diligente,
Pella fralda da serra descuidado,
Do temeroso encontro inopinado.

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros pioēs,darmas,& de ouro
Guarnecidos, guerreiros,& lustrosos:
Mas qual no mez deMayo o bravo touro,
Cos ciumes das vacas receosos,
Sentindo gente,bruto,& cego amante,
Saltea o descuidado caminhante.

67

Desta arte Affonso,subito mostrado,
Na gente dâ,que passa bem segura,
Fere,mata,derriba denodado,
Foge o Rey Mouro,& sò da vida cura:
De hum panico terror todo assombrado,
Só de seguillo o exercito procura,
Sendo estes que fizeraõ tanto abalo,
No mais,que sò sessenta de cavalo.

Logo

68

Logo ſegue a vitoria ſem tardança
O grão Rey incançavel ajuntando
Gentes de todo o Reyno, cuja uſança,
Era andar ſempre terras conquiſtando:
Cercar vai Badajoz, & logo alcança
O fim de ſeu deſejo pelejando
Com tanto esforço, & arte, & valentia,
Que a fez fazer âs outras companhia.

69

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O caſtigo daquelle, que o merece,
Ou para que ſe emmende âs vezes tarda,
Ou por ſegredo, q̃ homem não conhece:
Se atè aqui o forte Rey reſguarda,
Dos perigos a que elle ſe offerece,
Agora lhe não deixa ter defeſa,
Da maldiçaõ da mãy, que eſtava preſa.

70

Que eſtando na Cidade, que cercâra,
Cercado nella foi dos Leoneſes,
Porque a conquiſta della lhe tomâra,
De Leaõ ſendo, & naõ dos Portugueſes:
A pertinacia aqui lhe cuſta cara,
Aſſi como acontece muitas vezes,
Que ẽ ferros quebra as pernas, indo aceſo
Aa batalha, onde foi vencido, & preſo.

71

O famoso Pompeio, naõ te pene
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitoria indina:
Posto que o Rio Fasis, ou Syene,
Que para nenhũ cabo a sombra inclina,
O Beótes gelado, & a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

72

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
Enioços, & Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, & os Capadoces,
E Judea, que hum Deos adora, & ama:
E que os moles Sofenos, & os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As agoas dos dous rios, cuja fonte,
Està noutro mais alto, & santo monte.

73

E posto em fim, que desdo mar de Athlante,
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Ja vencedor te vissem, naõ te espante,
Se o campo Emathio sò te vio vencido:
Porque Affonso veràs soberbo, & ovante
Tudo render, & ser depois rendido,
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tor-

74

Tornado o Rey ſublime finalmente,
Do divino Iuizo caſtigado,
Depois que em Santarem ſoberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado:
E depois que do Martyre Vicente
O ſantiſſimo corpo venerado,
Do ſacro promontorio conhecido,
Aa Cidade Ulyſſea foi trazido.

75

Porque levaſſe avante ſeu deſejo,
Ao forte filho manda o laſſo velho,
Que âs terras ſe paſſaſſe de Alem-Tejo,
Com gente,& com belligero aparelho:
Sancho de esforço,& animo ſobejo,
Avante paſſa,& faz correr vermelho
O Rio,que Sevilha vai regando,
Co ſangue Mouro,barbaro,& nefando.

76

E com eſta vitoria cobiçoſo,
Ja não deſcança o moço,atê que veja
Outro eſtrago,como eſte,temeroſo
No barbaro,que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Princepe ditoſo,
Sem ver o fim daquillo,que deſeja,
Aſſi eſtragado o Mouro,na vingança
De tantas perdas poem ſua eſperança.

77

Ja ſe juntaõ do monte,a quem Meduſa,
O corpo fez perder,que teve o Ceo,
Ja vem do promontorio de Ampeluſa,
E do Tinge,que aſſento foi de Anteo:
O morador de Abila naõ ſe eſcuſa,
Que tambem com ſuas armas ſe moveo,
Ao ſom da Mauritana,& rouca tuba,
Todo o Reyno,que foi da nobre Juba.

78

Entrava com toda eſta companhia,
O Miralmumini em Portugal,
Treze Reys Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o Ceptro Imperial:
E aſſi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem,
Porém naõ lhe ſuccede muito bem.

79

Dalhe combates aſperos,fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroſo,
Naõ lhe aproveita ja trabuco horrendo
Mina ſecreta,ariete forçoſo:
Porque o filho de Affonſo,naõ perdendo
Nada do esforço,& acordo generoſo,
Tudo provê com animo,& prudencia,
Que ẽ toda a parte hà esforço,& reſiſtẽcia.

Mas

80

Mas o velho, a quem tinhão ja obrigado
Os trabalhos os annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho està cercado,
Em Santarem do Mouro, povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza com a idade.

81

E co a famosa gente â guerra usada,
Vai soccorrer o filho, & assi juntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breve os Mouros tem desbaratados:
A campina, que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos, chea fica.

82

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmumini sò naõ fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe esta vitoria permitio,
Daõ louvores, & graças sem medida,
Que em casos taõ estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

83

De tamanhas vitorias triunfava
O velho Affonso, Princepe subido,
Quãdo, quẽ tudo em fim vẽcẽdo andava
Da larga, & muita idade foi vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagárão seus annos deste geito,
Aa triste Libitina seu direito.

84

Os altos promontorios o chorárão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagârão,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pello mundo se alargârão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reyno chamarâõ,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

85

Sancho forte mancebo, que ficâra
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida ja se exprimentâra,
Quando o Bethis de sangue se tingia:
E o barbaro poder desbaratàra,
Do Ismaelita Rey de Andaluzia,
E mais quãdo, os q̃ Beja em vão cercàrão
Os golpes de seu braço em vão provárão.

86

Depois que foi por Rey alevantado,
Havendo poucos annos que reynava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada,que passava,
De armas fortes,& gente apercebida,
A recobrar Judea,ja perdida.

87

Passavão a ajudar na santa empresa
O roxo Federico,que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da Cidade,onde Christo padeceo:
Quando Guido co a gente em sede acesa
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavão
As agoas,que os de Guido desejavão.

88

Mas a fermosa armada,que viera,
Por contraste de vento àquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Ja que em serviço vai do santo Marte:
Assi como a seu pay acontecéra,
Quando tomou Lisboa,da mesma arte,
Do Germano ajudado,Sylves toma,
E o bravo morador destroe,& doma.

89

E se tantos trofeos do Mahometa,
Alevantando vai, tambem do forte
Leonés, naõ consente estar quieta;
A terra usada aos casos de Mavorte:
Atè que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas Villas suas vizinhas,
Que por armas, tu Sãcho, humildes tinhas.

90

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segũdo Affonso, & Rey terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcaçare do Sal por derradeiro,
Porque de antes os Mouros o tomàraõ,
Mas agora estruidos o pagárão.

91

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manço, & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, q̃ mandava, era mandado:
De governar o Reyno, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Naõ

92

Naõ era Sancho, naõ, taõ deshonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, & depois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem taõ cruel âs gentes, & molesto,
Que a Cidade queimasse, onde vivia,
Nem taõ mao, como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rey Sardinapalo.

93

Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicilia foi de seus tiranos,
Nem tinha, como Fâlaris, achado
Generos de tormentos inhumanos:
Mas o Reyno de altivo, & costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rey naõ obedece, nem consente,
Que naõ for mais que todos excellente.

94

Por esta causa o Reyno governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou
Seu irmaõ Sancho, sempre ao ocio dado:
Este Affonso o Terceiro se chamou,
E desque teve o Reyno segurado,
Em dilatalo, cuida, que em terreno,
Naõ cabe o altivo peito taõ pequeno.

95

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em caſamento dada, grande parte
Recupera co braço, & deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte:
Eſte de todo fez livre, & ſenhora
Luſitania com força, & bellica arte,
E acabou de oprimir a naçaõ forte
Na terra, q̃ aos de Luſo coube em ſorte.

96

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonſo eſtirpe nobre, & dina,
Com quem a fama grande ſe eſcurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com eſte o Reyno proſpero floreee,
(Alcançada ja a paz, aurea divina)
Em conſtituiçoẽs, leys, & coſtumes,
Na terra ja tranquilla claros lumes.

97

Fez primeiro em Coimbra exercitarſe
O valeroſo officio de Minerva,
E de Helicona as Muſas fez paſſarſe,
A piſar do Mondego a fertil erva:
Quanto pòde de Athenas deſejarſe,
Tudo o ſoberbo Apollo aqui reſerva,
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, & do ſempre verde Louro.

Nobres

98

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias ja maduros,
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte, & excellente.

99

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Com peito desprezou firme, & sereno,
Porque naõ he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porèm quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno
Entrârão pellas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrella.

100

Nunca com Semiramis gente tanta
Veyo os campos Hidaspicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo:
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartesios ajuntada.

E ven-

101

E vendo o'Rey sublime Castelhano,
A força inexpugnavel, grande, & forte,
Temendo mais o fim do povo Ispano
Ja perdido hũa vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada,
Daquelle, a cujo Reyno foi mandada,

102

Entrava a fermosissima Maria,
Pellos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fòra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pellos eburneos hombros espalhados,
Diante do pay ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha.

103

Quantos povos a terra produzio,
De Africa toda, gente fera, & estranha,
O graõ Rey de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Depois que lo salso mar a terra banha:
Traz tal ferocidade, & furor tanto,
Que a vivos medo, & a mortos faz espãto.

Aquelle

104

Aquelle, que me dèste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder offerecido
Ao duro golpe està da Maura espada:
E se naõ for contigo socorrido,
Vermehas delle, & do Reyno ser privada,
Viuva triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

105

Por tanto, ò Rey, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congèla,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Aa miseravel gente de Castella:
Se esse gesto que mostras claro, & ledo,
De pay o verdadeiro amor assella,
Acude, & corre pay, que se naõ corres,
Pòde ser que naõ aches quem soccorres.

106

Naõ de outa sorte a timida Maria
Fallando està, q a triste Venus, quando
A Jupiter seu pay favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando:
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das maõs o rayo infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezandolhe do pouco que lhe pede.

107

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vaõ qualhados,
Lustra co Sol o arnés, a lança, a espada,
Vaõ rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada,
Os corações à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Pellas concavidades retumbando,

108

Entre todos no meyo se sublima,
Das insignias Reaes acompanhad
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leva o collo levantado
E sòmente co gesto esforça, & anì
A qualquer coraçaõ amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Raynha della,

109

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estaõ defronte
Da grande multidaõ da cega gente,
Para quem saõ pequenos cãpo, & monte:
Naõ ha peito taõ alto, & taõ potente,
Que de desconfiança naõ se afronte,
Em quanto naõ conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja:

Estaõ

110

Estaõ de Agar os netos quasi rindo,
Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno,
As terras como suas repartindo
Ante maõ, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Serraceno;
Assi tambem com falsa conta, & nua,
A a nobre terra alhea, chamão sua.

111

Qual o membrudo, & barbaro Gigante,
Do Rey Saul, com causa taõ temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Sò de pedras, & esforço apercebido:
Com palavras soberbas arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pòde a fé, q̃ a força humana.

112

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, & não entende,
Que està ajudado da alta Fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhaño, & com destreza,
De Marrocos o Rey comete, & offende,
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reyno de Granada.

113

Eis as lanças,& espadas reteniāo
Por cima dos arneses,bravo estrago,
Chamāo (segundo as leys, q̃ alli seguiaõ)
Huns Mafamede,& outros San-Tiago:
Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meyo mortos se afogavāo,
Quando do ferro as vidas escapavāo.

114

Com esforço tamanho estrue,& mata
O Luso ao Granadil,q̃ em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa,ou peito de aço:
De alcançar tal vitoria tam barata,
Inda nāo bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está cõ Mauritano.

115

Ja se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis,& inclinado
Para o ponẽte o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quãdo o poder do Mouro grãde,horrẽdo
Foi pellos fortes Reys desbaratado,
Com tanta mortandade,que a memoria
Nunqua no mundo vió taõ graõ vitoria.

116

Naõ matou quarta parte o forte Mario,
Dos que morrêrão neste vencimento,
Quãdo as agoas co sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
q̃ alqueires tres de aneis dos mortos toma.

117

E se tu tantas almas sò pudeste
Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permissaõ, & vingança foi celeste,
E não força de braço, ò nobre Tito,
Que assi dos Vates foi profetizado,
E depois por JESUS certificado.

118

Passada esta taõ prospera vitoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, & mesquinha,
Que depois de ser morta foi Raynha,

119

Tu sò tu puro amor, com força crua,
Que os coraçoẽs humanos tanto obriga,
Deste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero, & tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120

Estavas, linda Inez, posta em sossego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo, & cego,
Que a Fortuna naõ deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, & ás ervinhas,
O nome, que no peito escrito tinhas.

121

Do teu Principe alli te respondião
As lembranças, que na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fermosos se apartavão:
De noite em doces sonhos, que mentiaõ,
De dia em pensamentos, que voavão,
E quanto em fim cuidava, & quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.



D'outras

122

D'outras bellas senhoras, & Princezas,
Os desejados thalamos engeita,
Que tudo ẽ fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suave te sugeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita,
O murmurar do povo, & fantasia
Do filho, que casarse naõ queria,

123

Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crendo co sangue sò da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse levantada,
Contra hũa fraca dama delicada?

124

Traziaõna os horriferos algozes
Ante o Rey, ja movido a piedade,
Mas o povo com fallas, & ferozes
Razoẽs, a morte crua o persuade:
Ella com tristes, & piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, & saudade
Do seu Princepe, & filhos, que deixava,
Que mais q̃ a propria morte a magoava.

125

Para o Ceo criſtalino levantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos,porq̃ as mãos lhe eſtava atando
Hum dos duros miniſtros riguroſos:
E depois nos mininos atentando,
Que taõ queridos tinha, & tão mimoſos,
Cuja orfandade como mãy temia,
Para o avò cruel aſſi dizia.

126

Se jâ nas brutas feras,cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento:
E nas aves agreſtes,que ſòmente
Nas rapinas aerias tem o intento:
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tão piedoſo ſentimento,
Como co a mãy de Nino ja moſtrârão,
E cos irmãos,que Roma edificârão,

127

O tu,que tens de humano o geſto,& peito,
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca,& ſem força,ſô por ter ſugeito
O coração,a quem ſoube vencella)
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o não tens à morte eſcura della;
Movate a piedade ſua,& minha,
Pois te não move a culpa,que não tinha.

E ſe

128

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo, & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem para perdella não fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poemme em perpetuo, & misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

129

Poemme onde se use toda a feridade,
Entre Leões, & Tigres, & verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos naõ achei:
Alli co amor intrinseco, & vontade,
Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

130

Queria perdoarlhe o Rey benino,
Movido das palavras, que o magoão,
Mas o pertinaz povo, & seu destino,
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoaõ,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregoaõ,
Contra hũa dama, ò peitos carniceiros,
Ferozes vos mostraes, & cavaleiros?

131

Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente, & mansa ovelha)
Na misera mãy postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece.

132

Taes contra Inez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, cõ que amor matou de amores
Aaquelle, que depois a fez Raynha:
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão fervidos, & irosos,
No futuro castigo naõ cuidosos.

133

Bem puderas, ò Sol, da vista destes,
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quãdo os filhos por mão de Atreu comia:
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria.
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

Assi

134

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, & bella,
Sendo das mãos lascivas mal tratada,
Da minina, que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada,
Tal està morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca, & viva cor, co a doce vida.

135

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memorâraõ,
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformâraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passâraõ,
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas saõ a agoa, e o nome amores

136

Naõ correo muito tempo, que a vingança
Naõ visse Pedro das mortaes feridas,
Que em tomando do Reyno a governãça,
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro, & injusto,
Que cõ Lepido, & Antonio fez Augusto.

137

Este castigador foi rigoroso,
De latrocinios, mortes, & adulterios;
Fazer nos maos cruezas, fero, & iroso,
Eraõ os seus mais certos refrigerios:
As Cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladroẽs castigando â morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

138

Do justo, & duro Pedro, nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, & sem cuidado algum Fernãdo,
Que todo o Reyno poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruirse o Reyno totalmente,
Que hũ fraco Rey faz fraca a forte gente.

139

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casarse com ella, de elevado
Num falso parecer, mal entendido:
Ou foi, que o coraçaõ sugeito, & dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, & fraco, & bem parece,
Que hũ baixo amor os fortes enfraquece.

Do

140

Do peccado tiverão sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, & permitio,
Os que foraõ roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Turquino o vio:
Pois por quem David santo se condena,
Ou quem o Tribu illustre destruìo,
De Benjamin, bem claro no lo ensina,
Por Sarra Faraò, Sichem por Dina.

141

E pois se os peitos fortes enfraquece,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omfale andava trãsformado:
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanta a Cleopatra affeiçoado,
Tu tambem Peno prospero o sentiste,
Depois que a moça vil na Apulia viste.

142

Mas quem pòde livrarse por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente
Entre as rosas, & a neve humana, & pura,
O ouro, & o alabastro transparente?
Quem de hũa peregrina fermosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coraçaõ converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?

143

Que vio hũ olhar seguro; hum gesto brando,
Hũa suave, & angelica excellencia,
Que em si està sẽpre as almas trãsformãdo,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo està Fernando,
Para quem tem de amor experiencia,
Mas antes tendo livre a fantesia,
Por muito mais culpado o julgaria.

## CANTO IV.

### ARGUMENTO

*Acclamado Ioão, de Pedro herdeiro,*
*Convoca Leonor ao Castelhano,*
*Oppoemse Nuno intrepido guerreiro,*
*Dase batalha, vence o Lusitano:*
*Quem a Aurora buscar tentou primeiro*
*Pellas tumidas ondas do Occeano,*
*E como ao Gama coube esta alta empresa,*
*Por affinar a gloria Portuguesa.*

I

DEpois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante vento,
Traz a menhãa serena claridade,
Esperança de porto, & salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento,
Assi no Reyno forte aconteceo;
Depois que o Rey Fernando falleceo.

Por-

2

Porque se muito os nossos desejárão,
Quem os danos, & offensas vâ vingando,
Naquelles, que também se aproveitárão,
Do descuido remisso de Fernando:
Depois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne sempre illústre levantando
Por Rey, como de Pedro unico herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de hũa minina
Ante tempo fallando o nomeou:
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz alevantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pello Rey novo Dom Ioaõ.

4

Alteradas entaõ do Reyno as gentes,
Com o odio, q̃ occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, & evidentes,
Faz do povo o furor por onde vinha:
Matando vaõ amigos, & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta,
Mais depois de viuva manifesta.

5

Mas elle em fim com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acõpanhado,
q̃ tudo o fogo erguido queima, & corre:
Quem como Astianax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nú por ruas, & em pedaços feito.

6

Podemse pòr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Scylla, quando o contrario lhe fugio:
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde, ao mundo descubrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano està, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com esta voz Castella levantada,
Dizendo, que esta filha ao pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regioens, & varias terras.

Vem

8

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo
(Se foi) ja teve o nome derivado,
Das terras, que Fernão, & que Rodrigo
Ganharão do tirano, & Mauro estado:
Naõ estimaõ das armas o perigo,
Os que cortando vaõ co duro arado,
Os campos Leoneses, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excellente.

9

Os Vandalos na antiga valentia,
Ainda confiados, se ajuntavaõ
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavão:
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavão,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

10

Tambem vem lá do Reyno de Toledo,
Cidade nobre, & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave, & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vosoutros tambem naõ tolhe o medo,
O sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
Aquelles, cujos golpes ja provastes.

11

Tambem move da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que carece
De pollidas razoẽs, & que as injurias,
Muito mal dos estranhos compadece:
A terra de Guipuscua, & das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para a judar na guerra a seus senhores.

12

Ioane, a quam do peito o esforço crece,
Como a São-São Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu Reyno se aparelha:
E não por que conselho lhe falleça,
Cos principais senhores se aconcelha,
Mas sò por ver das gentes as sentenças,
Que sempre ouve ẽtre muitos differenças

13

Não falta com razoẽs, quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade
Em quem o esfoçro antigo se converte
Em desusada, & mâ deslealdade:
Podendo otemor mais gelàdo, inerte,
Que apropia, & natural fidelidade,
Negão o Rey, & a patria, & se convem
Negaràm (como Pedro) o Deos, que tem.

14

Mas nunqua foi, que este erro se sentisse
No forte Dõ Nuno Alvarez, mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes:
Aaquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo,

15

Como, da gente illustre Portuguesa
Ha de haver, quem refute o patrio Marte?
Como, desta Provincia, que Princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte:
Ha de sair, quem negue ter defesa,
Quem negue a fè, o amor, o esforço, & arte,
De Portuguez, & por nenhum respeito,
O proprio Reyno queira ver sugeito?

16

Como, não sois vòs inda os descendentes
Daquelles, que bebaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros, & valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzerão em fugida de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afòra a presa, què tiverão.

Cõ

17

Com quem forão contino sopeados,
Estes, de quem o estais agora vòs,
Por Diniz, & seu filho sublimados,
Senão cos vossos fortes pays, & avos?
Pois se cõ seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraquesa assi vos pos,
Tornevos vossas forças o Rey novo,
Se he certo, que co Rey se muda o povo.

18

Rey tendes tal, que se valor tiverdes,
Igual ao Rey, que agora levantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receyo,
Que eu sò resistirei ao jugo alheyo.

19

Eu só com meus vassallos, & com esta,
(E dizendo isto arranca meya espada)
Defenderei da força dura, & infesta,
A terra nunca do outrem sojugada:
Em virtude do Rey, da Patria messa,
Da lealdade jà por vòs negada,
Vencerei, não sò estes adversarios,
Mas quantos a meu Rey forem contrarios.

20

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Canusio, reliquias sós de Canas,
Iâ para se entregar, quasi movidos,
A a Fortuna das forças Africanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarám, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida.

21

Desta arte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razoẽs,
Remove o temor frio, & importuno,
Que gelados lhes tinha os coraçoẽs:
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessoẽs.
Vão correndo, & gritando a boca aberta,
Viva o famoso Rey, que nos liberta.

22

Das gentes populares hũs approvão
A gerra, com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão, & renovão,
Que a ferugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofão, peitos provão,
Armase cada hum como convinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, & tençoẽs de seus amores.

Com

23

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria,
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

24

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Huno o foi primeiro,
Para Francezes, para Italianos:
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, & regelos,
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos,

25

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasquez de Almada he Capitão,
Que depois foi de Abrãches nobre Cõde,
Das gentes vai regendo a sestra maõ:
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas, & castellos o pendaõ,
Com Joanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

26

Estavaõ pellos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezãdo as mãys,irmãs,damas,& esposas,
Prometendo jejuns,& romarias:
Ja chegaõ as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

27

Respondem ás trombetas mensageiras
Pifanos sibilantes,& atambores,
Os Alferes volteaõ as bandeiras,
Que variadas saõ de muitas cores:
Era no seco tempo,que nas eiras
Ceres o fruito deixa aos lavradores,
Entra em Astrèa o Sol,no mes de Agosto,
Bacco das uvas tira o doce mosto.

28

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero,ingente,& temeroso,
Ouvioo o monte Attabro,& Guadiana,
Atraz tornou as ondas de medroso,
Ouvioo o Douro,& a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E as mãys,que o som terrivel escutàrão,
Aos peitos os filhinhos apertárão.

Quan-

29

Quantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coraçaõ acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo:
E se o naõ he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz naõ sentir, q̃ he perda grande, & rara,
Dos membros corporaes a vida cara.

30

Começase a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Huns leva a defensaõ da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira, em quẽ se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala,
Derriba, encõtra, & a terra emfim semea,
Dos que tanto a desejaõ, sendo alhea.

31

Jà pello espesso ar os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voaõ,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soaõ:
Espedaçaõse as lanças, & as frequentes
Quedas co as duras armas, tudo atroaõ,
Recrecem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32

Eis alli seus irmãos contra elle vão
(Caso feo,& cruel)mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Que contra o Rey, & a patria se levanta:
Destes arrenegados muitos saõ,
No primeiro esquadraõ,que se adianta,
Contra irmãos,& parentes,caso estranho,
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

33

O tu Sertorio,ó nobre Coriolano,
Catilina,& vósoutros dos antigos,
Que contra vossas patrias,com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no Reyno escuro de Sumano,
Recebérdes gravissimos castigos,
Dizeilhe,que tambem dos Portuguesses,
Alguns traidores houve algũas vezes.

34

Rompemse aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno,qual pellos outeiros
De Ceita está o fortissimo Leão:
Que cercado se vé dos cavalleiros,
Que os campos vaõ correr de Tetuaõ,
Perseguemno co as lanças,& elle iroso,
Turbado hũ pouco está,mas naõ medroso

Com

35
Com turva vista os vê, mas a natura
Ferina, & a ira naõ lhe compadecem,
Que as costas dé, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheyo; alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36
Sentio Joanne a afronta, que passava
Nuno, que como sabio Capitaõ,
Tudo corria, & via, & a todos dava,
Com presença, & palavras coraçaõ:
Qual parida Leoa fera, & brava,
Que os filhos, que no ninho sós estaõ,
Sentio, que em quãto o pasto lhe buscàra,
O pastor de Massilia lhos furtára.

37
Corre raivosa, & freme, com bramidos,
Os montes sete irmaõs atroa, & abala,
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode â primeira ala:
O fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vedes-

38

Vedefme aqui Rey voſſo, & companheiro,
Que entre as lanças,& ſetas, & os arneſes
Dos inimigos corro,& vou primeiro,
Pelejai verdadeiros Portugueſes:
Iſto diſſe o magnanimo guerreiro,
E ſopeſando a lança quatro vezes,
Com força tira,& deſte unico tiro,
Muitos lançârão o ultimo ſuſpiro.

39

Porque eis os ſeus aceſos novamente
De hũa nobre vergonha,& honroſo fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo:
Perfiaõ,tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro,&peitos logo,
Aſſi recebem junto, & daõ feridas,
Como a quem ja naõ doe perder as vidas,

40

A muitos mandaõ ver o Eſtigio lago,
Em cujo corpo a morte,&o ferro entrava,
O Meſtre morre alli de San-Tiago,
Que fortiſſimamente pelejava:
Morre tambem fazendo grande eſtrago
Outro Meſtre cruel de Calatrava,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem,arrenegando o Ceo,&os Fados.

Muitos

41

Muitos tambem do vulgo vil ſem nome
Vaõ, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trifauce Caõ perpetua fome
Tem das almas, que paſſaõ deſte mundo:
E porque mais aqui ſe amance, & dome
A ſoberba do imigo furibundo,
A ſublime bandeira Caſtelhana,
Foi derribada aos pés da Luſitana.

42

Aqui a fera batalha ſe encruece
Com mortes, gritos, ſangue, & cutiladas,
A multidaõ da gente, que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ja as coſtas daõ, & as vidas, ja falece
O furor, & ſobejaõ as lançadas,
Ja de Caſtella o Rey desbaratado
Se vê, & de ſeu propoſito mudado.

43

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deixar a vida,
Seguemno os que ficáraõ, & o temor
Lhe dá não pés, mas azas á fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda deſpendida,
Da magoa, da deshonra, & triſte nojo,
De ver outrem triunfar de ſeu deſpojo.

Alguns

44

Alguns vaõ maldizendo,& blasfemando
Do primeiro,que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vaõ culpando
Do peito cobiçoso,& fitibundo:
Que por tomar o alheo,o miserando
Povo aventura âs penas do profundo,
Deixando tantas mãys,tantas esposas,
Sem filhos,sem maridos desditosas.

45

O vencedor Joanne esteve ós dias
Costumados no campo,em grande gloria,
Com offertas depois,& romarias,
As graças deu a quem lhe deu vitoria:
Mas Nuno,que naõ quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senaõ por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

46

Ajudao seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira,
Lhe concede o despojo,& o vencimento:
Já de Sevilha a Bethica bandeira,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pès,sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

Destas;

47

Destas, & outras vitorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada jà da gente,
Derão os vencedores aos vencidos:
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reys inimigos por maridos,
Aas duas illustrissimas Inglezas,
Gentìs, formosas, inclitas princezas.

48

Não sofre o peito forte usado à guerra,
Não ter imigo, já a quem não faça dano,
E assi não tendo, a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey, que se desterra
Da patria, por fazer, que o Africano,
Conheça 'pleas ermas, quando excede
A ley de Christo à ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta:
O monte Abyla, & o nobre fundamento
De Ceita toma, & o torpe Mahometa,
Deita fòra, segura toda Espanha,
Da Iuliana mâ, & desleal manha.

Não

53

Cudro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a Patria não perdesse,
Quiz antes a liberdade ver perdida:
Este, porque se Espanha não temesse,
A cativeiro eterno se convida;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nẽ os Decios leaes fizèrão tanto.

54

Mas Affonso do Reyno unico herdeiro,
(Nome ẽ armas ditoso em nossa Esperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa, & humillima miseria:
Fora por certo invito cavaleiro,
Se não quizêra ir ver a terra Ibèria,
Mas Africa dirà ser impossivel,
Poder ninguem vencer o Rey terrivel.

55

Este póde colher as maçãs de ouro,
Que sòmente o Thyrinthio colher pode;
Do jugo, que elle poz ao bravo Mouro,
A cerviz inda agora não sacóde:
Na fronte a palma leva, & o verde louro
Das vitorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tanger populosa, & a dura Arzilla.

Porẽ

56

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixárão de diamante,
Aas Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto achão diante,
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dinas elegante,
Fizêrão cavaleiros nesta empresa,
Mais affinando a fama Portuguesa.

57

Porém depois, tocado de ambição,
E gloria de mandar amara, & bella,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reyno de Castella:
Ajuntase a inimiga multidão
Das soberbas,& varias gentes della:
Desde Cadiz ao alto Pirineo,
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

58

Não quiz ficar nos Reynos ocioso
O mancebo Ioanne,& logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foi ajuda,não pequena:
Saiose em fim do trance perigoso,
Com fronte não turbada,mas serena,
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

Porque

59

Porque o filhō sublime,& soberano,
Gentil,forte,animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles, q́ a Cesar matárão,
Nos Filipicos campos se vingárão.

60

Porém depois que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Princepe,que o Reyno então governa,
Foi Joanne segundo,& Rey trezeno:
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou,que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos,q́ eu vou buscando agora.

61

Manda seis companheiros,que passárað
Espanha,França,Italia celebrada,
E lâ no illustre porto se embarcârað,
Onde ja foi Parténope enterrada:
Napoles,onde os fados a mostrârað,
Fazendo a varias gentes sobjugada,
Para a illustrar no fim de tantos annos,
Cō senhorio de inclytos Ispanos.

62

Pello mar alto Siculo navegaõ,
Vaõse às prayas de Rhodes arenosas,
E dalli às ribeiras altas chegaõ,
Que co a morte de Magno saõ famosas:
Vaõ a Menfis,& às terras,que se regaõ
Das enchentes Niloticas undosas,
Sobem a Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo là guarda o santo rito.

63

Passaõ tambem as ondas Erythréas,
Que o povo de Israel sem nao passou,
Ficãolhe atraz as serras Nabathéas,
Que o filho de Ismael cõ o nome ornou:
As costas odoriferas Sabéas,
Que a mãy do bello Adonis tanto hõrou,
Cercaõ com toda Arabia descuberta,
Felix, deixando a Petrea,& a Deserta.

64

Entraõ no Estreito Persico onde dura,
Da confusa Babel,inda a memoria:
Alli co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tẽ por gloria:
Dalli vaõ em demanda da agoa pura,
Que causa ainda serà de larga historia,
Do Indo,pellas ondas do Occeano,
Onde naõ se atreveo passar Trajano.

65

Virão gentes incognitas, & estranhas,
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Regiaõ produz, & cria:
Mas de vias taõ asperas, tamanhas,
Tornarse facilmente naõ podia,
Lâ morrérão em fim, & lâ ficârão,
Que â desejada patria não tornârão.

66

Parece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moveo,
A subidos, & illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reyno, & nos altivos pensamentos:
Logo como tomou do Reyno o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficâra
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara,
Naõ deixasse de ser hum só momento
Conquistado, nô tempo, que á luz clara
Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso convidão, quando caem.

69

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginaçoés mais certas saõ,
Revolvendo contino em o conceito,
De seu officio, & sangue a obrigaçaõ:
Os olhos lhe occupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coraçaõ,
Porque tanto que lasso se adormece,
Morfeo em varias formas lhe apparece.

69

Aqui se lhe apresenta, que subia
Taõ alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante varios mundos via,
Naçoẽs de muita gente estranha; & fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os longos olhos estendéra,
Vio de antigos, longinquos, & altos mõtes
Nascerem duas claras, & altas fontes.

70

Aves agrestes, feras alimarias,
Pello monte salvatico habitavaõ,
Mil arvores sylvestres, & hervas varias,
O passo, & o trato âs gentes atalhavaõ:
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversaçaõ por si mostravaõ,
Que desq́ Adaõ peccou aos nossos annos,
Naõ as rompéraõ nunca pès humanos.

71

Das agoas se lhe antolhaõ, que sahiaõ,
Para elle os largos passos inclinando
Dous homẽs, que mui velhos pareciaõ,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiaõ
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça, & denegrida,
A barba irsuta, intonsa, mas comprida.

72

De ambos de dous a fronte coroada,
Ramos naõ conhecidos, & hervas tinha,
Hum delles a presença traz cançada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agoa com impeto alterada,
Parecia, que de outra parte vinha,
Bem como Alféo de Arcadia em Syracusa
Vai a buscar os braços de Aretusa,

73

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rey de longe brada:
O tu, a cujos Reynos, & Coroa,
Grande parte do mundo está guardada:
Nòs outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que he tẽpo, que ja mandes
A receber de nòs tributos grandes.

76

Eu ſou o illuſtre Ganges, que na terra
Celeſte tenho o berço verdadeiro,
Eſtoutro he o Indo Rey, que neſta ſerra
Que vés, ſeu naſcimento tem primeiro:
Cuſtarteemos com tudo dura guerra,
Mas inſiſtindo tu por derradeiro,
Com naõ viſtas vitorias ſem receyo,
A quantas gentes vés porâs o freyo.

75

Naõ diſſe mais o rio illuſtre, & ſanto,
Mas ambos deſparecem num momento,
Acorda Manoel cum novo eſpanto,
E grande alteraçâõ de penſamento:
Eſtendeo niſto Phebo o claro manto,
Pelo eſcuro Emisferio ſonolento,
Veyo a manhâa no Ceo pintando as cores
Da pudibunda roſa, & roxas flores.

76

Chama o Rey os ſenhores a conſelho,
E propoemlhe as figuras da viſaõ,
As palavras lhe diz do ſanto velho,
Que a todos forão grande admiraçaõ:
Determinão o nautico aparelho,
Para que com ſublime coração
Vá a gente, que mandar cortando mares,
A buſcar novos climas, novos ares.

Eu,

77

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se puzesse, o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito,
Presago o coração me prometia:
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom final, que em mi se via,
Me poem o inclito Rey nas mãos a chave
Deste cometimento grande, & grave,

78

E com rogo, & palavras amorosas,
q̃ he hũ mando nos Reys, q̃ a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas, & lustrosas,
Se alcanção com trabalho, & com fadiga:
Faz as pessoas altas, & famosas,
A vida, que se perde, & que periga,
Que quando ao medo infame não se rẽde
Então, se menos dura, mais se estende.

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para hũa empresa, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, & esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve:
Naõ sofri mais, mas logo, ò Rey subido
Aventurarme a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80

Imaginai tam grandes aventuras,
Quaes Euristeo a Alcides inventava,
O Leão Cleonéo, Harpias duras,
O porco de Erimantho, a Idra brava:
Decer em fim as sombras vãs, & escuras,
Onde os campos de Dyte a Estige lava,
Porque a maior perigo, a mór afronta,
Por vós ó Rey, o esprito, & carne he prõta.

81

Com mercés sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade,
Que à virtude louvada vive, & crece,
E o louvor a altos casos persuade:
A acompanharme logo se offerece,
Obrigado de amor, & de amizade,
Não menos cobiçoso de honra, & fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor,
Ambos são de valia, & de conselho,
De experiencia em armas, & furor:
Ja de mancebа gente me aparelho,
Em quem crece o desejo de valor,
Todos de grande esforço, & assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Foraõ de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem:
Assi forão os Mynias ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

84

E ja no porto da inclita Ulyssea,
Cum alvoroço nobre, & cum desejo
(Onde o licor mistura a branca area,
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão, & não recea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, & a de Marte
Estão para seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aerios estendartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De serno Olipo estrellas, como a d'Argos

Depois

86

Depois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, & manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sẽpre aos Nautas ante os olhos anda:
Para o sumo poder, que a Eterea corte,
Sustenta só co a vista veneranda,
Imploramos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

87

Partimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar està sentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Onde Deos foi em carne ao mũdo dado:
Certificote, ò Rey, que se contemplo,
Como fui destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duvida, & receyo,
q̃ a penas nos meus olhos ponho o freyo.

88

A gente da Cidade aquelle dia
(Huns por amigos, & outros por parẽtes,
Outros por ver sómente) concorria,
Saudosos na vista, & descontentes:
E nòs co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissaõ solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

Em

89

Em taõ longo caminho,& duvidoſo,
Por perdidos as gentes nos julgavão,
As mulheres com choro piedoſo,
Os homẽs com ſuſpiros, que arrancavaõ:
Mãys, eſpoſas,irmãas,que o temeroſo
Amor mais deſconfia,acreſcentavaõ;
A deſeſperaçaõ,& frio medo
De ja nos naõ tornar a ver taõ cedo.

90

Qual vai dizendo:ò filho,a quem eu tinha
Só para refrigerio,& doce amparo,
Deſta cançada ja velhice minha,
Que em choro acabará penoſo,& amaro:
Porque me deixas miſera, & meſquinha?
Porque de mim te vàs,ò filho caro
A fazer o funereo enterramento,
Onde ſejas de peixes mantimento?

91

Qual em cabello,ó doce,& amado eſpoſo,
Sem quẽ naõ quiz amor, que viver poſſa,
Porque his aventurar ao mar iroſo
Eſſa vida,que he minha,& naõ he voſſa?
Como por hum caminho duvidoſo,
Vos eſquece a affeiçaõ taõ doce noſſa?
Noſſo amor,noſſo vão contentamento,
Quereis que com as vellas leve o vento?

Neſtas,

92

Neſtas,& outras palavras,que diziaõ,
De amor,& de piedoſa humanidade,
Os velhos,& os mininos os ſeguiaõ,
Em quem menos esforço poem a idade:
Os montes de mais perto reſpondiaõ,
Quaſi movidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhavão,
Que em multidão com ellas ſe igualavão.

93

Nòs outros ſem a viſta levantarmos,
Nem â mây,nem â eſpoſa,neſte eſtado,
Por nos não magoarmos,ou mudarmos,
Do propoſito firme começado:
Determinei de aſſi nos embarcarmos,
Sem o deſpedimento coſtumado,
Que poſto que he de amor uſança boa,
A quem ſe aparta,ou fica,mais magoa.

94

Mas hum velho de aſpeito venerando,
Que ficava nas prayas,entre a gente,
Poſtos em nòs os olhos,meneando
Tres vezes a cabeça,deſconte:
A voz pezada hum pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum ſaber sò de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

O glo-

95

O gloria de mandar! ò vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
O fraudulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, & que justiça
Fazes no peito vaõ, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

96

Dura inquietaçaõ d'alma, & da vida,
Fonte de desamparos, & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reynos, & de Imperios:
Chamaõte illustre, chamaõte subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamaõte Fama, & gloria soberana,
Nomes, com que se o povo nescio engana.

97

A que novos desastres determinas
De levar estes Reynos, & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas, que Reynos, & q̃ minas
D'ouro, que lhe farás taõ facilmente?
Que Famas lhe prometerás, que historias?
Que triunfos, que palmas, que vitorias?

Mas

98

Mas ò tu, gèraçaõ daquelle insano,
Cujo peccado, & desobediencia,
Não sòmente do Reyno soberano,
Te poz neste desterro, & triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais q̃ humano,
Da quieta, & da simples innocencia,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, & de armas te deitou.

99

Já que nesta gostosa vaidade,
Tanto enlevas a leve fantasia,
Jà que â bruta crueza, & feridade,
Puzeste nome, esforço, & valentia:
Ja que prezas em tanta quantidade,
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que jà,
Temeo tanto perdella, quem a dá.

100

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terâs guerras sobejas,
Naõ segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu pella de Christo sò pelejas?
Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por vitorias ser louvado?

Deixas

101

Deixas criar âs portas o inimigo,
Por ires buſcar outro de tam longe,
Por quem ſe deſpovoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça,& ſe và deitando a longe?
Buſcas o incerto,& incognito perigo,
Porque a Fama te exalte,& te liſonge,
Chamandote ſenhor com larga copia,
Da India, Perſia, Arabia, & da Ethiopia?

102

O maldito o primeiro,que no mundo,
Nas ondas vella poz em ſeco lenho,
Digno de eterna pena do profundo,
Se he juſto â juſta ley,que ſigo, & tenho:
Nunca juizo algum alto,& profundo,
Nem cythara ſonora,ou vivo engenho,
Te dè por iſſo Fama, nem memoria,
Mas contigo ſe acabe o nome,& gloria.

103

Trouxe o filho de Japeto do Ceo
O fogo,que ajuntou ao peito humano,
Fogo,que o mundo em armas acendeo,
Em mortes, em deshonras, grâde engano:
Quanto melhor nos fora, Prometeo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua eſtatua illuſtre não tivera
Fogo de altos deſejos,que a movera?

56

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixárão de diamante,
Aas Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto achão diante,
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dinas elegante,
Fizèrão cavaleiros nesta empresa,
Mais affinando a fama Portuguesa.

57

Porém depois, tocado de ambição,
E gloria de mandar amara, & bella,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reyno de Castella:
Ajuntase a inimiga multidão
Das soberbas, & varias gentes della:
Desde Cadiz ao alto Pirineo,
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

58

Não quiz ficar nos Reynos ocioso
O mancebo Ioanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foi ajuda, não pequena:
Saiose em fim do trance perigoso,
Com fronte não turbada, mas serena,
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

59

Porque o filho sublime, & soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles, q̃ a Cesar matárão,
Nos Filipicos campos se vingárão.

60

Porém depois que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Princepe, que o Reyno então governa,
Foi Joanne segundo, & Rey trezeno:
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, q̃ eu vou buscando agora.

61

Manda seis companheiros, que passàraõ
Espanha, França, Italia celebrada,
E lâ no illustre porto se embarcâraõ,
Onde ja foi Partenope enterrada:
Napoles, onde os fados a mostrâraõ,
Fazendo a varias gentes sobjugada,
Para a illustrar no fin de tantos annos,
Cõ senhorio de inclytos Ispanos.

62

Pello mar alto Siculo navegaõ,
Vaõse às prayas de Rhodes arenosas,
E dalli às ribeiras altas chegaõ,
Que co a morte de Magno saõ famosas:
Vaõ a Menfis,& às terras,que se regaõ
Das enchentes Niloticas undosas,
Sobem a Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo là guarda o santo rito.

63

Passaõ tambem as ondas Erythréas,
Que o povo de Israel sem nao passou,
Ficãolhe atraz as serras Nabathéas,
Que o filho de Ismael cõ o nome ornou:
As costas odoriferas Sabéas,
Que a mãy do bello Adonis tanto hõrou,
Cercaõ com toda Arabia descuberta,
Felix, deixando a Petrea,& a Deserta.

64

Entraõ no Estreito Persico onde dura,
Da confusa Babel,inda a memoria:
Alli co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tẽ por gloria:
Dalli vaõ em demanda da agoa pura,
Que causa ainda serà de larga historia,
Do Indo,pellas ondas do Occeano,
Onde naõ se atreveo passar Trajano.

Virão

65

Virão gentes incognitas,& estranhas,
Da India,da Carmania,& Gedrosia,
Vendo varios costumes,varias manhas,
Que cada Regiaõ produz,& cria:
Mas de vias taõ asperas,tamanhas,
Tornarse facilmente naõ podia,
Lâ morrérão em fim,& lâ ficârão,
Que â desejada patria não tornârão.

66

Parece,que guardava o claro Ceo
A Manoel,& seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua,que o moveo,
A subidos,& illustres movimentos:
Manoel,que a Joanne succedeo
No Reyno,& nos altivos pensamentos:
Logo como tomou do Reyno o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67

O qual,como do nobre pensamento
Daquella obrigação,que lhe ficâra
De seus antepassados,cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara,
Naõ deixasse de ser hum só momento
Conquistado,no tempo,que á luz clara
Foge,& as estrellas nitidas,que saem,
A repouso convidão,quando caem.

69

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginaçoẽs mais certas saõ,
Revolvendo contino em o conceito,
De seu officio, & sangue a obrigaçaõ:
Os olhos lhe occupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coraçaõ,
Porque tanto que lasso se adormece,
Morfeo em varias formas lhe apparece.

69

Aqui se lhe apresenta, que subia
Taõ alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante varios mundos via,
Naçoẽs de muita gente estranha, & fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os longos olhos estendéra,
Vio de antigos, longinquos, & altos mõtes
Nascerem duas claras, & altas fontes.

70

Aves agrestes, feras alimarias,
Pello monte salvatico habitavaõ,
Mil arvores sylvestres, & hervas varias,
O passo, & o trato âs gentes atalhavaõ:
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversaçaõ por si mostravaõ,
Que desq̃ Adaõ peccou aos nossos annos,
Naõ as rompéraõ nunca pès humanos.

Das

71

Das agoas se lhe antolhaõ, que sahiaõ,
Para elle os largos passos inclinando
Dous homẽs, que mui velhos parecião,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça, & denegrida,
A barba irsuta, intonsa, mas comprida.

72

De ambos de dous a fronte coroada,
Ramos naõ conhecidos, & hervas tinha,
Hum delles a presença traz cançàda,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agoa com impeto alterada,
Parecia, que de outra parte vinha,
Bem como Alféo de Arcadia em Syracusa
Vai a buscar os braços de Aretusa,

73

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rey de longe brada:
O tu, a cujos Reynos, & Coroa,
Grande parte do mundo està guardada:
Nòs outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos, que he tẽpo, que ja mandes
A receber de nòs tributos grandes.

76

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
Que vés, seu nascimento tem primeiro:
Custarteemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com naõ vistas vitorias sem receyo,
A quantas gentes vés porâs o freyo.

75

Naõ disse mais o rio illustre, & santo,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Manoel cum novo espanto,
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Emisferio sonolento,
Veyo a manhãa no Ceo pintando as cores
Da pudibunda rosa, & roxas flores.

76

Chama o Rey os senhores a conselho,
E propoemlhe as figuras da visaõ,
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos forão grande admiraçaõ:
Determinão o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar cortando mares,
A buscar novos climas, novos ares.

Eu,

77

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se puzeſſe, o que o peito me pedia,
Que ſempre grandes couſas deſte geito,
Preſago o coração me prometia:
Não ſei porque razão, porque reſpeito,
Ou porque bom ſinal, que em mi ſe via,
Me poem o inclito Rey nas mãos a chave
Deſte cometimento grande, & grave,

78

E com rogo, & palavras amoroſas,
q̃ he hũ mando nos Reys, q̃ a mais obrigã,
Me diſſe: As couſas arduas, & luſtroſas,
Se alcanção com trabalho, & com fadiga:
Faz as peſſoas altas, & famoſas,
A vida, que ſe perde, & que periga,
Que quando ao medo infame não ſe rẽde
Então, ſe menos dura, mais ſe eſtende.

79

Eu vos tenho entre todos eſcolhido
Para hũa empreſa, qual a vós ſe deve,
Trabalho illuſtre, duro, & eſclarecido,
O que eu ſei que por mi vos ſerâ leve:
Naõ ſofri mais, mas logo, ò Rey ſubido
Aventurarme a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser eſta vida couſa tão pequena.

83

Foraõ de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem:
Assi forão os Mynias ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

84

E ja no porto da inclita Ulyssea,
Cum alvoroço nobre, & cum desejo
(Onde o licor mistura a branca area,
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão, & não recea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, & a de Marte
Estão para seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aerios estendartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olipo estrellas, como a d'Argos

Depois

86

Depois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, & manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sẽpre aos Nautas ante os olhos anda:
Para o sumo poder, que a Eterea corte,
Sustenta só co a vista veneranda,
Imploramos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

87

Partimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar està sentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Onde Deos foi em carne ao mũdo dado:
Certificote, ò Rey, que se contemplo,
Como fui destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duvida, & receyo,
q̃ a penas nos meus olhos ponho o freyo.

88

A gente da Cidade aquelle dia
(Huns por amigos, & outros por parẽtes,
Outros por ver sómente) concorria,
Saudosos na vista, & descontentes:
E nòs co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissaõ solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

89

Em taõ longo caminho,& duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavão,
As mulheres com choro piedoso,
Os homẽs com suspiros, que arrancavaõ:
Mãys, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavaõ;
A desesperaçaõ,& frio medo
De ja nos naõ tornar a ver taõ cedo.

90

Qual vai dizendo: ò filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio,& doce amparo,
Desta cançada ja velhice minha,
Que em choro acabará penoso,& amaro:
Porque me deixas misera,& mesquinha?
Porque de mim te vàs, ò filho caro
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

91

Qual em cabello, ó doce,& amado esposo,
Sem quẽ naõ quiz amor, que viver possa,
Porque his aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha,& naõ he vossa?
Como por hum caminho duvidoso,
Vos esquece a affeiçaõ taõ doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as vellas leve o vento?

Nestas,

92

Nestas,& outras palavras,que dizião,
De amor,& de piedosa humanidade,
Os velhos,& os mininos os seguião,
Em quem menos esforço poem a idade:
Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhavão,
Que em multidão com ellas se igualavão.

93

Nòs outros sem a vista levantarmos,
Nem â mãy,nem â esposa,neste estado,
Por nos não magoarmos,ou mudarmos,
Do pròposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor usança boa,
A quem se aparta,ou fica,mais magoa.

94

Mas hum velho de aspeito venerando,
Que ficava nas prayas,entre a gente,
Postos em nòs os olhos,meneando
Tres vezes a cabeça,descontente:
A voz pezada hum pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber sò de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

O glo-

95

O gloria de mandar! ò vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
O fraudulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, & que justiça
Fazes no peito vaõ, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

96

Dura inquietaçaõ d'alma, & da vida,
Fonte de desamparos, & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reynos, & de Imperios:
Chamaõte illustre, chamaõte subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamaõte Fama, & gloria soberana,
Nomes, com que se o povo nescio engana.

97

A que novos desastres determinas
De levar estes Reynos, & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas, que Reynos, & q̃ minas
D'ouro, que lhe farâs taõ facilmente?
Que Famas lhe prometerás, que historias?
Que triunfos, que palmas, que vitorias?

Mas

98

Mas ò tu, gèraçaõ daquelle insano,
Cujo peccado, & desobediencia,
Não sòmente do Reyno soberano,
Te poz neste desterro, & triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais q̃ humàno,
Da quieta, & da simples innocencia,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, & de armas te deitou.

99

Já que nesta gostosa vaidade,
Tanto enlevas a leve fantasia,
Jà que à bruta crueza, & feridade,
Puzeste nome, esforço, & valentia:
Ja que prezas em tanta quantidade,
O desprezo da vidà, que devia
De ser sempre estimada, pois que jà,
Temeo tanto perdella, quem a dá.

100

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terâs guerras sobejas,
Naõ segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu pella de Christo sò pelejas?
Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por vitorias ser louvado?

Deixas

101

Deixas criar âs portas o inimigo,
Por ires buſcar outro de tam longe,
Por quem ſe deſpovoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça,& ſe và deitando a longe?
Buſcas o incerto,& incognito perigo,
Porque a Fama te exalte,& te liſonge,
Chamandote ſenhor com larga copia,
Da India,Perſia,Arabia,& da Ethiopia?

102

O maldito o primeiro,que no mundo,
Nas ondas vella poz em ſeco lenho,
Digno de eterna pena do profundo,
Se he juſto â juſta ley,que ſigo, & tenho:
Nunca juizo algum alto,& profundo,
Nem cythara ſonora,ou vivo engenho,
Te dè por iſſo Fama, nem memoria,
Mas contigo ſe acabe o nome,& gloria.

103

Trouxe o filho de Japeto do Ceo
O fogo,que ajuntou ao peito humano,
Fogo,que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras, grãde engano:
Quanto melhor nos fora, Prometeo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua eſtatua illuſtre não tivera
Fogo de altos deſejos,que a movera?

104

Naõ comettèra o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio,
O grande Architector co filho, dando
Hum nome ao mar, & outro fama ao rio:
Nenhum cometimento alto, & nefando,
Por fogo, ferro, agoa, calma, & frio,
Deixa intentado a humana geraçaõ,
Misera sorte, estranha condiçaõ.

CANTO

# CANTO V.

## ARGUMENTO.

*Relata o Gama illustre ao Rey potente*
*Sua viagem longa, & incerta via,*
*As estranhas nações de Africa ardente,*
*E de Fernão Velloso a ousadia:*
*Como Adamastor viu, gigante ingente,*
*Que hum dos filhos da Terra se dizia,*
*E as cousas, que passou atè seu porto,*
*Onde repouso achou, & são conforto.*

1

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quãdo abrimos
As azas ao sereno, & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume usado,
A vella desfradando o Ceo ferimos,
Dizendo, boa viagem, logo o vento,
Nos troncos fez o usado movimento.

2

Eſtava neſte tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que co tempo ſe conſume,
Na ſexta idade andava enfermo, & lento:
Nella vè, como tinha por coſtume,
Curſos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa, & ſete, em que corria,
Quando no mar a armada ſe eſtendia.

3

Ja a viſta pouco, & pouco ſe deſterra
Daquelles patrios montes, que ficavaõ,
Ficava o caro Tejo, & a freſca ſerra
De Cintra, & nella os olhos ſe alongavão:
Ficavanos tambem na amada terra
O coraçaõ, que as magoas lá deixavão,
E ja depois que toda ſe eſcondeo,
Naõ vimos mais em fim, que Mar, & Ceo.

4

Aſſi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração algũa não abrio,
As novas Ilhas vendo, & os novos ares,
Que o generoſo Henrique deſcubrio:
De Mauritania os montes, & lugares,
Terra, que Antèo num tempo poſſuio,
Deixando â mão eſquerda, que â direita,
Não ha certeza doutra, mas ſoſpeita.

Paſſa-

5

Paſſamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo aſſi ſe chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ſer do mundo a derradeira
Se lhe avantajão quantas Venus ama,
Antes ſendo eſta ſua ſe eſquecèra
De Cypro, Gnido, Paſos, & Cythèra.

6

Deixámos de Maſſilia a eſtéril coſta,
Onde ſeu gado as Azenegues paſtam,
Gente, que as freſcas agoas nunqua goſta,
Nem as ervas do campo bẽ lhe abaſtam:
A terra a nenhum fruto em fim diſpoſta,
Onde as aves no ventre o ferro gaſtam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Berberia de Ethiopia.

7

Paſſamos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes eſtranhas lava, & rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arſinario o nome perde,
Chamandoſe dos noſſos Cabo Verde.

8

Passadas tendo ja as Canareas Ilhas,
Que tiverão por nome Furtunadas,
Entramos navegando pellas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras, por onde novas maravilhas
Andarão vendo ja nossas armadas,
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

9

A aquella Ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro San-Tiago,
Santo, que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Occeano, & assi deixamos
A terra, aonde o refresco doce achamos.

10

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diversas naçoens a negra gente:
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico, & luzente,
Que do Curvo Gambea as agoas bebe,
As quaes o lago Athlantico recebe.

As

11

As Dorcadas passamos povoadas
Das irmãas, que outro tempo alli vivião,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres de hum sò olho se servião:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas,
Neptuno, lâ nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente arêa.

12

Sempre em fim para o Austro â aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lioa,
Co Cabo, a quẽ das palmas nome démos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que alli temos,
Ficou, co a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado aDeos tocou.

13

Alli o mui grande Reyno està de Congo,
Por nòs ja convertido á Fè de Christo,
Por onde o Zaire passa claro, & longo,
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo,
Do conhecido Polo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado,
Onde o meyo do mundo he limitado.

14

Jà descuberto tinhamos diante
Lâ no novo Emisferio nòva estrella,
Nam vista de outra gente, que ignorãtes
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda senam sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

15

Assi passando aquellas regioẽs,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous Invernos fazendo, & dous Veroẽs,
Emquanto corre de hum a outro Polo:
Por calmas, por tormentas, & oppressoẽs,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas a pesar de Juno,
Banharemse nas agoas de Neptuno.

16

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, q̃ os homẽs naõ entendem
Subitas trovoadas temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo acendem:
Negros Chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovoẽs, q̃ o mundo fendem,
Nam menos he trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

17

Os casos vi, que os rudes marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Cõtaõ por certos sempre, & verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, & por sciencia
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgão por falsos, ou mal entendidos.

18

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, & vẽto esquivo,
De tempestade escura, & triste pranto:
Nam menos foi a todos excessivo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Vèr as nuves do mar com largo cano,
Sorver as altas agoas do Occeano,

19

Eu o vi certamente (& nam presumo
Que a vista me enganava) levantarse
No ar hum vaporsinho, & sutil fumo,
E do vento trazido rodearse:
De aqui levado hũ cano ao Polo summo
Se via tam delgado, que enxergarse
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuves parecia.

Hiase

20

Hiaſe pouco,& pouco acreſcentando,
E mais que hũ largo maſto ſe engroſſava,
Aqui ſe eſtreita,aqui ſe alarga,quando
Os golpes grãdes de agoa em ſi chupava:
Eſtavaſe cõ as ondas ondeando,
Em cima delle,nuve ſe eſpeſſava,
Fazendoſe maior,mais carregada,
Co a carga grãde de agoa em ſi tomada.

21

Qual roxa ſanguexuga ſe veria
Nos beiços da alimaria,que imprudente
Bebendo,a recolheo na fonte fria,
Fartar do ſangue alheo a ſede ardente:
Chupãdo mais,& mais ſe engroſſa,& cria,
Alli ſe enche,& ſe alarga grandemente,
Tal a grande columna enchẽdo aumenta
A ſi,& á nuve negra,que ſuſtenta.

22

Mas depois que de todo ſe fartou,
O pè,que tem no mar a ſi recolhe,
E pello Ceo chovendo em fim voou,
Porque co agoa à jacente agoa molhe:
Aas ondas torna as ondas,que tomou,
Mas o ſabor do ſal lhe tira,& tolhe,
Vejaõ agora os ſabios na eſcritura,
Que ſegredos ſaõ eſtes de natura.

Se os

23

Se os antigos Filosofos, que andârão
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passárão,
A tão diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escrituras, que deixàrão!
Que influição de signos, & de estrellas!
Que estranhezas, que grãdes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades?

24

Mas ja o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrâra, ẽ quãto o mar cortava a armada
Quando da eterea gavea hum marinheiro,
Pronto co a vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

25

Aa maneira de nuves se começão
A descubrir os montes, que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereção,
As vellas, ja chegados, amainamos:
E para que mais certas se conheção
As partes tão remotas, onde estamos,
Pello novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, & sabio.

26

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
De terra, que outro povo não pisou:
Porém eu, cos Pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

27

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomàraõ por força, em quãto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que naõ se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nòs, nem nòs a elle,
Salvâgem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria,
A nada disto o bruto se movia.

Mando

29

Mando mostrarlhe peças mui somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinaes, & por acenos,
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar com tudo, & assi caminha
Para a povoaçaõ, que perto tinha.

30

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nús, & da cor da escura treva,
Decendo pellos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que estoutro leva:
Domesticos ja tanto, & companheiros
Se nos mostraõ, que fazem que se atreva
Fernaõ Velloso a ir ver da terra o trato,
E partiuse com elles pello mato.

31

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante cré, que vai seguro,
Mas sendo hũ grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pello monte duro
Apparece, & seguindo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

O ba-

32

O batel de Coelho foi depressa,
Pello tomar,mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle,porque naõ se lhe escapasse:
Outro,& outro lhe saem,vesse em pressa
Velloso,sem que alguem lhe alli ajudasse,
Acudo eu logo,& ẽ quãto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descuberto.

33

De espessa nuve setas,& pedradas,
Chovem sobre nòsoutros sem medida,
E naõ foraõ ao vento em vaõ deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nòs,como pessoas magoadas,
A resposta lhe dèmos taõ tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita,
Que a cor vermelha levaõ desta feita.

34

E sendo ja Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea,& rude intento
Da gente bestial,bruta,& malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della,
E assi tornei a dar ao vento a vella,

Disse

35

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começandose todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de decer, que de subir:
Si he, responde o ousado aventureiro,
Mas quando eu para cà vi tantos vir
Daquelles caẽs, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cà sem mim.

36

Contou então, que tanto que passàrão
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o naõ deixârão,
Querendo, senão torna, alli matallo:
E tornandose logo, se embôscârão,
Porque saindo nòs para tomallo,
Nos pudessem mandar ao Reyno escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37

Porèm jà cinco Soes eraõ passados,
Que dalli nos partiamos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuve, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão

38

Tam temerosa vinha, & carregada,
Que poz nos coraçoẽs hũ grande medo,
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se dèsse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que mòr cousa parece, que tormenta?

39

Não acabava, quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta, & valida,
De disforme, & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquallida:
Os olhos encovados, & a postura
Medonha, & mà, & a cor terrena, & palida,
Cheos de terra, & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

40

Tam grande era de membros que bẽ posso
Certificarte, que este era o segundo,
De Rhodes estranhisimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
Cũ tõ de voz nos falla horrẽdo, & grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo,
Arrepiãose as carnes, & o cabelo,
A mĩ, & a todos só de ouvilo, & velo.

E disse

41

E disse: ò gente ousada, mais q̃ quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes, & tantas,
E por trabalhos vãos nunqua repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tẽpo ha já q̃ guardo, e tenho
Nũqua arados de estranho, ou propio le-
(nho.

42

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, & pela terra,
Que inda has de sojugar cõ dura guerra.

43

Sabe, que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terâm esta paragem,
Com ventos, & tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insufridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o dano, que o perigo.

Aqu-

44

Aqui espero tomar (se não me engano)
De quem me descobrio summa vingança,
E naõ se acabarà sò nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdiçoens de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

45

E do primeiro illustre, que a ventura,
Com fama alta fizer tocar os Ceôs,
Serei eterna, & nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos, & prosperos trofeos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

46

Outro tambem virâ de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, namorado,
E consigo trarà a fermosa dama,
Que amor por graõ merce lhe terâ dado:
Triste ventura, & negro fado os chama,
Neste terreno meu, que duro, & irado,
Os deixarà de hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão

47

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados,& nacidos,
Verão os Cafres asperos,& avaros
Tirar à linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros,& preclaros,
Aa calma,ao frio,ao ar verão despidos,
Depois de ter pisado longamente
Cos delicados pès a area ardente.

48

E veraõ mais os olhos,que escaparem
De tanto mal,de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fèrvida,& implacavel espessura:
Alli depois que as pedras abrandarem,
Com lagrimas de dor,de magoa pura,
Abraçados, as almas soltaràõ,
Da fermosa,& miserrima prisaõ.

49

Mais hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados,quando alçado,
Lhe disse eu: quem es tu, q esse estupendo
Corpo,certo me têm maravilhado?
A boca,& os olhos negros retrocendo,
E dando hum espantoso,& grande brado,
Me respondeo com voz pesada,& amara,
Como quem da pergunta lhe pesàra.

50

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo,
A quem chamais vósoutros Tormentorio,
Que nũca a Ptolomeo, Pōponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passàram fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo,
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

51

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fui na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fui Capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52

Amores da alta esposa de Peleo,
Me fizerão tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezei do Ceo,
Só por amar das agoas à Princesa:
Hum dia a vi co as filhas de Nereo
Sair nua na praya, & logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda naõ sinto cousa, q̃ mais queira.

53

Como fosse impossivel alcançalla,
Pella grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entaõ por mi lhe falla,
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo, qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o de hum Gigante.

54

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com q̃ com minha honra escuse o dano;
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cahir naõ pude neste engano
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encherã õme com grandes abondanças
O peito de desejos, & esperanças.

55

Ja nescio, ja da guerra desistindo,
Hũa noite de Doris prometida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, a face, & os cabellos.

56

O que não sei de nojo como o conte,
Que crendo ter nos braços, quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte,
De aspero mato, & de espessura brava:
Estando cum penedo fronte a fronte,
Que eu pello rostro angelico apertava,
Não fiquei homẽ naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

57

O Ninfa a mais fermosa do Occeano,
Ja que minha presença naõ te agrada,
Que te custava terme neste engano,
Ou fosse monte, nuve, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa, & da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quẽ de meu prãto, & de meu mal se risse.

58

Erão ja neste tempo meus irmãos,
Vencidos, & em miseria extrema postos,
E por mais segurarse os Deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo naõ valem maõs,
Eu, que chorãdo andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

Con-

59

Converteoseme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeraõ,
Estes membros, que vès, & esta figura
Por estas longas agoas se estendèrão:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertèrão
Os Deoses, & por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

60

Assi contava, & cum medonho choro,
Subito dante os olhos se apartou,
Desfezse a nuve negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu levantando as mãos ao santo Coro
Dos Anjos, que taim longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61

Ja Flegon, & Pyroes vinhaõ tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o gram Gigante:
Ao longo desta costa, começando
Ja de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

62

A gente, que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiopes eraõ,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, q̃ taõ mal nos recebèraõ:
Com bailes,& com festas de alegria,
Pella praya arenosa, a nòs vieraõ,
As mulheres consigo,& o manso gado,
Que apacentavão gordo, & bem criado.

63

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes,que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorìs em prosa,ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas avenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

64

Estes como na vista prazenteiros
Fossem,humanamente nos tratâraõ,
Trazendonos galinhas, & carneiros,
A troco d'outras peças,que levàraõ:
Mas como nũca emfim meus cõpanheiros
Palavra algũa sua lhe alcançaraõ,
Que dèsse algum final do que buscamos,
As vellas dando, as ancoras levamos.

65

Ja aqui tinhamos dado hum graõ rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornava
A proa a demandar o ardente meyo,
Do Ceo, & o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava,
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle Ilheo fez seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças)
O largo mar, fazendo novas vias,
Sò conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias,
Que como tudo nelle saõ mudanças,
Corrente nelle achamos taõ possante,
Que passar naõ deixava por diante.

67

Era mayor a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da porfia,
Em que co mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a graõ corrente.

68

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reys das partes do Oriente
Foraõ buſcar hum Rey de pouco nado,
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neſte dia outro porto foi tomado,
Por nòs, da meſma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome démos
Do dia, em que por elle nos metemos.

69

Deſta gente refreſco algum tomamos,
E do rio freſca agoa, mas com tudo
Nenhum ſinal aqui da India achamos
No povo, com nòs outros quaſi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos,
Sem ſair nunca deſte povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem ſinal
Da deſejada parte Oriental.

70

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, & por mares naõ ſabidos:
E do eſperar comprido taõ cançados,
Quanto a deſeſperar ja compelidos,
Por Ceos naõ naturaes, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade.

71

Corrupto ja,& danado o mantimento,
Danoſo,& mao ao fraco corpo humano,
E além diſſo nenhum contentamento,
Que ſe quer da eſperança foſſe engano:
Crès tu,que ſe eſte noſſo ajuntamento,
De ſoldados naõ fora Luſitano,
Que durâra elle tanto obediente
Por ventura a ſeu Rey, & a ſeu Regente.

72

Crés tu,que ja naõ foraõ levantados
Contra ſeu Capitaõ,ſe os reſiſtira,
Fazendoſe Piratas,obrigados
De deſeſperaçaõ,de fome,& de ira?
Grandemente por certo eſtaõ provados,
Pois q̃ nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueſa alta excellencia,
Da lealdade firme,& obediencia.

73

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agoa ſalgada,
Fazemos deſta coſta algum desvio,
Deitando para o pègo toda armada:
Porque ventando Noto manſo,& frio,
Naõ nos apanhaſſe a agoa da enſeada,
Que a coſta faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Eſta

74

Esta passada, logo o leve leme,
Encomendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, & geme,
A proa inclina de hũa, & de outra nao:
Quãdo indo o coraçaõ, q̃ espera, & teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que esperava ja desesperado,
Foi de hũa novidade alvoraçado,

75

E foi, que estando ja da costa perto,
Onde as prayas, & valles bem se vião,
Num rio, que alli sae ao mar aberto,
Bateis â vella entravão, & sahiaõ:
Alegria mui grande foi por certo,
Acharmos ja pessoas, que sabião
Navegar, porque entre ellas esperamos,
De achar novas algũas, como achamos.

76

Ethippes saõ todos, mas parece,
Que com gente melhor cõmunicavão,
Palavra algũa Arabia se conhece,
Entre a linguagem sua, que fallavão:
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavaõ,
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella

77

Pella Arabica lingua, que mal fallão,
E que Fernão Martinz mui bem entende,
Nos dizẽ, que por naos, que estas igualão
Na grandeza, o seu mar se corta, & fende:
Mas que lâ donde sae o Sol se abalão
Para õde a costa ao Sul se alarga, & estẽde,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

78

Mui grandemente aqui nos alegramos,
Co a gente, & cõ as novas muito mais,
Pellos sinaes, que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padrão nesta terra levantamos,
(Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns) o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

79

Aqui de limos, cascas, & de ostrinhas,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas, & imũdas:
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprasiveis, & jocundas
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas

80

Mas não foi da esperança grande, & immẽsa,
Que nesta terra houvemos limpa, & pura
A alegria, mas logo a recompensa
A Ramnusia com nova desventura:
Assi no Ceo sereno se dispensa,
Com esta condiçaõ pesada, & dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81

E foi, que de doença crua, & fea,
A mais, que eu nunca vi, desẽparârão
Muitos a vida, & ẽ terra estranha, & alhea
Os ossos para sempre sepultàrão:
Quem haverá que sem o ver o crea?
Que taõ disformemente alli lhe inchâtaõ
As gengivas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

82

Apodrecia cum fetido, & bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava,
Não tinhamos alli Medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualqr neste officio pouco instruto
Pella carne ja podre assi cortava,
Como se fora morta, & bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83

Em fim, que nesta incognita espessura,
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, & em tãta desvẽtura
Forão sempre comnosco aventureiros:
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesqr ondas do mar, quaesqr outeiros,
Estranhos assi mesmo, como nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

84

Assi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança, & mòr tristeza,
E pella costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade, & mà vileza
Ja seràs sabedor, & dos enganos
Dos povos de Mõbaça pouco humanos.

85

Atè que aqui no teu seguro porto
(Cuja brandura, & doce tratamento,
Darà saude a hũ vivo, & vida a hũ morto)
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietaçaõ do pensamento
Nos deste, & vès aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

Julga

86

Julga tu agora Rey, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos cometessem,
Crês tu, que tanto Eneas, & o facundo
Vlysses pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos, que delle se escrevessem,
Do q̃ eu vi, a poder de esforço, & de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

87

Esse, que bebeo tanto da agoa Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhode, Smirna, & Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
Essoutro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona, & divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co som se ensoberbece.

88

Cantẽ, louvem, & escrevaõ sempre estremos
Desses seus Semideoses, & encareçaõ,
Fingindo Magas, Circes Polifemos,
Sirenas, que cō canto os adormeçaõ:
Demlhe mais navegar à vella, & remos
Os Cicones, & a terra, onde se esqueçaõ
Os companheiros, em gostando o Loto,
Demlhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos

89

Ventos soltos lhes finjaõ,& imaginem
Os odres,& Calipsos, namoradas
Harpias,que o manjar lhe contaminem,
Decer âs sombras nuas ja passadas:
Que por muito,& por muito que se affinẽ
Nestas fabulas vãas tambem sonhadas,
A verdade,que eu conto nua,& pura,
Vence toda grandiloqua escritura.

90

Da boca do facundo Capitaõ,
Pendendo estavaõ todos embebidos,
Quando deu fim â longa narraçaõ
Dos altos feitos,grandes,& subidos:
Louva o Rey o sublime coraçaõ
Dos Reys, em tantas guerras conhecidos,
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de animo,& nobreza.

91

Aas Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria,que as obriga
A dar aos seus na lira nome,& fama,
De toda a illustre,& bellica fadiga:
Que elle,nẽ quẽ na estirpe seu se chama,
Caliope naõ tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo,que deixassem
As tellas douro fino,& que o cantassem.

Por-

100

Porque o amor fraterno, & puro gósto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he sómente o presuposto
Das Tagides gentìs, & seu respeito:
Porêm naõ deixe em fim de ter disposto
Ninguem à grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Naõ perderà seu preço, & sua valia.

# CANTO VI.

## ARGUMENTO.

*Partese de Melinde o illustre Gama,*
*Com Pilotos da terra, & mantimento,*
*Dece Lieo ao mar, Neptuno chama*
*Todos os Deoses do humido elemento:*
*Conta Velloso aos seus dando honra, & Fama*
*Dos doze de Inglaterra o vencimento:*
*Soccorre Venus a afligida armada,*
*E à India chega tanto dezejada.*

1

NAm sabia em que modo festejasse,
O Rey pagam os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse,
Do Rey Christaõ, das gẽtes taõ posſãtes,
Pesalhe que tam longe o apossentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura que nào o fez visinho,
Donde Hercules ao mar abrio caminho,

2

Com jogos, danças, & outras alegrias
(Segundo a policia Melindana)
Com usadas, & ledas pescarias,
Cõ q̃ a Lageya Antonio alegra, & engana:
Este famoso Rey todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes, & pescados.

3

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Jâ mais do que devia, & o fresco vento
O convida que parta, & tome asinha.
Os Pilotos da terra, & mantimento:
Nam se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento,
Jâ do pagam benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja,
Que dar a taes varoẽs, seu Reyno, e estado
E que em quãto seu corpo o espirito reja,
Estarâ de contino aparelhado
A pòr a vida, & Reyno totalmente,
Por tam bõ Rey, por tam sublime gente.

Outras

5

Outras palavras taes lhe respondia
  O Capitam, & logo ás vellas dando
  Para as terras da Aurora se partia,
  Que tanto tempo ha jâ que vai buscando:
  No Piloto, que leva nam havia
  Falsidade, mas antes vai mostrando
  A navegação certa, & assi caminha
  Jâ mais seguro, do que dantes vinha,

6

As ondas navegavam do Oriente
  Jà nos mares da India enxergavam
  Os talamos do Sol, que nace ardente,
  Jà quasi seus desejos se acabavam,
  Mas o mao Tioneo, que na alma sente
  As venturas, que entam se aparelhavam
  Aa gente Lusitana, dellas digna,
  Arde, morre, blasfema, & desatina.

7

Via estar todo o Ceo determinado,
  De fazer de Lisboa nova Roma,
  Nam no póde estorvar, que destinado
  Està doutro poder, que tudo doma:
  Do Olympo dece em fim desesperado,
  Novo remedio em terra busca, & toma,
  Entra no humido Reyno, & vaise â Corte
  Daquelle, a quem o mar cabio em sorte.

8

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde;
Lâ donde as ondas saem furibundas,
Quando âs iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, & moram as jucundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixam ás Cidades,
Que habitam estas humidas deidades,

9

Descobre o fundo nunqua descuberto,
As arêas alli de parta fina,
Torres altas se vem no campo aberto,
Da transparente massa cristalina,
Quando se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he christal o que vè, se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

10

As portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar, que nas conhas nace,
De escultura fermosa estam lavradas,
No qual do irado Bacco a vista pace:
E vè primeiro em cores variadas,
Do velho Chaos a tam confusa face:
Vemse os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

Alli

11

Alli ſublime o Fogo eſtava em cima,
Que em nenhũa materia ſe ſuſtinha;
Daqui as couſas vivas ſempre anima,
Depois que Promethéo furtado o tinha:
Logo apos elle leve ſe ſublima
O invencivel Ar, que mais aſinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo eſtar vaſio.

12

Eſtava a Terra em montes reveſtida,
De verdes ervas, & arvores floridas,
Dando paſto diverſo, & dando vida,
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma alli eſtava eſculpida,
Das agoas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Cõ ſeu humor mãtendo os corpos todos.

13

Noutra parte eſculpida eſtava a guerra,
Que tiveraõ os Deoſes cos Gigantes;
Eſtá Tifeo debaixo da alta ſerra
Do Etna, que as flamas lança crepitantes:
Eſculpido ſe vè ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavalo houveram, & a primeira
De Minerva pacifica Oliveira.

14

Pouca tardança faz Lyèo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava jà aguardando,
Aas portas o recebe, acompanhado,
Das Ninfas, que se estão maravilhando,
De ver, que cometendo tal caminho,
Entre no Reyno d' agoa o Rey do vinho.

15

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Bacco nos teus Reynos receberes,
Porque tambem cos grandes, & possantes
Mostra a Fortuna seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouvirme o mais quiseres
Verâm da desventura grandes módos:
Ouçâo todos o mal, que toca a todos.

16

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritaõ, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitaõ d'hũa, & d'outra bãda:
Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rey, & da Salacia veneranda:
Era mancebo grande, negro, & feyo,
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Os

17

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Hũs limos prenhes d'agoa, & bẽ parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados nam fallecem
Os negros mexilhoẽs, que alli se géram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa mui grande casca de lagosta,

18

O corpo nù, & os membros genitaes,
Por naõ ter ao nadar impedimento,
Mas porèm de pequenos animaes,
Do mar todos cubertos cento, & cento:
Camaroẽs, & Cangrejos, & outros mais,
Que recebem de Febo crecimento,
Ostras, & Birbigoẽs do musgo çujos,
As costas com a casca os Caramujos,

19

Na maõ a grande concha retorcida,
Que trazia com força jà tocava,
A voz grande, & canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Iá toda a companhia apercebida
Dos Deoses para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

20

Vinha o Padre Occeano acompanhado
Dos filhos,& das filhas,que gerâra,
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoâra:
O Propheta Prothéo,deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amàra,
Alli veyo tambem,mas ja sabia,
O que o Padre Lyèo no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno,de Celo,& Vesta filha,
Grave,& leda no gesto,& tão fermosa,
Que se amançava o mar de maravilha:
Vestida hũa camisa preciosa,
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa verse,
Que tanto bem naõ he para esconderse.

22

Amfitrite fermosa como as flores,
Neste caso naõ quiz que fallecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou, que obedecesse:
Cos olhos,que de tudo saõ senhores,
Qualquer parecerá, que o Sol vencesse,
Ambas vem pella mão,igual partido,
Pois ambas saõ esposas de hum marido.

23

Aquella, que das furias de Athamante,
Fugindo veyo a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoſes relatado:
Pella praya brincando vem diante,
Com as lindas conchinhas, que o ſalgado
Mar ſempre cria, & às vezes pella area,
No colo a toma a bella Panopèa.

24

E o Deos, que foi nũ tempo corpo humano,
E por virtude da erva poderoſa,
Foi convertido em peixe, & deſte dano
Lhe reſultou deidade glorioſa:
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circes tinha uſado co a fermoſa
Scylla, que elle ama, della ſendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25

Ja finalmente todos aſſentados
Na grande ſala nobre, & divinal,
As Deoſas em riquiſſimos eſtrados,
Os Deoſes em cadeiras de criſtal:
Foraõ todos do Padre agaſalhados,
Que co Thebano tinha aſſento igual,
De fumos enche a caſa a rica maſſa,
Que no mar nace, & a Arabia ẽ cheiro paſſa

Eſtan-

26

Estando sossegado jà o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregandose no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Sò por dar aos de Luso triste morte,
Co ferro alheyo fala desta sorte.

27

Principe, que de juro senhoreas
De hum Polo, a outro Polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu Padre Occeano, que rodeas
O mundo universal, & o tens cercado,
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites,

28

E vòs Deoses do mar, que naõ sofreis,
Injuria algũa em vosso Reyno grande,
Que com castigo igual vos naõ vingueis
De quem quer, que por elle corra, & ande
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem pòde ser, que tanto vos abrande,
Os peitos com razão endurecidos,
Contra os humanos fracos, & atrevidos?

29

Vistes, que com grandissima ousadia,
Foram jà cometer o Ceo supremo:
Vistes aquella insana fantasia,
De tentarem o mar cõ vella, & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas, & insolencias taes, que temo,
Que do Mar, & do Ceo, em poucos annos,
Venhão Deoses a ser, & nòs humanos.

30

Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma
Com soberbo, & altivo coração,
A vós, & a mim, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vam,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes, que o vosso Reyno devastando,
Os vossos estatutos vam quebrando.

31

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso Reyno este caminho abriram,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro,
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porq̃ a pondes em tardãça?

32

E não consinto, Deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo deci,
Nem da magoa da injuria, que sofreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33

Que o gram Senhor, & Fados, que destinaõ
Como lhes bem parece o baixo mundo,
Famas mòres, que nunca determinaõ
De dar a estes varoẽs, no mar profundo:
Aqui vereis, ó Deoses, como ensinaõ
O mal tam bem a Deoses, que segundo
Se vè, ninguem ja tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

34

E por isso do Olimpo jà fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares:
Mais quiz dizer, & naõ passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltàraõ dos olhos, com que logo
Se acendem as deidades dagoa em fogo.

A ira

35

A ira com que subito alterado
O coração dos Deoses foi num ponto,
Não sofreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algũ desconto:
Ao grande Eolo mandão jà recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes;

36

Bem quisera primeiro alli Protheo
Dizer neste negocio, o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda profecia:
Porém tanto o tumulto se moveo,
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou,
Neptuno sabe bem, o que mandou.

37

Jà lâ o soberbo Hypotades soltàva,
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava,
Contra os Varoẽs audaces, & animosos:
Subito o Ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais, q̃ nunca impetuosos,
Começão novas forças a ir tomando,
Torres, montes, & casas derribando.

38

Em quanto estê conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, & lassa frota
Com vento sossegado proseguia,
Pelo tranquilo mar a longa rota:
Era no tempo, quando a luz do dia
Do Eoo Emisferio està remota,
Os do quarto da prima se deitàvam,
Para o segundo os outros despertavam.

39

Vencidos vem do sono, & mal despertos,
Bocejando a meudo, se encostavão
Pelas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares, que assopravão:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mal esfregando, os membros estiravão,
Remedios contra o sono buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

40

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

Não

41
Não he, disse Velloso, cousa justa,
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida hade ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo està dizendo.

42
Consentem nisto todos, & encomendão
A Velloso, que conte isto, que aprova:
Contarei, disse, sem que me reprendão
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porq̃ os q̃ me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na nossa terra,
E estes sejão os doze de Inglaterra.

43
No tempo, que do Reyno a redea leve
Joam filho de Pedro moderava:
Depois que sossegado, & livre o teve
Do visinho poder, que o molestava:
La na grande Inglaterra, que de neve
Boreal sempre abunda, semeâva
A fera Erimnis dura, & má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

44

Entre as damas gentis da Corte Inglesa,
E nobres cortesaõs, a caso hum dia:
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opiniam, ou foi porfia:
Os Cortesaõs, à quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provàram, q̃ honras, & famas,
Em taes damas nam ha para ser damas,

45

E que se houver alguẽ, cõ lança, & espada.
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe daràm fea infamia, ou morte crúa;
A femenil fraqueza pouco usada,
Ou nunqua a oprobrios taes, vendose nûa
De forças naturaes convenientes,
Socorro pedem a amigos, & parentes

46

Mas como fossem grandes, & possantes
No Reyno os inimigos, nam se atrevem,
Nem parentes, nem servidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermosas, & bastantes
A fazer, que em socorro os Deoses levem
De todo o Ceo por rostos de alabastro,
Se vam todas ao Duque de Alencastro,

47

Era este Inglez potente, & militàra
Cos Portuguêses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas provàra,
Dos companheiros, & benina estrella:
Não menos nesta terra exprimentàra,
Namorados effeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por mulher a toma.

48

Este, que soccorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz, quando o direito pertendia
Do Reyno la das terras Iberinas:
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão divinas,
Que elles sòs poderião (se não erro)
Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.

49

E se agravadas Damas, sois servidas,
Por vòs lhes mandarei Embaixadores,
Que por cartas discretas, & polidas,
De vosso agravo os façaõ sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras de afagos, & de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo,
Que alli tereis soccorro, & forte esteyo.

50

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomea doze Fortes,
E porque cada Dama hum tenha certo,
Lhes mãda, que sobre elles lancem sortes:
Que ellas sò doze saõ, & descuberto,
Qual a qual tem cahido dos consortes,
Cad'hũa escreve ao seu por varios modos
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

51

Ja chega a Portugal o mensageiro,
Toda a Corte alvoroça a novidade,
Quizera o Rey sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a Regia Magestade:
Qualquer dos Cortesaõs aventureiro
Deseja ser com fervida vontade,
E só fica por bemaventurado,
Quem ja vem pello Duque nomeado.

52

Lâ na leal Cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda, o que tem o leme do governo:
Apercebemse os doze em tempo breve,
De armas, & roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, & primores,
Cavallos, & concertos de mil cores.

Ja

53

Ja do seu Rey tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles exprimentado:
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado,
Mas hum sò, que Magriço se dizia,
Desta arte falla â forte companhia,

54

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ a do Douro, e Tejo,
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora, que aparelho certo vejo
(Pois q̃ do mũdo as cousas saõ tamanhas)
Quero se me deixaes ir sò por terra,
Porque eu serei cõ vosco em Inglaterra.

55

E quando caso for, que eu impedido,
Por quem das cousas ha ultima linha,
Não for com vosco ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis, o que he devido,
Mas se a verdade o esprito me adevinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Não farão, que eu com vosco lâ não seja.

56

Assi diz,& abraçados os amigos,
E tomada licença,em fim se parte,
Passa Leão, Castella,vendo antigos
Lugares,que ganhâra o patrio Marte:
Navarra,& os altissimos perigos
Do Pirinèo,que Espanha,& Gallia parte,
Vistas em fim de França as cousas grandes
No grande Imperio foi parar de Frandes.

57

Alli chegado,ou fosse caso,ou manha,
Sem passar,se deteve muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha,
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pàra Londres ja fazem todos vias,
Do Duque são com festa agasalhados,
E das Damas servidos,& amimados.

58

Chegase o praso,& dia assinalado,
De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
Que pello Rey ja tinhão segurado,
Armãose delmos,grevas,& de arneses:
Ja as Damas tē por si fulgente,& armado
O Mavorte feroz dos Portugueses,
Vestemse ellas de cores,& de sedas,
De ouro,& de joyas mil ricas,& ledas.

59

Mas aquelle, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha com tristeza
Se veste, por não ter, quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Será o negocio assi na Corte Inglesa,
Que as Damas vencedoras se conheção,
Posto, que dous, & tres dos seus falleçaõ.

60

Ja num sublime, & publico theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Corte,
Estavão tres, & tres, & quatro, & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Naõ saõ vistos do Sol do Tejo ao Batro
De força, esforço, & de animo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.

61

Mastigaõ os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz semblante,
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num, & noutro bando
Partido desigual, & dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçarse geralmente.

62

Virão todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço,
 Eis entra hum cavaleiro, que trazia
 Armas, cavalo ao bellico serviço:
 Ao Rey, & âs Damas fala, & logo se hia
 Para os onze, q̃ este era o gram Magriço;
 Abraça os companheiros, como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

63

A Dama como ouvio, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, & fama,
 Se alegra, & veste alli do animal de Helle,
 Que a gente bruta mais q̃ a virtude ama:
 Jà dão sinal, & o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflama,
 Picaõ despòras, largão redeas logo,
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

64

Dos cavalos o estrepito parece,
 Que faz que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece,
 De quem os olhos se alvoroça, & teme:
 Qual do cavalo voa, que não dece,
 Qual co cavalo em terra dando geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as an-
 cas.

65

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo,
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo:
Cae a soberba Inglesa de seu trono,
Que dous, ou tres ja fora vão do valo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja q̃ arnès, escudo,& malha.

66

Gastar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas,& afamadas,
Cos nossos fica a palma da vitoria,
E as Damas vencedoras,& com gloria.

67

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas,& alegria,
Cozinheiros occupa,& caçadores
Das Damas a fermosa companhia:
Querem dar aos seus libertadores,
Banquetes mil, cada hora,& cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar â doce,& cara terra,

68

Mas dizem, que com tudo o gram Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 La se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel â Condessa fez de Frandes:
 E como quem não era ja noviço,
 Em todo o trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Francez mata em campo, q̃ o destino
 Lâ teve de Torcato, & de Coruino.

69

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teve hum fero desafio,
 Cum Germano enganoso, que cõ manha
 Naõ devida, o quiz pór no extremo fio:
 Contando assi Velloso, ja a companha
 Lhe pede, que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, & vencimento,
 Nẽ deixe o de Alemanha em esquecimẽto.

70

Mas neste passo assi prontos estando,
 Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acôrdão despertando
 Os marinheiros d'hũa, & d'outra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gavtas tomar manda:
 Alerta, disse, estai, que o vento crece,
 Daquella nuve negra, que apparece.

71

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande,& ſubita procella,
Amaina diſſe o Meſtre a grandes brados,
Amaina,diſſe,amaina a grande vella:
Não eſperão os ventos indinados,
Que amainaſſem,mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem cum ruido,
Que o mundo pareceo ſer deſtruido.

72

O Ceo fere com gritos niſto a gente,
Cum ſubito temor,& deſacordo,
Que no romper da vella a nao pendente,
Toma gram ſoma d'agoa pello bordo:
Alija,diſſe o Meſtre rijamente,
Alija tudo ao mar,não falte acordo,
Vão outros dar à bomba,não ceſſando,
Aa bomba,que nos imos alagando.

73

Correm logo os ſoldados animoſos
A dar â bomba,& tanto que chegârão,
Os balanços,que os mares temeroſos
Derão â nao,num bordo os derribârão:
Tres marinheiros duros,& forçoſos
A menear o leme não baſtârão,
Talhas lhe punhão d'hũa,& d'outra parte,
Sem aproveitar dos homẽs,força,& arte.

74

Os ventos erão taes, que não puderão
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crecérão,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo, que se sostem nas ondas tanto.

75

A nao grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pello meyo,
Quasi toda alagada, a gente chama
Aquelle, que a salvar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama,
Toda a nao de Coelho com receyo,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que dèsse o vẽto.

76

Agora sobre as nuves os sobião,
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece, que decião
Aas intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra, & fea se allumia
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As

77

As Alcionèas aves triſte canto,
Junto da coſta brava levantàrão,
Lembrandoſe de ſeu paſſado pranto,
Que as furioſas agoas lhes cauſárão:
Os Delfins namorados entre tanto
Là nas covas maritimas entrârão,
Fugindo à tempeſtade,& ventos duros,
Que nem no fundo os deixa eſtar ſeguros.

78

Nunca tão vivos rayos fabricou
Contra a fera ſoberba dos Gigantes,
O gram ferreiro ſordido,que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremeçou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No gram diluvio,donde ſós vivèrão
Os dous,q̃ em gẽte as pedras cõvertèrão.

79

Quantos montes então,que derribârão
As ondas,que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancàrão
Do vento bravo as furias indinadas:
As forçoſas raizes não cuidârão,
Que nunca para o Ceo foſſem viradas,
Nem as fundas areas,que pudeſſem
Tanto os mares,q̃ em cima as revolveſſem.

Vendo

80

Vendo Vasco da Gama, que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar atè o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, & forte,
Que o impossivel póde desta sorte.

81

Divina guarda, angelica celeste,
Que os Ceos, o Mar, & Terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio deste,
Por metade das agoas Erithrèas:
Tu, que livraste Paulo, & defendeste
Das Seyrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado, & vacuo mundo!

82

Se tenho novos medos perigosos,
Doutra Scylla, & Caribdis ja passados,
Outras Seyrtes, & baixos arenosos,
Outros Acroceraunos infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados;
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço sò pretende?

O di-

83

O ditosos aquelles, que puderaõ,
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiverão
A santa Fè, nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se souberão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

84

Assi dizendo, os ventos, que lutavão,
Como touros indomitos bramando,
Mais, & mais a tormenta acrescentavão;
Pella miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavão,
Feros trovoẽs, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa Estrella centilava
Diante do Sol claro no Orizonte,
Mensageira do dia, & visitava
A terra, & o largo mar com leda fronte:
A Deosa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, & a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo, & de ira.

86

Estas obras de Bacco saõ por certo,
Disse, mas não será, que avante leve
Tão danada tenção, que descuberto
Me será sempre o mal, a que se atreve:
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda às Ninfas amorosas,
Grinaldas nas cabeças pór de Rosas.

87

Grinaldas manda pòr de varias cores,
Sobre cabellos louros â porfia,
Quem naõ dirà que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Ninfas bellas,
Que mais fermosas vinhão, q̃ as estrellas.

88

Assi foi, porque tanto que chegârão
A a vista dellas, logo lhes falecem
As forças, com que dantes peleijârão,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pès, & mãos parece, que lhe atârão
Os cabellos, que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithia.

Não

89

Não creas fero Boreas, que te creyo,
Que me tiveste nunca amor constante,
ꝗ brandura he de amor mais certo arreyo,
E não convem furor a firme amante:
Se já não poes a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo em medo se converte.

90

Assim mesmo a fermosa Galatea,
Dizia ao fero Noto, que bem sabe,
Que dias ha, que em vela se recrea,
E bem cré, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver, que a Dama o mãda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91

Desta maneira as outras amançavão,
Subitamente os outros amadores,
E logo á linda Venus se entregavão,
Amançadas as iras, & os furores:
Ella lhes prometeo, vendo que amavaõ
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas maõs tomandolhe omenagem,
De lhe serem leaes esta viagem.

92

Ja a menhãa clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da excelsa gavea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa:
Ja fòra de tormenta, & dos primeiros
Marés, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecut, se não me engano.

93

Esta he por certo a terra, que buscais
Da verdadeira India, que aparece,
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece,
Sofrer aqui não póde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercè grande a Deos agradeceo.

94

As graças a Deos dava, & razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava:
Mas viase livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido, & medonho,
Como quē despertou de horrendo sonho.

Por

95

Por meyo destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, & temores,
Alcanção os que são de fama amigos
As hõras immortaes, & os graos mayores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

96

Não cos manjares novos, & exquisitos,
Não cos passeos molles, & nojosos,
Não nos varios deleites, & infinitos,
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre nenhum, que o passo mude
Para algũa obra heroica de virtude.

97

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades, & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & Regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado cum arduo sofrimento.

98

E com forçar o rosto,que se enfia,
A parecer seguro,ledo,inteiro
Para o pilouro ardente,que assovia,
E leva a perna,ou braço ao companheiro:
Desta arte o peito hum calo honroso cria,
Desprezador das honras,& dinheiro,
Das honras,& dinheiro, que a ventura
Forjou,& não virtude justa,& dura.

99

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo,como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este,onde tiver força o regimento
Direito,& não de affeitos occupado,
Subirá(como deve)a illustre mando
Contra vontade sua,& não rogando.

# CANTO VII.

## ARGVMENTO.

*Dà fundo a frota a Calecut chegada,*
*Mandase mensageiro ao Rey potente,*
*Chega Monçaide a ver a Lusa armada,*
*E da Provincia informa largamente:*
*Faz Gama ao Samori sua embaixada,*
*E recebido bem da Indica gente,*
*Co Regedor da terra ao mar se torna,*
*Que de toldos, & flamulas se adorna.*

1

JA se vião chegados junto â terra,
Que desejada ja de tantos fora,
Que entre as corrētes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no Ceo terreno mora:
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ia sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2

A vòs,ò geraçaõ de Luſo digo,
Que taõ pequena parte ſois no mundo,
Não digo inda no mundo,mas no amigo,
Curral,de quem governa o Ceo rotundo:
Vòs,a quem naõ ſòmente algum perigo
Eſtorva conquiſtar o povo immundo,
Mas em cobiça,ou pouca obediencia,
Da Madre,que nos Ceos eſtá em eſſencia.

3

Vòs Portugueſes poucos,quanto fortes,
Que o fraco poder voſſo não pezais,
Vòs,que á cuſta de voſſas varias mortes,
A ley da vida eterna dilatais;
Aſſi do Ceo deitadas ſaõ as ſortes,
Que vòs por muito poucos que ſejais,
Muito façais na ſanta Chriſtandade,
Que tãto,ó Chriſto,exaltas a humildade.

4

Vede os Alemaens,ſoberbo gado,
Que por tão largos campos ſe apacenta,
Do Succeſſor de Pedro rebelado
Novo paſtor,& nova ſeita inventa:
Vedeo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error ſe não contenta,
Não contra o ſuperbiſſimo Otomano,
Mas por ſair do jugo ſoberano.



Vedelo

5

Vedelo duro Ingles, que se nomea,
Rey da velha, & santissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra tão longe da verdade)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade,
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

6

Guardalhe por em tanto hum falso Rey,
A Cidade Hyerosolima terreste,
Em quanto elle não guarda a santa Ley
Da Cidade Hyerosolima celeste:
Pois de ti, Gallo indino, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendelo, nem guardalo,
Mas para ser contra elle, & derribalo?

7

Achas, que tens direito em senhorios
De Christãos, sẽdo o teu tão largo, & tãto,
E não contra o Cynifio, & Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios,
Em quẽ quer reprovar da Igreja o canto,
De Carlos, de Luis, o nome, & a terra
Herdaste, & as causas não da justa guerra.

8

Pois que direi daquelles, que em dilicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastaõ as vidas, lograõ as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nacem da tyrania inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma adversa.

9

O miseros Christãos, pella ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura,
Possuida de cães, que sempre unidos,
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pella guerra?

10

Vedes que tem por uso, & por decreto
(Do qual saõ taõ inteiros observantes)
Ajuntarem o exercito inquieto,
Cõtra os povos, q̃ saõ de Christo amãtes?
Entre vós nunca deixa a fera Aleto,
De semear cizanias repugnantes;
Olhai, se estais seguros de perigos,
Que elles, & vós sois vossos inimigos.

Se

11

Se cobiça de grandes ſenhorios,
Vos faz ir conquiſtar terras alheas,
Naõ vedes, que Pactolo, & Hermo rios,
Ambos volvem auriferas arèas?
Em Libia, Aſſiria, lavrão de ouro os fios,
Africa eſconde em ſi luzentes veas,
Movavos ja ſe quer riqueza tanta,
Pois movervos não póde a Caſa Santa.

12

Aquellas invençoẽs feras, & novas,
De inſtrumentos mortaes de artilharia,
Ja devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Fazei que torne lá às ſilveſtres covas
Dos Caſpios montes, & da Scythia fria,
A Turca gèração, que multiplica,
Na policia de voſſa Europa rica.

13

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,
Brâdando vos eſtão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo)
Em caſtigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, & aſtuto,
E não queiraes louvores arrogantes,
De ſerdes contra os voſſos mui poſſantes.

14

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, ò gente insana,
Não faltaràõ Christãos atrevimentos,
Nesta pequena Casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos àra,
E se mais mundo houvera, là chegàra.

15

E vejamos em tanto o que acontece
Aàquelles tam famosos navegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor vaõ dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a Ley,
E dar novo costume, & novo Rey.

16

Tanto que â nova terra se chegàraõ,
Leves embarcaçoens de pescadores
Achárão, que o caminho lhe mostràrão
De Calecut, onde erão moradores:
Para là logo as proas se inclinàrão,
Porque esta era a Cidade das melhores
Do Reyno Malavar, onde vivia
O Rey, que a terra toda possuìa.

Alèm

17

Alêm do Indo jaz,& áquem do Gange,
Hum terreno mui grande,& assaz famoso,
Que pella parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reys diversos o constrange
A varias leys,alguns o vicioso
Mafoma,alguns os Idolos adoraõ,
Alguns os animaes,que entre elles morão.

18

Lâ bem no grande monte,que cortando
Tão larga terra,toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as Regioẽs por onde corre:
As fontes saem,donde vem manando
Os rios,cuja graõ corrente morre
No mar Indico,& cercão todo o peso
Do terreno,fazendo o Chersoneso.

19

Entre hum,& outro rio,em grande espaço,
Sae da larga terra hũa longa ponta,
Quasi piramidal,que no regaço
Do mar,com Ceilão Insula confronta:
E junto donde nace o largo braço
Gangetico,o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantem das lindas flores.

20

Mas agora de nomes, & de usança,
Novos, & varios saõ os habitantes,
Os Delijs, os Patânes, que em possança
De terra, & gente saõ mais abundantes:
Deganijs, Oriâs, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

21

O Reyno de Cambaya bellicoso
(Dizem que foi de Pòro Rey potente)
O Reyno de Narsinga poderoso
Mais de ouro, & pedras, q̃ de forte gente:
Aqui se enxerga là do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malavar de forte muro,
Com que do Canarà vive seguro.

22

Da terra os naturaes lhe chamaõ Gate,
Do pè do qual pequena quantidade,
Se estende hũa fralda estreita, q̃ combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitulla o senhor della.

Chegada

23

Chegada a frota ao rico ſenhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer ſabedor o Rey gentio,
Da vinda ſua a tão remota parte:
Entrando o menſageiro pello rio,
Que alli nas ondas entra, a não viſta arte,
A cor, o geſto eſtranho, o trajo novo,
Fez concorrer a velo todo o povo.

24

Entre a gente, que a velo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nacido
Fora na região de Berberia,
Lâ onde fora Anteo obedecido:
Ou pella viſinhança ja teria
O Reyno Luſitano conhecido,
Ou foi ja aſſinalado de ſeu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo deſterro.

25

Em vendo o menſageiro, com jocundo
Roſto, como quem ſabe a lingoa Iſpana,
Lhe diſſe: que te trouxe a eſtoutro mũdo,
Taõ longe da tua patria Luſitana?
Abrindo, lhe reſponde o mar profundo,
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buſcar do Indo a grão corrente,
Por onde a Ley divina ſe acreſcente.

Eſpan-

26

Espantado ficou da graõ viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressoẽs, que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, q̃ a força da mensagẽ,
Sò para o Rey da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E que em tanto que à nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse
Com elle para a armada tornaria,
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha

28

O Portuguez aceita de vontade,
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora ja a amizade,
Com elle come, & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornão logo da Cidade,
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem à Capitania, & toda a gente,
Monçaide recebeo benignamente.

29

O Capitaõ o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingoa de Castella,
Iunto de si o assenta,& pronto,& quedò,
Pella terra pergunta,& cousas della:
Qual se ajũtava em Rhòdope o arvoredo
Sò por ouvir o amante da donzella,
Euridice,tocando a lira de ouro,
Toda a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

30

Elle começa,ó gente,que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino taõ grande,ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Naõ he sem causa naõ oculta,& escura,
Vir do longinco Tejo,& ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reynos tão remotos,& apartados.

31

Deos por certo vos traz,porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso sò vos guia,& vos defende,
Dos imigos do mar,do vento irado:
Sabei,que estais na India, onde se estende
Diverso povo,rico,& prosperado,
De ouro luzente,& fina pedraria,
Cheiro suave,ardente especiaria.

32

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malavar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reys he, mas de hum sò fora
Noutro tempo, & segundo a antiga fama,
Saramâ Perimal foi derradeiro
Rey, que este Reyno teve unido, & inteiro.

33

Porém como a esta terra então viessem
De lâ dò ceyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituîraõ meus parentes:
Succedeo, que prègando convertessem
O Perimal, de sabios, & eloquentes,
Fazemlhe a ley tomar com fervor tanto,
Que presupoz de nella morrer santo.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria, que offereça rica,
Para ir nellas a ser Religioso,
Onde o Profeta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus reparte; porque naõ lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de sogeitos.

A hum

35

A hum Cochim,& a outro Cananor,
A qual Chalè,a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulam,a qual da Cranganor,
E o mais,a quẽ o mais ſerve, & contenta:
Hum ſó moço,a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu,ſe lhe apreſenta
Para eſte Calecut ſómente fica,
Cidade ja por trato nobre,& rica.

36

Eſta lhe dâ co titulo excellente
De Emperador,q̃ ſobre os outros mande;
Iſto feito,ſe parte diligente
Para onde em ſanta vida acabe,& ande:
E daqui fica o nome de potente
Samori,mais que todos digno,& grande,
Ao moço,& deſcendentes,donde vem
Eſte,que agora o Imperio manda, & tem.

37

A ley da gente toda rica,& pobre,
De fabulas compoſta ſe imagina,
Andão nús,& ſòmente hum pano cobre,
As partes,que a cubrir natura enſina,
Dous modos ha da gẽte,porque a nobre
Naires chamados ſaõ,& a menos dina
Poleâs tem por nome,a quem obriga
A ley naõ miſturar a caſta antiga.

Por-

38

Porq́ os q́ usârão sempre hum mesmo officio
De outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão de seus passados até morte:
Para os Naires he certo grande vicio,
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, & apura.

39

Desta sorte o Iudaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria;
Mais estranhezas inda, das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rey, trazendo sempre usada
Na esq́rda a adarga, & na direita a espada.

40

Bramenes são os seus Religiosos,
Nome antigo, & de grande preeminencia,
Observão os preceitos tão famosos
De hũ, que primeiro poz nome â sciencia:
Não matão cousa viva, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Sómente no venereo ajuntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.

Geraes

40

Bramenes ſaõ os ſeus Religioſos,
Nome antigo, & de grande preeminencia,
Obſervaõ os preceitos tam famoſos
De hũ, que primeiro poz nome á ſciencia:
Não mataõ couſa viva, & temeroſos
Das carnes tem grandiſſima abſtinencia,
Sô nente no venereo ajuntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.

41

Geraes ſaõ as mulheres, mas ſómente
Para os da géração de ſeus maridos,
Ditoſa condição, ditoſa gente,
Que naõ ſaõ de ciumes offendidos:
Eites, & outros coſtumes variamente
São pellos Malavares admittidos,
A terra he groſſa em trato, & tudo aquilo,
Que as ondas podẽ dar da China ao Nilo.

42

Aſſi contava o Mouro, mas vagando
Andava a Fama ja pella Cidade,
Da vinda deſta gente eſtranha, quando
O Rey ſaber mandava da verdade:
Ia vinhão pellas ruas caminhando,
Rodeados de todo ſexo, & idade,
Os principaes, que o Rey buſcar mandára,
O Capitão da armada, que chegâra.

43

Mas elle,que do Rey ja tem licença
Para desembarcar,acompanhado
Dos nobres Portuguefes,fem detença
Parte,de ricos panos adornado:
Das cores a fermofa differença,
A vifta alegra ao povo alvoroçado,
O remo compaffado fere frio
Agora o mar,depois o frefco rio.

44

Na praya hum Regedor do Reyno eftava,
Que na fua lingua Catual fe chama,
Rodeado de Naires,que efperava
Com defufada fefta ao nobre Gama:
Ia na terra nos braços o levava,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece,em que vá,coftume ufado,
Que nos hombros dos homẽs he levado:

45

Defta arte o Malavar,defta arte o Lufo
Caminhão lá para onde o Rey o efpera,
Os outros Portuguefes vão ao ufo,
Que infantaria fegue efquadra fera:
O povo,que concorre,vai confufo,
De ver a gente eftranha,& bem quizera
Perguntar,mas no tempo ja paffado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Ga-

46

O Gama, & o Catual hiaõ fallando
Nas cousas,que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entre elles vai interpretando
As palavras,que de ambos entendia:
Assi pella Cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica se erguia,
De hum sumtuoso templo ja chegavão,
Pellas portas do qual juntos entravão.

47

Alli estaõ das Deidades as figuras
Esculpidas em pao,& em pedra fria,
Varios de gestos,varios de pinturas,
E segundo o Demonio lhes fingia:
Vemse as abominaveis esculturas,
Qual a chiméra em membros se varia,
Os Christãos olhos,a ver Deos usados
Em fòrma humana,estão maravilhados.

48

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estava,
Outros num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briarêo parece que imitava,
Outro fronte Canina tem de fòra,
Qual Anubis Memfitico se adora.

49

Aqui feita do barbaro Gentio
A superſticioſa adoraçaõ,
Direitos vão, ſem outro algum deſvio
Para onde eſtava o Rey do povo vão:
Engroſſando ſe vai da gente o fio,
Cos que vem ver o eſtranho Capitão,
Eſtão pellos telhados, & janellas,
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

50

Ia chegaõ perto, & não com paſſos lentos,
Dos jardins odoriferos fermoſos,
Que em ſi eſcõdem os Regios apoſentos,
Altos de torres não, mas ſumptuoſos:
Edificão os nobres ſeus aſſentos,
Por entre os arvoredos deleitoſos,
Aſſi vivem os Reys daquella gente,
No campo, & na Cidade juntamente.

51

Pellos portaes da cerca a ſubtileza,
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras moſtrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vaõ com tal viveza
As hiſtorias daquella antiga idade,
Que quem dellas ti ver noticia inteira,
Pella ſombra conhece a verdadeira.

Eſtava

52

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava,
Regeo hum Capitão de fronte lisa,
Que com frondentes Lyrios pelejava:
Por elle edificada estava Nisa,
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tam proprio, que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

53

Mais avante bebendo seca o rio
Muy grande multidão da Assiria gente,
Sogeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

54

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, & sobjugavão
Até as agoas Gangeticas undosas:
Dum Capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que ja naõ de Felipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

55

Os Portuguefes vendo eftas memorias
(Dizia o Catual ao Capitão)
Tempo cedo virâ, que outras vitorias
Eftas, que agora olhais, abateráõ:
Aqui fe efcreveráõ novas hiftorias,
Por gentes eftrangeiras, que virão,
Que os noffos fabios Magos o alcançârão,
Quando o tempo futuro efpeculárão.

56

E dizlhe mais a Magica fciencia,
Que para fe evitar força tamanha,
Não valerâ dos homens refiftencia,
Que cõtra o Ceo não val da gẽte manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellẽcia
Nas armas, & na paz da gente eftranha,
Serâ tal, que ferâ no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

57

Affi fallando entravão ja na fala,
Onde aquelle potente Emperador,
Nũa camilha jaz, que naõ fe iguala
De outra algũa no preço, & no valor:
No recoftado gefto fe affinala
Hum venerando, & profpero fenhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciofas gemas fe adereça.

Bem

58

Bem junto delle hum velho reverente
Cos giolhos no chaõ de quãdo em quãdo,
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Hum Bramene, pessoa preeminente,
Para o Gama se vem com passo brando,
Para que ao grande Princepe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori, no trajo, & geito,
Da gente, nunca dantes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rey, & povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo.

60

Hum grande Rey de lâ das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda,
Da terra a luz solar co a terra esconde,
Tingindo, a que deixou de escura noda:
Ouvindo do rumor, que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado está, & a Magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

61

E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer ſaber,que tudo aquillo
Que ſobre o mar,que ſobre as terras anda,
De riquezas,de lâ do Tejo ao Nilo:
E deſde a fria plaga de Gelanda,
Atê bem donde o Sol naõ muda o eſtilo
Nos dias,ſobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no ſeu Reyno em grande copia.

62

E ſe queres com pactos,& lianças
De paz,& de amizade ſacra,& nua,
Comercio conſentir das abundanças
Das fazendas da terra ſua,& tua:
Porque creção as rendas,& baſtanças,
Por quem a gente mais trabalha,& ſûa,
De voſſos Reynos, ſerá certamente
De ti proveito,& delle gloria ingente.

63

E ſendo aſſi,que o nó deſta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Eſtarâ pronto a toda adverſidade,
Que por guerra a teu Reyno ſe offereça:
Com gente,armas, & naos de qualidade,
Que por irmão te tenha,& te conheça,
E da vontade em ti ſobre iſto poſta,
Me des a mim certiſſima repoſta.

Tal

64

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver Embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rey,& a gente,& terra,que dissera.

65

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar,& em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rey reposta alegre leve:
Ia nisto punha a noite o usado atalho
Aas humanas canceiras,porque ceve
Do doce sono os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

65

Agasalhados forão juntamente
O Gama,& Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas,& geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rey,tinha ja por regimento
Saber da gente estranha,donde vinha,
Que costumes,que ley,que terra tinha.

67

Tanto que os igneos carros do fermoso
Mancebo o Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poderse informar da gente nova:
Ia lhe pregunta pronto, & curioso,
Se tem noticia inteira, & certa prova
Dos estranhos, quem são, que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui vizinha.

68

Que particularmente alli lhe desse
Informaçaõ mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rey, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quizesse
Dizerte disto mais, naõ saberia,
Sómente sei, que he gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se ba-
(nha.

69

Tem a ley de hum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por baso está aprovado
Do Deos, que tem do mundo o regimẽto:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque

70

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitàrão dos campos abundosos,
Do rico Tejo,& fresco Guadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda na Africana
Parte,cortando os mares procelosos,
Nos naõ querem deixar viver seguros,
Tomandonos Cidades, & altos muros.

71

Não menos tem mostrado esforço, & manha
Em quaesquer outras guerras, q̃ acõteçaõ,
Ou das gentes belligeras de Espanha,
Ou lâ de alguns,que do Pyrene deçaõ:
Assi que nũca em fim com lança estranha
Se tem,que por vencidos se conheção,
Nem se sabe inda não,te affirmo,& assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

72

E se esta informação naõ for inteira,
Tanto quanto convem,delles pretende
Informarte,que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja,& offende:
Vai verlhe a frota,as armas,& a maneira
Do fundido metal,que tudo rende,
E folgarâs de veres a policia
Portuguesa,na paz,& na milicia.

73

Ia com desejo o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava,
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praya, a quem segaia
A Naira geraçaõ, que o mar coalhava,
Aa Capitana sobem forte, & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

74

Purpureos saõ os toldos, & as bandeiras
Do rico fio saõ, que o bicho gêra,
Nelles estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campaes aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apacenta.

75

Pelo que vé pergunta, mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A Seita Epicuréa, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noê mostrára à gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita, que seguia lho defende.

76

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lâ dos mares:
Tudo o gentio nota, mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve,
A muda poesia alli descreve.

77

Alçase em pè, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hũ velho brãco, aspeito sobre humano;
Cujo nome não póde ser defunto,
Em quãto ouver no mũdo trato humano;
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

78.

Hum ramo na mão tinha, mas ó cego
Eu, que cometo insano, & temerario,
Sem vòs Ninfas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, & vario;
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhai

79

Olhai,que ha tanto tempo,que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo,& novos dãnos:
Agora o mar,agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace,que á morte se condena,
Nũa mão sempre a espada, noutra a pena.

80

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheos degradado;
Agora da esperança ja adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvarse,
Que para o Rey Iudaico acrescentarse.

81

E ainda,Ninfas minhas,não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem,
Senao q̃ aquelles,q̃ eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descanços,que esperava,
Das capellas de Louro, q̃ me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventárão,
Com que em tão duro estado me deitârão.

Vede

82

Vede Ninfas, que engenhos de ſenhores,
O voſſo Tejo cria valeroſos,
Que aſſi ſabem prezar com taes favores,
A quem os faz cantando glorioſos:
Que exemplos a futuros eſcriptores,
para eſpertar engenhos curioſos,
Para porem as couſas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

83

Pois logo em tantos males he forçado,
Que ſó voſſo favor me não faleça,
Principalmente aqui, que ſou chegado,
Onde feitos diverſos engrandeça:
Daimo vòs ſós, que eu tenho ja jurado,
Que não o empregue, ẽ quẽ o não mereça,
Nem por liſonja louve algum ſubido,
Sobpena de não ſer agradecido.

84

Nem creaes, Ninfas, não que Fama déſſe,
A quem ao bem commum, & do ſeu Rey
Antepuzer ſeu proprio intereſſe,
Imigo da divina, & humana Ley:
Nenhum ambicioſo, que quizéſſe
Subir a grandes cargos, cantarei,
Sò por poder com torpes exercicios,
Vſar mais largamente de ſeus vicios.

Nenhum,

85

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feo,
E que por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Prothéo:
Nem Camenas tambem cuideis, q̃ cante,
Quem com habito honesto, & grave veo,
Por contentar o Rey no officio novo,
A despir, & roubar o pobre povo.

86

Nem quem acha q̃ he justo, & que he direito
Guardarse a ley do Rey severamente,
E não acha, que he justo, & bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quẽ sempre cõ pouco experto peito,
Razoẽs aprende, & cuida, que he prudẽte
Para taxar, com maõ rapace, & escassa,
Os trabalhos alheos, que naõ passa.

87

Aquelles sós direi, que aventuráraõ
Por seu Deos, por seu Rey a amada vida,
Onde perdendoa, em fama a dilatàraõ,
Tambem de suas obras merecida:
Apollo, & as Musas, que me acõpanhàraõ
Me dobraraõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descançado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

CAN-

# CANTO VIII

## ARGVMENTO.

*Vemse de Lusitania os Fundadores,*
*E aquelles, que por feitos valerosos,*
*De alta memoria são merecedores,*
*De hymnos, & de versos numerosos:*
*Como de Calecut os Regedores,*
*Consultão os Aruspices famosos,*
*E corruptos com dadivas possantes,*
*Trâtão de destruir os navegantes.*

I

NA primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca,longa,& penteada:
Quem era,& porque causa lhe convinha
A divisa,que tem na mão tomada,
Paulo responde,cuja voz discreta,
O Mauritano sabio lhe interpreta.

2

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista,& feros nos aspeitos,
Mais bravos,& mais feros se conhecem
Pella fama,nas obras, & nos feitos:
Antigos saõ, mas inda resplandecem
Co nome,entre os engenhos mais perfeitos
Este,que vès he Luso,donde a fama
O nosso Reyno Lusitania chama.

3

Foi filho,ou companheiro do Thebano,
Que tam diversas partes conquistou,
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas,que contino usou:
Do Douro,& Guadiana o campo ufano,
Ia dito Elisio tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos ja cançados ossos,
Eterna sepultura,& nome aos nossos.

4

O ramo,que lhe vês para divisa,
O verde Tyrso foi de Bacco usado,
O qual á nossa idade mostra,& avisa,
Que foi seu cõpanheiro , ou filho amado:
Vés outro,que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica?

Vlisses

5

Vlisses he o que faz a santa casa
Aa Deosa, que lhe dà lingua facunda,
Que se lá na Asia Troya insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda:
Quem serâ estoutro câ, que o cãpo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas bãdeiras tem pintadas?

6

Assi o Gentio diz, responde o Gama,
Este, que vês pastor ja foi de gado,
Viriato sabemos, que se chama,
Destro na lança, mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencivel afamado,
Não tem com elle não, nem ter puderão
O primor, que com Pirrho ja tiverão.

7

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tirárão, que os espanta,
q̃ o grãde aperto em gẽte, inda q̃ honrosa,
Aas vezes leys magnanimas quebranta:
Outro està aqui, que contra a patria irosa,
Degradado com nosco se levanta,
Escolheo bem, com quem se levantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

8

Vês com nosco tambem vence as bandeiras,
Dessas aves de Iupiter validas,
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes, de nòs souberaõ ser vencidas:
Olha taõ subtis artes, & maneiras,
Para adquirir os povos taõ fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua divisa.

9

Olha estoutra bandeira, & vé pintado
O gram Progenitor dos Reys primeiros;
Nos Ungaro o fazemos, porèm nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Depois de ter os Mouros superado,
Galegos, & Leonefes cavalleiros,
Aa Casa santa passa o santo Enrique,
Porque o tronco dos Reys se santifique.

10

Quem he, me dize estoutro, que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroens, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto, & destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dâ nunca cançado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pès derribadas, & estandartes?

Este

11

Eſte he o primeiro Affonſo, diſſe o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Porquem no Eſtigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Eſte he aquelle zeloſo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de ſeu Reyno abaixa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

12

Se Ceſar, ſe Alexandre Reys, tiverão
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos erão,
Os que desbaratava eſte excellente:
Não creas, que ſeus nomes ſe eſtenderão
Com glorias immortaes tão largamente,
Mas deixo os feitos ſeus inexplicaveis,
Vê, que os de ſeus Vaſſalos ſão notaveis.

13

Eſte, que vès olhar com geſto irado,
Pera o rompido Alumno mal ſofrido,
Dizendolhe, que o exercito eſpalhado
Recolha, & torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz ſe chama o forte velho,
Pera leaes Vaſſallos claro eſpelho.

17

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo, que acendeo junto da serra
De Abila, nas galès da Maura gente:
Olha como então justa, & santa guerra
De acabar pelejando esta contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando nos Ceos com justa palma.

18

Não vès o ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nòva,
Que ajuda a combater o Rey primeiro
Lisboa, de si dando santa prova:
Olha Enrique famoso cavaleiro,
A palma, que lhe nace junto a còva,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos saõ os Martyres de Christo.

19

Hum Sacerdote vé brandindo à espáda,
Contra Arronches, que toma por vingãça:
De Leiria, que de antes foi tomâda,
Porquem por Mafamede enrista a lança:
He Theotónio Prior, mas vè cercáda
Santarem, & verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

20

Velo cà donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo o alferes mata,
E o Ispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz he q̃ em sy o valor retrata,
Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
Dino destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, & a sua exalta.

21

Olha aquelle, que dece pela lança,
Com as duas cabeças das vigias,
Onde cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas, & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavaleiro, que as cabeças frias
Na mão levava; feito nunqua feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.

22

Não vés hum Castelhano, que agravado
De Afonso novo Rey, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis, que traz consigo;
Mas vè que hũ Portuguez cõ pouca gente
O desbarata, & o prende ousadamente.

Martim

23

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar póde a palma,&o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lãça de aço torna o bago d'ouro:
Velo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no Ceo, que lhe aparece,
Com q̃ nos poucos seus o esforço crece.

24

Vès vão os Reys de Cordova,& Sevilha
Rotos cos outros dous, & não de espaço
Rotos,mas antes mortos,maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço;
Vès jâ a villa de Alcaçere se humilha,
Sem lhe valer defeza,ou muro de aço,
A Dom Matheus,o Bispo de Lisboa,
Que a Coroa de palma alli coroa.

25

Olha hum Mestre,que dece de Castella,
Portuguez de nação,como conquista
A terra dos Algarves,& ja nella
Não acha, quem por armas lhe resista:
Cõ manha,esforço, & cõ benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista;
Vès Tà Vira tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

26

Vés com bellica astucia ao Mouro ganha
Silvès, que elle ganhou com força ingente,
He Dom Payo Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja â gente:
Mas não passes os tres, q̃ em França, & Espanha,
Se fazẽ conhecer perpetuamẽte,
Em desafios, justas, & torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

25

Velos co nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sòs levàrão
De jogos de Bellona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitàrão:
Vẽ mortos os soberbos cavaleiros,
Que o principal dos tres desafiàrão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pòde não temer a ley Lethea.

28

Atenta num, que à fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta;
Não no vez tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte, & lenta
Do povo, & faz, que tome o freyo,
De seu Rey natural, & não de alheyo.

Olha

29

Olha por ſeu conſelho, & oúſadia,
De Deos guiado ſó,& de ſanta Eſtrella,
Sò pòde, o que impoſſivel parecia,
Vencer o povo ingente de Caſtella:
Vès por induſtria,esforço, & valentia
Outro eſtrago, & vitoria clara, & bella,
Na gente aſſi feroz,como infinita,
Que entre o Tarteſo,& Guadiana habita,

30

Mas não vês quaſi jà desbaratado
O poder Luſitano,pela auſencia
Do Capitão devoto,que apartado
Orando invoca aSũma,& Trina Eſſencia?
Velo com preſſa já dos ſeus achado,
Que lhe dizem,que falta reſiſtencia
Contra poder tamanho,& que vieſſe,
Porque conſigo esforço aos fracos deſſe.

31

Mas olha, com que ſanta confiança,
Que inda não era tempo reſpondia,
Como quem tinha em Deos a ſegurança
Da vitoria, que logo lhe daria:
Aſſi Pompilio ouvindo, que a poſſança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova eſtava dando,
Pois eu reſponde eſtou ſacrificando.

Se

32

Se quẽ com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quiseres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar se deve,
Mas mais de Dõ Nuno Alverez se arrea;
Ditosa Patria, que tal filho teve,
Mas antes Pay, que em quãto o Sol rodea,
Este globo de Ceres, & Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

33

Na mesma guerra vé, que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vẽce, & o gado apanha,
Que levavão roubado ousadamente:
Outra vez, vê q́ a lança em sangue banha
Destes, sò por livrar co amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

34

Olha este desleal o como paga
O prejurio, que fez, & vil engano,
Gil Fernandez he de Elvas, quẽ o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xeres rouba o campo, & quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhano;
Mas olha Ruy Pereira, que co rosto
Faz escudo ás galès, diante posto.

Olha

35

Olha, que dezasete Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendẽ:
Porèm logo sentirão com seus danos,
Que não sò se defendem, mas offendem;
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, & no moderno.

36

Sabese antigamente, que trezentos
Ia contra mil Romanos pelejàraõ,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustràrão:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixâraõ,
q̃ os muitos por ser poucos naõ temamos,
O que depois mil vezes amostràmos.

37

Olha cà dous Infantes, Pedro, & Henrique,
Progenie generosa de Ioanne;
Aquelle faz, que Fama illustre fique
Delle em Germania, cõ q̃ a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descubridor, & desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da Cidade.

Vès

38

Vês o Conde Dom Pedro,que ſuſtenta
Dous cercos contra toda a Berberia;
Vês outro Conde eſtá,que repreſenta
Em terra Marte,em forças,& ouſadia:
De poder defender ſe não contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do ſeu Rey defende a cara vida,
Pondo por muro a ſua alli perdida.

39

Outros muitos verias,que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião,
Mas faltamlhes pincel,faltamlhes cores,
Honra,premio,favor,que as artes crião:
Culpa dos viciofos ſucceſſores,
Que degenerão certo,& ſe deſvião
Do luſtre,& do valor dos ſeus paſſados
Em goſtos,& vaidades atolados.

40

Aquelles pays illuſtres,que ja derão
Principio á geração,que delles pende,
Pella virtude muito então fizerão,
E por deixar a caſa,que deſcende:
Cegos, que dos trabalhos,que tiverão
(Se alta fama, & rumor delles ſe eſtende)
Eſcuros deixão ſempre ſeus menores,
Com lhes deixar deſcanços corruptores.

Outros

41

Outros tambem ha grandes,& abaſtados,
Sem nenhum tronco illuſtre dõde venhão;
Culpa de Reys,que às vezes a privados
Dão mais,q̃ a mil,q̃ esforço,e ſaber tenhão
Eſtes os ſeus não querem ver pintados,
Crendo q̃ cores vans lhes não convenhão,
E como a ſeu contrario natural,
Aa pintura,que falla,querem mal.

42

Não nego,que ha comtudo deſcendentes
Do generoſo tronco,& caſa rica,
Que com coſtumes altos,& excellentes,
Suſtentão a nobreza, que lhes fica:
E ſe a luz dos antigos ſeus parentes,
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos,nem ſe faz eſcura,
Mas deſtes acha poucos a pintura.

43

Aſſi eſtà declarando os grandes feitos
O Gama,que alli moſtra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do ſingular artifice alli pinta:
Os olhos tinha prontos,& direitos,
O Catual na hiſtoria bem diſtinta,
Mil vezes perguntava,& mil ouvia,
As goſtoſas batalhas,que alli via.

Mas

44.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,
Porque a lampada grande se escondia
Debaixo do Orizonte, & luminosa
Levava aos antipodas o dia:
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descança
Os lassos animaes, na noite mança.

45.

Entre tanto os Aruspices famosos,
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevèm sempre os casos duvidosos,
Por sinàes diabolicos, & indicios;
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitavão à arte, & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro,
Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos, que alcançàra
Nas entranhas das victimas, que olhàra.

A isto

47

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede:
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Bacco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda sepão dece.

48

E dizlhe assi; Guardaivos gente minha,
Do mal, que se aparelha pello imigo,
Que pellas agoas humidas caminha,
Antes, que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuida, que não he mais, que sonho usado,
Torna a dormir quieto, & sossegado.

49

Torna Bacco dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos bautizados?
Eu por ti, tudo vello, & tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
da ley, que eu dei ao nescio povo humano.

50

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae, facilmente
Se póde nelle pòr a aguda vista:
Porem depois que sobe claro, & ardente,
Se a agudeza dos olhos o conquista
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.

51

Isto dito, elle, & o sonio se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno.
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno:
Tanto que a nova luz, que ao Sol procede,
Mostrâra rosto angelico, & sereno,
Cònvoca os principais da torpe seita,
Aos quaes, do que sonhou dá cõta estreita.

52

Diversos pareceres, & contrarios
Alli se dão, segundo o, que entendião,
Astucias, traiçoẽs, enganos varios.
Presidias inventavão, & tecião:
Mas deixando concelhos temerarios,
Destruição da gente pertendião,
Por manhas mais sutis, & ardis melhores,
Com peitas adquirindo os Regedores.

Com

53

Com peitas,ouro, & dadivas secretas,
Concilião da terra os principais,
E com razoẽs notaveis, & discretas,
Mostrão ser perdição dos naturais:
Dizendo,que são gentes inquietas,
Que os mares discorendo Occidentais,
Vivem sò de piráticas rapinas,
Sem Rey,sem leys humanas,ou divinas.

54

O quanto deve o Rey que bem governa,
De olhar,que os conselheiros,ou privados
De conciencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejão dotados:
Porque como esté posto na superna
Cadeira,pòde mal dos apartádos
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conselheira.

55

Nem tão pouco direi,que tome tanto
Em grosso a conciencia limpa, & certa,
Que se ẽleve nũ pobre,& humilde mãto,
Onde ambição acaso ande encuberta;
Que quãdo hũ bõ ẽ tudo he justo, & sãto,
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderà ter conta
A quieta innocencia em só Deos pronta.

56

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilco povo governàvão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez deſpacho dilatàvão:
Mas o Gama, que não pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenàvão,
Que levar a ſeu Rey hum ſinal certo,
Do mundo, que deixava deſcuberto.

57

Niſto trabalha ſó, que bem ſabia.
Que depois que levaſſe eſta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a ſumma alteza:
Com que a ſeu jugo, & ley ſometeria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais, que hũ diligente,
Deſcubridor das terras do Oriente:

58

Fallar ao Rey Gentio determina,
Por que com ſeu deſpacho ſe tornaſſe,
Que já ſentia em tudo da malina
Gente impedirſe quanto deſejaſſe:
O Rey, que da noticia falſa, & indina,
Não era de eſpantar ſe ſe eſpantaſſe,
Que tão credulo era em ſeus agouros,
E mais ſendo affirmados pelos Mouros.

Eſte

59

Este temor lhe esfria o baixo peito,
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza està sogeito,
Hum desejo immortal lhe acende,& atiça:
Que bem vè,que grandissimo proveito
Farâ,se com verdade,& com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

60

Sobre isto nos conselhos,que tomava,
Achava mui contrarios pareceres,
Que naquelles,com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitam chamar mandava,
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessarme a verdade limpa,& nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61

Eu sou bem informado,que a embaixada,
Que de teu Rey me déste,que he fingida,
Porque nem tu tens Rey,nẽ patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Quem da Esperia ultima alongada,
Rey,ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos,& frotas,
Tam incertas viagens,& remotas?

62

E ſe de grandes Reynos poderoſos
O teu Rey tem a regia Mageſtade,
Que preſentes me trazes valeroſos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças,& dões altos ſuntuoſos
Se lia dos Reys altos a amizade,
Que final,nem penhor, não he baſtante,
As palavras de hum vago navegante.

63

Se por ventura vindes deſterrados,
Como ja forão homens de alta ſorte,
Em meu Reyno ſereis agaſalhados,
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou ſe piratas ſois,ao mar uſados,
Dizeimo,ſem temor de infamia,ou morte,
Que por ſe ſuſtentar em toda idade,
Tudo faz a vital neceſſidade.

64

Iſto aſſi dito,o Gama,que ja tinha
Soſpeitas das inſidias,que ordenava
O Mahometico odio,donde vinha
Aquillo,que tão mal o Rey cuidava:
Cũa alta confiança,qual convinha
(Com que ſeguro credito alcançava)
Que Venus Acidalia lhe influîa,
Taes palavras do ſabio peito abria.

65

Se os antigos delitos,que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Não causàrão,que o vaso da nequicia
(Açoute tão cruel da Christandade)
Viera por perpetua inimicicia,
Na géração de Adam,co a falsidade,
O poderoso Rey da torpe seita,
Não conceberas tu tão má sospeita.

66

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressoẽs,& em todo effeito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito:
Me mostras tu tão pouca confiança,
Desta minha verdade,sem respeito
Das razoẽs em contrario,que acharias,
Senão cresses,a quem crer não devias.

67

Porque se eu de rapinas sò vivesse
Vndivago,ou da patria desterrado,
Como crés,que tam longe me viesse
Buscar assento incognito,& apartado:
Porque esperanças,ou porque interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Anfarcticos frios,& os ardores,
Que sofrem do Carneiro os moradores?

68

Se com grandes prefentes de alta eftima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais q̃ achar o eftranho clima
Onde a natura poz teu Reyno antigo:
Mas fe a fortuna tanto me fublima,
q̃ eu torne à minha patria, & Reyno antigo,
Então verâs o dom fobeibo, & rico,
Com que minha tornada certifico.

69

Se te parece inopinado feito,
Que Rey da ultima Hefperia a ti me mãde
O coração fublime, o regio peito,
Nenhum cafo poffivel tem por grande:
Bem parece, que o nobre, & grão cõceito,
Do Lufitano efpirito demande
Maior credito, & fê de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

70

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reys noffos firmemente propuzerão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que fempre a grandes coufas fe opuzerão:
E defcobrindo os mares inimigos
Do quieto defcanço, pretenderão
De faber, que fim tinhão, & onde eftavão
As derradeiras prayas, que lavavão.

71

Conceito digno foi de ramo claro,
Do venturoso Rey, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, & da Ara.

72

Crecendo cos successos bons primeiros
No peito as ousadias descobrirão
Pouco, & pouco caminhos estrangeiros,
q̃ hũs succedẽdo aos outros proseguirão
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flamas virão,
Forão vistos de nòs, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

73

Assi com firme peito, & com tamanho
Proposito vencemos a fortuna,
Atê que nòs no teu terreno estranho
Viemos pór a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, & importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Esta

74

Esta he a verdade, Rey, que não faria
Por tão incerto bem tão fraco premio,
Qual não sendo isto assi esperar podia,
Tão longo, tão fingido, & vão proemio:
Mas antes descançar me deixaria
No nunca descançado, & fero gremio
Da Madre Thetis, qual pirata iniquo
Dos trabalhos alheos feito riquo.

75

Assi que, ò Rey, se minha gram verdade
Tens por qual he, sincera, & não dobrada,
Ajuntame ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo pòde verse,
Que facil he a verdade de entenderse.

76

Atento estava o Rey na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade gram valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corrutos mal julgados

Iun-

77

Iuntamente a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeito
Co Capitão, & não co Mouro engano:
Em fim ao Gan a manda, que direito
Aas naos se vâ, & seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pella especiaria troque, & venda.

78

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Se algũa traz idonea lâ da banda
Donde a terra se acaba, & o mar começa:
Ia da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua està de largo.

79

Embarcação, que o leve ás naos lhe pede,
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, & embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios passos,
Onde, sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Là

80

Lâ bem longe,lhe diz,que lhe daria
Embarcação baſtante,em que partiſſe,
Ou que para a luz craſtina do dia
Futuro,ſua partida differiſſe:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama,que o Gentio conſentiſſe
Na mâ tenção dos Mouros torpe, & fera,
O que delle atè li não entendèra.

81

Era eſte Catual hum dos que eſtavão
Corrutos pella Mahometana gente,
O principal,por quem ſe governavão
As Cidades do Samoiî potente:
Delle sòmente os Mouros eſperavão
Effeito a ſeus enganos torpemente,
Elle,que no conceito vil conſpira,
De ſuas eſperanças não delira.

82

O Gama com inſtancia lhe requere
Que o mande pór nas naos,& não lhe val,
E que aſſi lho mandâra,lhe refere,
O nobre ſucceſſor de Perimal:
Porque razão lhe impede,& lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo,que os Reys ja tem mandado,
Não pòde ſer por outrem derogado.

Pouco

83

Pouco obcece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum sutil, & astúto
Engano, diabolico, & estupendo:
O como banhar possa o ferro bruto,
No sangue avorrecido, estáva vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa á patria mais tornasse.

84

Que nem hum torne à patria sò pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunqua onde se estende
A terra Eoe o Rey dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, q̃ lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos,
Nem sem licença sua irse podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85

Aos brados, & razoẽs do Capitão,
Ressponde o idolatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo, & fido amigo,
He não temer do seu nenhum perigo.

Nes-

86

Neſtas palavras o diſcreto Gama,
Enxerga bem que as naos deſeja, perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas aſſalte, por odio deſcuberto:
Em varios penſamentos ſe derrama,
Fantaſiando eſtá remedio certo,
Que deſſe a quanto mal ſe lhe ordenava,
Tudo temia, tudo emfim cuidava.

87

Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço, ou de criſtal fermoſo,
Que do rayo ſolar ſendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoſo:
E ſendo da ocioſa mão movido,
Pela caſa do moço curioſo,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo aqui, & alli deſſoſſegado,

88

Tal o vago juizo flutuàva
Do Gama preſo, quando lhe lembràra
Coelho, ſe por caſo o eſperava
Na praya cos bateis, como ordenára;
Logo ſecretamente lhe mandava
Que ſe tornaſſe à frota, que deixàra.
Não foſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava dos feros Mahometanos.

Tal

89

Tal hade ser, quem quer cõ dom de Marte
Imitar os illustres, & iguallalos
Voar co pensamento a toda a parte,
Adevinhar perigos, & evitalos;
Com militar engenho, & sutil arte,
Entender os imigos, & enganalos,
Crer tudo emfim, que nunqua louvarei
O Capitão, que diga não cuidei.

90

Insiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar à terra a armada,
Elle constante, & de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada,
Lhe andar armando, que por em ventura
Afrota de seu Rey, que tem segura.

91

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena,
De se tornar ao Rey, mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena;
Cometelhe o gentio outro partido,
Temendo de seu Rey castigo, ou pena
Se sabe esta malícia a qual asinha,
Saberà se mais tempo alli o detinha.

Diz

92

Dizlhe, que mande vir toda a fazenda
Vendivel, que trazia pera a terra,
Para que devagar se troque, & venda,
Que quẽ não quer comercio, busca gerra:
Posto, que os maos propositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

93

Concertãose, que o negro mande dar
Embarcaçoẽs idoneas, com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Ispana, que convenha,
Escreve a seu irmão, que lhemandasse,
A fazenda, com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella fica Alvaro, & Diogo,
Que a podessem vender, pelo que val:
Se mais, que obrigação, q̃ mando, & rogo,
No peito vil o premio pòde, & val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
Pois o Gama soltou pella fazenda.

Por

95

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse;
Elle vendo que ja lhe não convinha
Tornar á terra porque não pudesse
Ser mais retido, sendo às naos chegado,
Nellas estar se deixa descançado.

96

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Atè ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia ja do cobiçoso
Regedor corrompido, & pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assi como no pobre
Pode o vil interesse, & sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Threicio,
So por ficar senhor do gram thesouro,
Entra pello fortissimo edificio,
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Póde tanto em Tarpeya o avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quasi afogada em pago morre.

98

Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredores,& falſos os amigos,
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitaens aos inimigos:
Eſte corrompe virginaes purezas,
Sem temer de hõra,ou fama algũs perigos,
Eſte deprava ás vezes as ſciencias,
Os juizos cegando,& as conſciencias.

99

Eſte interpreta mais,que ſutilmente
Os textos,eſte faz,& desfaz leys,
Eſte cauſa os prejurios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reys:
Atè os que sò a Deos Omnipotente
Se dedicaõ, mil vezes ouvireis,
Que corrompe eſte encantador,& illude,
Mas não ſem cor com tudo de virtude.

# CANTO IX.

## ARGVMENTO.

*Parte de Calecut o Lusitano,*
*Com as alegres novas do Oriente,*
*E no meyo do tumido Occeano,*
*Venus lhe mostra hũa Insula excellente:*
*Aqui de todo bem sofrido dano,*
*Acha repouso assaz conveniente,*
*E com Ninfas gentis o mais do dia*
*Em festas passa, & jogos de alegria.*

I

TIverão longamente na Cidade,
Sem vẽderse a fazẽda, os dous feitores,
Que os infieis por manha, & falsidade,
Fazem, que não lha comprẽ mercadores:
Que todo seu proposito, & vontade
Era de ter alli os descubridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

2

Lá no seyo Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolomeu,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu:
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa, & profana,
Da religiosa agoa Mahometana.

3

Gidà se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar, mais florecia,
De que tinha proveito grande, & grato
O Soldão, que esse Reyno possuia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pello Indico Occeano,
Especiaria vem buscar cada anno.

4

Por estas naos os Mouros esperavão,
Que como fossem grandes, & possantes
Aquelles, que o comercio lhe tomavão,
Com flamas abrasassem crepitantes
Neste socorro tanto confiavão,
Que ja não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

Mas

5

Mas o Governador dos Ceos,& gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meyos dâ convenientes,
Por onde vem a eff ito o fim fadado:
Influío piedosos accidentes,
De aff içāo em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

6

Este,de quem se os Mouros nāo guardavāo,
Por ser Mouro como elles,antes era
Participante em quanto machinavāo,
A tençāo lhe descobre torpe,& fera:
Muitas vezes âs naos,que longe estavāo,
Visita,& com piedade considera
O dano, & sem razāo,que se lhe ordena
Pella mâl na gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora saō dos seus tāo desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Dizlhe,que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8

O Gama, que tambem conſiderava
O tempo, que para a partida o chama,
E que deſpacho ja não eſperava
Melhor do Rey, q̃ os Mahometanos ama:
Aos feitores, q̃ em terra eſtão, mandava,
Que ſe tornem âs naos, & porque a fama
Deſta ſubita vinda os não impida,
Lhes manda, que a fizeſſem eſcondida.

9

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não ſoaſſe com verdade,
Que foraõ preſos os feitores, quando
Forão ſentidos virſe da Cidade:
Eſta fama as orelhas penetrando
Do ſabio Capitão, com brevidade
Faz repreſaria nuns, que âs naos vierão
A vender pedraria, que trouxerão.

10

Eraõ eſtes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, & conhecidos,
Da falta delles, logo entre os melhore
Sentido foi, que eſtão no mar retidos;
Mas ja nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabreſtante, & repartidos
Pello trabalho, huns puxão pella amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros

11

Outros pendem da verga, & ja desatão
A vella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rey relatão
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres, & filhos, que se matão
Daquelles, que vão presos, aonde estava
O Samorî, se queixão, que perdidos
Huns tem os pays, as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos,
Com toda sua fazenda livremente,
A pesar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Disculpas manda o Rey de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as disculpas, & tomando
Alguns negros, se parte, as vellas dando.

13

Partese costa abaixo, porque entende,
Que em vão co Rey gentio trabalhava,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por tomar o comercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pella Aurora sabida ja deixava;
Com estas novas torna á patria cara,
Certos sinaes levando, do que achára.

14

Leva alguns Malabares,que tomou
Por força,dos que o Samorî mandâra,
Quando os presos feitores lhe tornou,
Leva pimenta ardente,que comprâra:
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz,& o negro Cravo,que faz clara
A nova Ilha Maluco,co a Canella,
Com que Ceilão he rica,illustre,& bella.

15

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel,que tambem leva,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no livro de Christo,que se escreva:
O ditoso Africano,que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E tam longe da patria achou maneira
Para subir à patria verdadeira.

16

Apartadas assi da ardente côsta,
As venturosas naos levando a proa
Para onde a natureza tinha pôsta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas,& reposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto,timidos,& ledos.

O pra-

17

O prazer de chegar à patria cara,
A seus penates caros, & parentes,
Para contar a peregrina, & rara
Navegação, os varios Ceos, & gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhâra
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum o tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

18

Porém a Deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, & por bom genio dada,
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava ja ordenando, & pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

19

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegárão,
Os trabalhos, que pello Deos nacido,
Nas Anfitoneas Thebas se causárão:
Ia trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passárão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanço
No Reyno de cristal liquido, & manço.

algum

20

Algum repouſo em fim, com que pudeſſe
Refucilar a laſſa humanidade
Dos navegantes ſeus, como intereſſe
Dos trabalhos, que incurta a breveidade:
Parecelhe razão, que conta dêſſe
A ſeu filho por cuja poteſtade
Os Deoſes faz decer ao vil terreno,
E os humanos ſubir ao Ceo ſereno.

21

Iſto bem revolvido, determina
De terlhe aparelhada lâ no meyo
Das agoas, algũa Inſula divina,
Ornada de eſmaltado, & verde arreyo:
Que muitas tem no Reyno, que confina
Com a primeira do terreno ſeyo;
Afòra as que poſſue ſoberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

22

Alli quer, que as aquaticas donzellas
Eſperem os fortiſſimos vardens,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos coraçoens;
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirâ ſecretas affeiçoens,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem ſe affeiçoarem.

Tal

23

Tal manha a buſcou ja, para que aquelle,
Que de Anchiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo, que a bovina pelle
Tomou de eſpaço por ſutil partido:
Seu filho vai buſcar, porque sò nelle
Tem todo ſeu poder (fero Cupido)
Que aſſi como naquella empreſa antiga
A ajudou ja, neſtoutra a ajude, & ſiga.

24

No carro junta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que ja foi convertida,
Periſtera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deoſa ja partida,
No ar laſcivos beijos ſe vão dando
Ella por onde paſſa o ar, & o vento
Sereno faz, com brando movimento.

25

Ia lâ ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro eſtava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famoſa expedição,
Contra o mundo rebelde, porque entende
Erros grandes, que ha dias nelle eſtão,
Amando couſas, que nos forão dadas,
Não para ſeramadas, mas uſadas.

80

Lâ bem longe, lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na mâ tenção dos Mouros torpe, & fera,
O que delle atè li não entendèra.

81

Era este Catual hum dos que estavão
Corrutos pella Mahometana gente,
O principal, por quem se governavão
As Cidades do Samoiî potente:
Delle sòmente os Mouros esperavão
Effeito a seus enganos torpemente,
Elle, que no conceito vil conspira,
De suas esperanças não delira.

82

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pór nas naos, & não lhe val,
E que assi lho mandâra, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe impede, & lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo, que os Reys ja tem mandado,
Não pòde ser por outrem derogado.

Pouco

83

Pouco obcece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum sutil, & astúto
Engano, diabolico, & estupendo:
O como banhar possa o ferro bruto,
No sangue avorrecido, estáva vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa á patria mais tornasse.

84

Que nem hum torne à patria sò pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunqua onde se estende
A terra Eoe o Rey dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, q̃ lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos,
Nem sem licença sua irse podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85

Aos brados, & razoẽs do Capitão,
Ressponde o idolatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo, & fido amigo,
He não temer do seu nenhum perigo.

Nes-

86

Neſtas palavras o diſcreto Gama,
Enxerga bem que as naos deſeja,perto
O Catual, porque com ferro,& flama
Lhas aſſalte,por odio deſcuberto:
Em varios penſamentos ſe derrama,
Fantaſiando eſtâ remedio certo,
Que deſſe a quanto mal ſe lhe ordenava,
Tudo temia,tudo emfim cuidava.

87

Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço,ou de criſtal fermoſo,
Que do rayo ſolar ſendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoſo:
E ſendo da ocioſa mão movido,
Pela caſa do moço curioſo,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo aqui,& alli deſſoſſegado,

88

Tal o vago juizo flutuàva
Do Gama preſo, quando lhe lembràra
Coelho,ſe por caſo o eſperava
Na praya cos bateis, como ordenára;
Logo ſecretamente lhe mandava
Que ſe tornaſſe à frota, que deixàra.
Não foſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava dos feros Mahometanos.

Tal

89

Tal hade ser, quem quer cõ dom de Marte
Imitar os illustres, & igualla-los
Voar co pensamento a toda a parte,
Adevinhar perigos, & evita-los;
Com militar engenho, & sutil arte,
Entender os imigos, & engana-los,
Crer tudo emfim, que nunqua louvarei
O Capitão, que diga não cuidei.

90

Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar â terra a armada,
Elle constante, & de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada,
Lhe andar armando, que por em ventura
A frota de seu Rey, que tem segura.

91

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena,
De se tornar ao Rey, mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena;
Cometelhe o gentio outro partido,
Temendo de seu Rey castigo, ou pena
Se sabe esta malicia a qual asinha,
Saberá se mais tempo alli o detinha.

92

Dizlhe, que mande vir toda a fazenda
Vendivel, que trazia pera a terra,
Para que devagar se troque, & venda,
Que quẽ não quer comercio, busca gerra:
Posto, que os maos propositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

93

Concertãose, que o negro mande dar
Embarcaçoẽs idoneas, com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Ispána, que convenha,
Escreve a seu irmão, que lhemandasse,
A fazenda, com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella fica Alvaro, & Diogo,
Que a pudessem vender, pelo que val:
Se mais, que obrigação, q̃ mando, & rogo,
No peito vil o premio póde, & val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
Pois o Gama soltou pella fazenda.

95

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse;
Elle vendo que ja lhe não convinha
Tornar á terra porque não pudesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descançado.

96

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Atè ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia ja do cobiçoso
Regedor corrompido, & pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assi como no pobre
Pode o vil interesse, & sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Threicio,
Sò por ficar senhor do gram thesouro,
Entra pello fortissimo edificio,
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Póde tanto em Tarpeya o avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quasi afogada em pago morre.

98

Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredores,& falſos os amigos,
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitaens aos inimigos:
Eſte corrompe virginaes purezas,
Sem temer de hõra,ou fama algũs perigos,
Eſte deprava ás vezes as ſciencias,
Os juizos cegando,& as conſciencias.

99

Eſte interpreta mais,que ſutilmente
Os textos,eſte faz,& desfaz leys,
Eſte cauſa os prejurios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reys:
Atè os que sò a Deos Omnipotente
Se dedicaõ, mil vezes ouvireis,
Que corrompe eſte encantador,& illude,
Mas não ſem cor com tudo de virtude.

# CANTO IX.

## ARGVMENTO.

*Parte de Calecut o Lusitano,*
*Com as alegres novas do Oriente,*
*E no meyo do tumido Occeano,*
*Venus lhe mostra hũa Insula excellente:*
*Aqui de todo bem sofrido dano,*
*Acha repouso assaz convemente,*
*E com Ninfas gentis o mais do dia*
*Em festas passa, & jogos de alegria.*

I

TIverão longamente na Cidade,
Sem vẽderse a fazẽda, os dous feitores,
Que os infieis por manha, & falsidade,
Fazem, que não lha comprẽ mercadores:
Que todo seu proposito, & vontade
Era de ter alli os descubridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

2

Lá no seyo Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolomeu,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu:
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa, & profana,
Da religiosa agoa Mahometana.

3

Gidà se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar, mais florecia,
De que tinha proveito grande, & grato
O Soldão, que esse Reyno possuia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pello Indico Occeano,
Especiaria vem buscar cada anno.

4

Por estas naos os Mouros esperavão,
Que como fossem grandes, & possantes
Aquelles, que o comercio lhe tomavão,
Com flamas abrasassem crepitantes
Neste socorro tanto confiavão,
Que ja não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

Mas

5

Mas o Governador dos Ceos,& gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meyos dâ convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado:
Influio piedosos accidentes,
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

6

Este,de quem se os Mouros não guardavão,
Por ser Mouro como elles,antes era
Participante em quanto machinavão,
A tenção lhe descobre torpe,& fera:
Muitas vezes âs naos,que longe estavão,
Visita,& com piedade considera
O dano,& sem razão,que se lhe ordena
Pella mâl na gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora saõ dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Dizlhe,que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho ja não esperava
Melhor do Rey, q̃ os Mahometanos ama:
Aos feitores, q̃ em terra estão, mandava,
Que se tornem âs naos, & porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhes manda, que a fizessem escondida.

9

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foraõ presos os feitores, quando
Forão sentidos virse da Cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns, que âs naos vierão
A vender pedraria, que trouxerão.

10

Eraõ estes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, & conhecidos,
Da falta delles, logo entre os melhore
Sentido foi, que estão no mar retidos;
Mas ja nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, & repartidos
Pello trabalho, huns puxão pella amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros

11

Outros pendem da verga,& ja desatão
A vella,que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rey relatão
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres,& filhos,que se matão
Daquelles,que vão presos,aonde estava
O Samorî,se queixão,que perdidos
Huns tem os pays,as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos,
Com toda sua fazenda livremente,
A pesar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Disculpas manda o Rey de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos,que as disculpas,& tomando
Alguns negros,se parte,as vellas dando.

13

Partese costa abaixo,porque entende,
Que em vão co Rey gentio trabalhava,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por tomar o comercio,que tratava:
Mas como aquella terra,que se estende
Pella Aurora sabida ja deixava;
Com estas novas torna á patria cara,
Certos sinaes levando,do que achára.

14

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorî mandâra,
Quando os presos feitores lhe tornou,
Leva pimenta ardente, que comprâra:
A seça flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro Cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, co a Canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

15

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva:
O ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E tam longe da patria achou maneira
Para subir à patria verdadeira.

16

Apartadas assi da ardente cósta,
As venturosas naos levando a proa
Para onde a natureza tinha pòsta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, & reposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, & ledos.

O pra-

17

O prazer de chegar à patria cara,
A seus penates caros, & parentes,
Para contar a peregrina, & rara
Navegação, os varios Ceos, & gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhâra
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum o tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

18

Porém a Deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, & por bom genio dada,
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava ja ordenando, & pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

19

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegárão,
Os trabalhos, que pello Deos nacido,
Nas Anfitoneas Thebas se causárão:
Ia trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passárão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanço
No Reyno de cristal liquido, & manço.

23

Tal manha a buſcou ja, para que aquelle,
Que de Anchiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo, que a bovina pelle
Tomou de eſp. ço por ſutil partido:
Seu filho vai buſcar, porque sò nelle
Tem todo ſeu poder (fero Cupido)
Que aſſi como naquella empreſa antiga
A ajudou ja, neſtoutra a ajude, & ſiga.

24

No carro junta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que ja foi convertida,
Periſtera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deoſa ja partida,
No ar laſcivos beijos ſe vão dando
Ella por onde paſſa o ar, & o v. nto
Sereno faz, com brando movimento.

25

Ia lá ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frècheiro eſtava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famoſa expedição,
Contra o mundo rebelde, porque entende
Erros grand s, que ha dias nelle eſtão,
Amando couſas, que nos forão dadas,
Não para ſeramadas, mas uſadas.

Via

26

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doce, & severo,
Mostrarlhe a formosura de Diana,
E guardese não seja inda comido
Desses caẽs, que agora ama, & consumido.

27

E vè do mundo todo os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina,
Vè nelles, que naõ tem amor a mais,
Que a si sòmente, & a quẽ Filaucia ensina:
Vè, que esses, que frequentão os reaes
Paços, por verdadeira, & sãa doctrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondarse o novo trigo florecente.

28

Vé, que aquelles, que devem à pobreza
Amor divino, & ao povo charidade,
Amão sòmente mandos, & riqueza,
Simulando justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & da aspereza,
Fazem direito, & vãa severidade,
Leys em favor do Rey se estabelecem,
As em favor do povo sò perecem.

Vê

29

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releve,
O castigo, que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes â peleja,
Que espera ter co a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes mininos voadores
Hião em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros asteas de ferro adelgaçando:
Trabalhando, cantando vão de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a toada.

31

Nas fragoas immortaes, onde forjavão
Para as setas as pontas penetrantes
Por lenha, coraçoens ardendo estavão,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperavão,
Lagrimas são de miseros amantes,
A viva flama, e nunca morto lume,
Desejo he só, que queima, & não consume

Alguns,

32

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros coraçoens da plebe dura,
Crebros suspiros pello ar soavão,
Dos que feridos vão da seta aguda:
Fermosas Ninfas saõ as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sòmente dà vida aos mais feridos,
Mas poem em vida os inda não nacidos.

33

Fermosas saõ algũas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pellas veas,
Curãono ás vezes asperas triagas:
Alguns ficão ligados em cadeas,
Por palavras subtís de sabias Magas,
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertão de levar ervas secretas.

34

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nacem amores mil desconcertados,
Entre o povo ferido miserando:
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli, & Cynirèa,
Hum mancebo de Assiria, ou de Iudéa.

E vós,

35

E vòs,ó poderosos,por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes,
E por baixos,& rudes vòs,senhoras,
Tambem vos tomão as Vulcaneas redes:
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados,& paredes,
Mas eu creo,que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy,que a do minino.

36

Mas ja no verde prado o carro leve
Punhão os brancos Cisnes mançamente,
E Dióne,que as rosas entre a neve,
No rosto traz,decia diligente:
O frécheiro que contra o Ceo se atreve,
A recebela vem ledo,& contente,
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á Deosa dos amores.

37

Ella porque naõ gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho,confiada
Lhe diz,amado filho,em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Filho,em quem minhas forças sẽpre estão,
Tu,que as armas Tifeas tens em nada,
A socorrerme a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Bem

38

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar,& ter em preço:
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos,me offereço
A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39

E porque das insidias do odioso
Bacco,forão na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso,
Puderão mais ser mortos,que cançados:
No mesmo mar,que sempre temeroso
Lhe foi,quero que sejão repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho,que faz clara a memoria.

40

E para isso queria,que feridas
As filhas de Neréo, no ponto fundo,
Do amor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descubrir o novo mundo;
Todas numa Ilha juntas,& subidas,
Ilha,que nas entranhas do profundo
Occeano terei aparelhada,
De doẽs de Flora, & Zefiro adornada.

Alli

41

Alli com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

42

Quero que haja no Reyno Neptunino,
Onde eu naci, progenie forte, & bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebela:
Porque entendão, que muro adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella,
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43

Assi Venus propoz, & o filho iniquo,
Para lhe obedecer já se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de pontas de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cypria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe
A redea larga ás aves, cujo canto,
A Faetonea morte chorou tanto.

44

Mas,diz Cupido,que era necessaria
Hũa fermosa,& celebre terceira,
Que posto q̃ mil vezes lhehe contraria,
Outras muitas tem por companheira:
A Deosa Gigantea temeraria,
Iactante,mentirosa,& verdadeira,
Que cõ cem olhos vè, & por onde voa,
O que vê com mil bocas apregoa.

45

Vãona buscar,& mandãonadiante,
Que celebrando và com tuba clara:
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunqua os doutrẽ celebrâra
Iá murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhàra,
Fala verdade,havida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

46

O louvor grande, o rumor excellente,
No coração dos Deoses,que indinados
Forão por Bacco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados:
O peito feminil,que levemente
Muda quaisquer propositos tomados,
Iá julga por mao zelo,& por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

47

Deſpede niſto o fero moço as ſetas,
Hũa apoz outra,geme o mar cos tiros,
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão,& algũas fazem giros:
Caem as Ninfas,lançaõ das ſecretas
Entranhas ardentiſſimos ſuſpiros,
Cae qualquer,ſem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a viſta póde a fama.

48

Os cornos ajuntou da eburnea lúa,
Com força o moço indomito exceſſiva,
Que Thetis, quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era eſquiva:
Iâ não fica na aljava ſeta algũa,
Nem nos equoreos campos Ninfa viva,
E ſe feridas inda eſtão vivendo,
Será para ſentir,que vaõ morrendo.

49

Dai lugar altas, & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Moſtrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Para que tu reciproco reſpondas,
Ardente amor,á flama feminina,
He forçado, que a pudicia honeſta
Faça quanto lhe Venus amoeſta.

50

Ia todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas, & junto caminhava
Em coreas gentîs, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava:
Alli a fermosa Deosa lhe aconselha,
O que ella fez mil vezes, quando amava,
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

51

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover se de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Houverão vista da Ilha namorada,
Rompendo pello Ceo a mãy fermosa
De Memnonio suave, & deleitosa.

52

De longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pellas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegão a movia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas

53

Mas firme a fez, & immovel, como vio,
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Febo, & a Deosa á caça usada:
Pera lá logo a proa o már abrio;
Onde a costa fazia hũa enceáda
Curva, & quieta, cuja branca arèa,
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

54

Tres fermosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornàvão,
Na fermosa Ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes, & liquidas manàvão
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se diriva,
A sonora lympha fugitiva.

55

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginarse:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está pera enfeitarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em fim o está pintado propriamente.

56

Mil arvores estão ao Ceo subindo
Com pomos odoriferos, & bellos,
A larangeira têm no fruito lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está cahindo
A cidreira cos pesos amarellos,
Os fermosos limoẽs, alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem cõ frondente coma ennobrecidos,
Alamos saõ de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos:
Mirtos de Cytherêa cos pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos,
Està apontando o agudo Cypariso
Para onde he posto o etereo Paraiso.

58

Os doens, que dá Pomona, alli natura,
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se daõ muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veyo,
Melhor tornado no terreno alheyo.

59

Abre a Romãa, moſtrando a rubicunda
Cor, com que tu Ruby teu preço perdes,
Entre os braços do ulmeiro eſtâ a jucunda
Vide cũs cachos roxos, & outros verdes:
E vòs ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiſerdes,
Entregaivos ao dano, que cos bicos
Em vòs fazem os paſſaros iniquos;

60

Pois a tapeſſaria bella, & fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina,
Mas o ſombrio valle mais ameno,
Alli a cabeça a flor Ceſiſia inclina,
Sobolo tanque lucido, & ſereno,
Florece o filho, & neto de Cyniras,
Porquem tu, Deoſa Paſia, inda ſuſpiras.

61

Para julgar dificil couſa fora,
No Ceo vẽdo, & na terra as meſmas cores
Se dava às flores cor a bella Aurora,
Ou ſe lha dão a ella as bellas flores:
Pintando eſtava alli Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O lirio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

62

A candida Cecem das matutinas
Lagrimas rociada, & a Manjarona;
Vemſe as letras nas flores Hyacintinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem ſe enxerga nos pomos & boninas,
Que competia Cloris cõ Pomona;
Pois ſe as aves no âr cantando voão,
Alegres animais o chão povoão:

63

Ao longo da agoa o niveo Ciſne canta,
Reſpondelhe do ramo Filomella,
Da ſombra de ſeus cornos não ſe eſpanta,
Acteon n'agoa criſtalina, & bella:
Aqui a fugace Lebre ſe levanta
Da eſpeſſa mata, ou timida Gazella,
Alli no bico trâz ao cáro ninho,
O mantimento o leve paſſarinho.

64

Neſta freſcura tal deſembarcàvão
Ià das nãos os ſegundos Argonautas,
Onde pella floreſta ſe deixávão
Andar as bellas Deoſas, como incautas:
Algũas doces cytharas tocàvão,
Algũas arpas, & ſonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro ſe fingião
Seguir os animais, que não ſeguião.

65

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pellos campos espalhadas;
Que vistas dos varões a preza incerta,
Se fizessem primeiro dezejádas:
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estavão confiádas,
Deposta a artificiosa fermosura,
Nùas lavar se deixão na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, que na praya
Punhão os pés da terra cobiçosos,
Que não hà nenhũ delles, que não saya,
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidão que sem laços, ou redes caya,
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave domestica, & benina,
Qual ferida lha tinha jà Ericina.

67

Alguns, que nas espingardas, & nas bèstas
Para ferir os Cervos se fiávão,
Pellos sombrios matos, & florestas,
Determinadamente se lançàvão;
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura passeávão,
Ao longo da agoa, que suave, & queda,
Por alvas pedras corre à praya leda.

Começão

68

Começão de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos varias cores,
Cores, de quem a vista julga, & sente,
Que naõ eram das rosas, ou das flores:
Mas da lãa fina, & seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosa s,
Fazendose por arte mais fermosas,

69

Dâ Veloso espantado hum grande grito,
Senhores, caça estranha, disse, he esta,
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descubrimos do que humano esprito
Desejou nunca, & bem se manifesta,
Que saõ grandes as cousas, & excellentes,
q̃ o mũdo encobre aos homẽs imprudẽtes

70

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas saõ, se verdadeiras.
Isto dito, velozes mais, que gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Ninfas vaõ por entre os ramos
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco, & pouco surrindose, & gritos dãdo,
Se deixaõ hir dos galgos alcançando.

De

71

De hũa os cabellos de ouro o vento leva
Correndo,& da outra as fraldas delicadas;
Acendese o desejo,que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Hũa de industria cae, & ja releva
Com mostras mais macias, que indinadas,
Que sobre ella empeçando tambem caya,
Quem a seguio pela arenosa praya.

72

Outros por outra parte vaõ topar,
Com as Deosas despidas,que se lavaõ,
Ellas começão subito a mostrar,
Como que assalto tal naõ esperavaõ:
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha,que a força, se lançavaõ
Nuas por entre o mato,aos olhos dando,
O que às mãos cobiçosas vaõ negando.

73

Outra, como acodindo mais depressa
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agoa,outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fòra:
Tal dos mancebos ha que se arremessa,
Vestido assi,& calçado,que co a mora
De se despir hâ medo, que inda tarde,
A matar na agoa o fogo,que nelle arde.

Qual

74

Qual cão de caçador,sagaz, & ardido,
Vsado a tomar na agoa ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a Garcenha,ou Pata conehcida:
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta na agoa,& da preza não duvida,
Nadando vai,& latindo,assi o mancebo
Remete, a que não era irmãa de Febo.

75

Leonardo soldado bem desposto
Manhoso cavaleiro, & namorado,
A quem amor não dêra hum sò de gosto,
Mas sempre fora delle maltratado:
E tinha jà por firme presuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

76

Quiz aqui sua ventura,que corria
Apoz Efire,exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras dar queria,
O que deo pera darse à natureza:
Iâ cansado correndo lhe dizia,
O fermosura indina de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

Todas

77

Todas de correr canção, Ninfa pura,
Rendendose à vontade do inimigo,
Tu só de mi sò foges na espessura,
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda parte sempre anda comigo,
O não na crêas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

Não cances, que me canças, & se queres
Fugirme, porque não possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda q esperes,
Ella farâ que não possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo buscas de escaparte,
E notarás no fim deste successo,
Tra la spica é la man, qual muro é messo.

79

O não me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura,
Que só com refrear o passo leve
Vencerâs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreve,
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu sò farâs não me fugindo?

Poemste

83

O que famintos beijos na floresta,
E que mimo so choro, que soàva,
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava:
O que mais passão na menhãa, & na sesta,
Que Venus com prazeres inflamâva,
Melhor he experimentálo, que julgálo,
Mas julgueo, quẽ não póde exprimentálo.

84

Desta arte em fim conforme já as fermosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes:
As mãos alvas lhes dávão como espolas,
Com palavras formais, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida, & morte de honra, & alegria.

85

Hũa dellas mayor, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas, & obedece,
Que dizem ser de Celeo, & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece:
Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta, & regia,
Mostrando se senhora grande, & egregia.

Que

89

Que as Ninfas do Occeano tam fermosas,
Thetis,& a Ilha angelica pintada,
Outra cousa não he,que as deleitosas
Honras,que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triunfos,a fronte coroada
De Palma,& Louro,a gloria,& maravilha,
Estes saõ os deleites desta Ilha,

90

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade,que os illustres ama,
Là no estellante Olimpo,a que subia
Sobre as azas inclitas da fama:
Por obras valerosas,que fazia,
Pello trabalho immenso,que se chama
Caminho da virtude alto,& fragoso,
Mas no fim doce,alegre,& deleitoso.

91

Não erão senão premios,que reparte
Por feitos immortaes,& soberanos,
O mundo cos varoẽs,que esforço, & arte,
Divinos os fizerão,sendo humanos:
Que Iupiter,Mercurio,Febo,& Marte,
Eneas,& Quirino,& os dous Thebanos,
Ceres,Pallas,& Iuno,com Diana,
Todos forão de fraca carne humana.

95

E fareis claro o Rey, que tanto amaes,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façaes,
Que quẽ quiz sempre pode, & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recebidos.

# CANTO X.

## ARGVMENTO.

*As mesas de vivificos manjares,*
*Com as Ninfas os Lusos valerosos,*
*Ouvem de seus vindouros singulares,*
*Façanhas, em acentos numerosos:*
*Mostralhe Thetis tudo quanto os mares,*
*E quanto os Ceos rodeam luminosos,*
*A pequeno volume reduzido,*
*E torna a freta ao Tejo tam querido,*

i

MAs ja o claro amador da Lariſſea
Adultera, inclinava os animaes,
Lá para o grande lago, que rodea
Temiſtitam, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co ſopro, que nos tanques naturaes,
Encreſpa agoa ſerena, & deſpertava,
Os Lirios, & Iaſmins, que a calma agrava.

Quan-

2

Quando as fermosas Ninfas cos amantes,
Pela mão já conformes,& contentes,
Subiaõ para os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rayuha, que abundantes
Mesas, de altos manjares excellentes,
Lhes tinha aparelhado,que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Alli em cadeiras ricas cristalinas
Se assentaõ,dous,& dous,amante, & dama,
Noutras â cabeceira de ouro finas,
Está co'a bella Deosa o claro Gama:
De iguarias suaves,& divinas,
A quem não chega a Egipcia antiga Fama
Se acumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

4

Os vinhos odoriferos,que acima
Estaõ,naõ sò do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia,que Iove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno:
Nos vasos,onde em vão trabalha á lima,
Crespas escumas erguem , que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co a mistura dagoa fria.

5

Mil práticas alegres se tocávão,
Rizos doces, sutis, & argutos ditos,
Que entre hũ, & outro májar se levãtàvaõ,
Despertando os alegres affectos:
Musicos instrumentos naõ faltávaõ,
Quaes no profundo Reyno os nùs espritos,
Fizeraõ descançar da eterna pena,
Cũa voz d'hũa angelica Syrena.

6

Cantáva a bella Ninfa, & cos acentos,
Que pelos altos paços vaõ soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As agoas, & nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

7

Com doce voz està subindo ao Ceo
Altos varoẽs, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Idéas vio Protheo,
Num globo vaõ, diafano, & rotundo:
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & depois no Reyno fundo,
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Mate-

8

Materia he de Coturno, & naõ de Soco,
A que a Ninfa aprendeo no immenso lago
Qual Yòpas naõ soube, ou Demodóco,
Entre os Fràces hum, outro em Cartago:
Aqui minha Calliope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q̃ escrevo, & em vaõ pretẽdo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9

Vaõ os annos decendo, & jà do Estio
Ha pouco, que passar atè o Otono.
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já naõ me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vaõ levando ao rio
Do negro esquecimento, & eterno sono,
Mas tu me dá que cumpra ò graõ Raynha
Das musas, co que quero à naçaõ minha.

10

Cantava a bella Deosa, que viriaõ
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas; que as ribeiras venceriaõ,
Por onde o Occeano Indico suspira:
E que os Gentios Reys, que naõ dariaõ
A cerviz sua ao jugo, o ferro, & ira,
Provariaõ do braço duro, & forte,
Atè renderse a elle, ou logo â morte.

11

Cantava de hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dinidade,
Que sò por não quebrar cos singulares
Varões os nòs, que dêra de amizade:
Sofrerà suas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade,
Ver destruir do Samorì potente,
Que tais odios terâ co a nova gente.

12

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao martiaria,
O graõ Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentirâõ, quando entraria
O curvo lenho em ò fervido Occeano,
Quando mais n'agoa os troncos, q̃ gemerẽ
Contra sua natureza se meterem.

13

Mas já chegado aós fins Orientais,
E dexado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curvo rio:
Desbaratarà os Naires infernais,
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente,
Que verà tanto obrar tam pouca gente.

14

Chamarà o Samorí mais gente nova,
Viráõ Reys de Bipúr, & de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta próva
Estaràõ prometendo a seu senhor:
Para que todo o Norte em fim se mova,
Que entre Calecut jâz, & Cananor,
Dambas as leys imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

15

E todos outra vez desbaratando
Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irâ matando,
A todo o Malavar terá àdmirado:
Cometerá outra vez naõ dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immo-(tos.

16

Iá naõ defenderá sómente os passos,
Mas queimarlhehá lugares, templos, casas,
Aceso de ira o Cão, naõ vendo lassos,
Aquelles, que as cidades fazem razas:
Farâ, que os seus de vida pouco escassos
Cometaõ o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo, mas voando,
D'hum noutro, tudo irâ desbaratando.

Virà

17

Vi à alli o Samorì porque em pessoa,
Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirâ no andor sublime:
Iâ naõ verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inventará traições, & vãos venenos,
Mas sempre, o Ceo querendo, fará menos.

18

Que tornará a vez septima, cantàva,
Pelejar co invito, & forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, & agrava,
Mas com tudo, este só o fará confuso:
Trarà para a batalha horrenda, & brava,
Maquinas de madeiros fòra de uso,
Para lhe abalroar as Caravelas,
Que atélli vaõ lhe fora cometellas.

19

Pela agoa levá a serras de fogo,
Para abrazarlhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, lógo
Farâ ser van a bravéza com que venha
Nenhum claro varaõ no Marcio jogo
(Que nas azas da Fama se sostenha)
Chega a este, que a palma a todos tóma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

Por-

20

Poi que tantas batalhas sostentádas
C'm muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas,& artes inventàdas,
Tantos Cães naõ imbelles profligados,
Ou parecerâõ fabulas sonhâdas,
Ou que os celestes Còros invocados
Decerâõ a ajudallo,& lhe daráõ,
Esforço,força,ardil,& coração.

21

Aquelle,que nos campos Maratonios
O graõ poder de Dario estrue, & rende?
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Termopilas defende;
Nem o mancebo Cócles dòs Ausonios,
Que com tòdo o poder Tusco contende,
Em defensa da ponte,où quinto Fabio,
Foi como este na guerra,forte,& sabio.

22

Mas neste passo a Ninfa o som canoró
A baixando,fez rouco,& entristecido,
Cantando em baixa vòz envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido:
Oh Belisario,disse,que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tēs,com quem pòdes consolarte.

Aqui

23

Aqui tẽs companheiro,assi nos feitos,
Como no galardão,injusto,& duro;
Em ti, & nelle veremos altos peitos
A baixo estàdo vir humilde,& escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey,& á ley servem de muro,
Isto fazem os Reys,cuja vontade
Manda mais,que a justiça,& q̃ a verdade.

24

Isto fazem os Reys, quando embebidos
Nũa aparencia branda, que os contenta,
Daõ os premios de Ayace merecidos,
A a lingua vam de Vlysses fraudulenta:
Mas vingome,q̃ os bẽs mal repartidos,
Por quem sós doces sombras apresenta,
Senão os dão a sabios cavaleiros,
Damnos logo a avarentos lisongeiros.

25

Mas tu,de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassallo,ò Rey,só nisto iniquo,
Senaõ ès para darlhe honroso estado,
He elle para darte hum Reyno riquo:
Em quanto for o mundo rodeâdo
Dos Apollineos rayos,eu te fiquo,
Que elle seja entre a gente illustre,& claro,
E tu nisto culpado por avâro.

26

Mas eis outro cantava intitulado
Vem com nome Real, & traz consigo
O filho, que no mar serâ illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão cum braço forte armado
Aa Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, & humano,
Deitado fôra o perfido tyrano.

27

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,
Em pago dos passados maleficios:
Depois na costa da India, andando chea,
De lenhos inimigos, & artificios,
Contra os Lusos com vellas, & cõ remos,
O mancebo Lourenço fará estremos.

28

Das grandes naos do Samorí potente,
Que encherão todo o mar cõ ferrea pella,
Que sae como trovão do cobre ardente,
Farà pedaços leme, masto, & vella:
Depois lançando arpeos ousadamente
Na Capitania imiga, dentro nella
Saltando, a fará sò com lança, & espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

29

Mas de Deos a escondida providencia,
Que elle só sabe o bem, de que se serve,
O porà onde esforço, nem prudencia,
Poderà haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, & resistencia
O mar todo com fogo, & ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saya,
As armadas de Egypto, & de Cambaya.

30

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço, só com força rende,
Os ventos, que faltârão, & os perigos
Do mar, que sobejárão, tudo offende;
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

31

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passàra,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gram coração, que lhe ficàra;
Atè que outro pilouro quebra os laços,
Com que com a alma o corpo se liâra,
Ella solta voou da prisaõ fòra,
Onde subito se acha vencedora.

32
Vaite alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu merecefte paz ferena,
Que o corpo, q̃ em pedaços fe aprefenta,
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a gram tormenta,
Que vem ja dar a dura,& eterna pena,
De Efperas,Bafilifcos, & Trabucos,
A Cambaicos crueis,& Mamelucos.

33
Eis vem o pay com animo eftupendo,
Trazendo furia,& magoa por antolhos,
Com q̃ o paterno amor lhe eftà movendo
Fogo no coração,agoa nos olhos:
A nobre ira lhe vinha prometendo,
Que o fangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos;fentiloha o Nilo,
Podeloha o Indo ver,& o Gange ouvilou.

34
Qual o Touro ciofo,que fe enfaya
Para a crua peleja,os cornos tenta,
No tronco de hum carvalho, ou alta faya,
E o ar ferindo,as forças exprimenta:
Tal,antes que no ceyo de Cambaya
Entre Francifco irado,na opulenta
Cidade de Dabul,a efpada afia,
Abaixandolhe a tumida oufadia:

E logo

35

E logo entrando fero na enseada
De Dio illustre em cercos, & batalhas,
Fará espalhar a fraca, & grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros, que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio, & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

36

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperarà dos vingadores,
Verá braços, & pernas ir nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores;
Rayos de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores,
Quanto alli sentirão olhos, & ouvidos,
He fumo, ferro, flamas, & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que depois virà ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a fama, & gloria
Hum successo, que triste & negro vejo;
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardará, não terâ pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tirárão toda a India, & Egyto.

Alli

38

Alli Cafres salvagẽs poderàõ,
O que déstros imigos naõ pudéraõ,
E rudes paos tostados ló faràõ,
O que arccs,& pelouros naõ fizerão:
Occultos os juizos de Deos saõ,
As gentes vãs,que naõ nos entendéraõ,
Chamãolhe Fado mao,Fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

39

Mas ò que luz tamanha,que abrir sinto,
Dizia a Ninfa,& a voz alevantava,
Lâ no mar de Melinde em sangue tinto,
Das Cidades de Lamo,de Oja, & Brava:
Pelo Cunha tambem,que nunqua extintò
Serà seu nome em todo o mar, que lava
As Ilhas do Austro,& prayas, q̃ se chamaõ,
De S.Lourẽço,& em todo o Sul se afamão.

40

Esta luz he do fogo,& das luzentes
Armas,cõ q̃ Albuquerque irâ amansando
De Ormuz os Parseos,por seu mal valent
Que refusaõ o jugo honroso,& brando.
Alli veraõ as setas estridentes
Reciprocarse, as pontas no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos peleja:
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

41

Alli do ſal os montes naõ defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praya, & mar ſe eſtendẽ
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
Atê que a força ſó do braço aprendem
A abaixar a cerviz onde ſe lhe ate
Obrigação de dar o Reyno iniquo
Das perlas de Bàrem tributo rico.

42

Que glorioſas palmas tecer vejo,
Com que vitoria a fronte lhe coroa,
Quando ſem ſombra van de medo, ou pejo
Toma a Ilha illuſtriſſima de Goa:
Depois obedecendo ao duro enſejo,
A deixa, & ocaſiaõ eſpera boa,
Com q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & arte
Venceráõ a Fortuna, & o proprio Marte.

43

Eis jà ſobrella torna, & vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
Abrindo cõ a eſpada o eſpeſſo, & horrendo
Eſquadraõ de Gentios, & de Mouros:
Iráõ ſoldados inclitos fazendo
Mais que Leoẽs famelicos, & Touros,
Na luz, que ſempre celebrada, & dina
Serâ de Egicia ſanta Caterina.

Nem

44

Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica, & posto que assentáda
Lá no gremio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeâda:
As setas venenosas, que fizeste,
Os Crises, com que jà te vejo armada,
Malayos namorados, Iaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

45

Mais estanças cantàra esta Sirena,
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembroulhe hũa ira, que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande Capitão, que o Fado ordena,
Que com trabalhos gloria eterna merque
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, & inteiro.

46

Mas em tempo, que fomes, & asperezas,
Doenças, frechas, & trovões ardentes,
A sazão, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes:
Parece de salvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, & insolentes,
Dar extremo suplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, & amor desculpa.

47

Naõ era a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cũa escrava vil lasciva, & escura:
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera, & dura,
Cos seus hũa ira insana naõ refrea,
Poem na Fama alva, noda negra, & fea.

48

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, & dalha alegremente,
Naõ sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendose num cerco duro, & urgente:
Sentio Ciro, que andava jà abrasado
Araspes, de Pantea, em fogo ardente,
Que elle tomâra em guarda, & prometia,
Que nenhum mao desejo o venceria.

49

Mas vendo ò illustre Persa, que vencido
Fora de amor, q̃ em fim naõ tem defensa,
Levemente o perdoa, & foi servido
Deste num caso grande em recompensa.
Por força, de Iudita foi marido
O ferreo Balduino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viva, & povoador seja de Frandes.

50

Mas proſeguindo a Ninfa o lindo canto,
De Soarez cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, & pór eſpanto,
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominavel teme tanto,
Quanto Meca, & Gidá, co as derradeiras
Prayas de Abaſia, Barborà ſe teme
Do mal, de que o Emporio Zeila geme.

51

A nobre Ilha tambem da Taprobana,
Ia peló nome antigo tam famoſa,
Quanto agora ſoberba, & ſoberana,
Pella cortiça calida, cheiroſa:
Della darà tributo à Luſitana
Bandeira, quando excelſa, & glorioſa,
Vencendo ſe erguerà na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tam temida.

52

Tambem Siqueira as ondas Eritrèas,
Dividindo, abrirà novo caminho,
Para ti grande Imperio, que te arreas
De ſeres de Candace, & Sabá ninho?
Maçuâ com ciſternas de agoa cheas,
Verà, & o porto Arquico alli vizinho,
E fará deſcubrir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

56

Mas depois, que as Estrellas o chamarem,
Sucederás, ò forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote, que fama eterna tenhas:
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o Fado quer, que venhas
A mandar mais de palmas coroado,
Que de Fortuna justa acompanhado.

57

No Reyno de Bintam, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co valor de illustres peitos:
Trabalhos, & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, balluartes, lanças, setas,
Tudo fico, que rompas, & sometas.

58

Mas na India cobiça, & ambiçaõ,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas sò desgosto:
Quem faz injuria vil, & semrazão
Com a força, & poder em que està posto,
Não vence, que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, & inteira.

59

Mas com tudo não nego, que Sampayo
Serà no esforço illustre, & sinalado,
Mostrandose no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verà qualhado:
Em Bacanor farà cruel ensayo,
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido delle venha,
Cutiale, com quanta armada tenha.

60

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerâ de grande, & ousada,
Farâ co a vista sò perdida, & rota,
Por Heitor da Silveira & destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaya sempre armada
Serâ aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foi aos Gregos o Troyano.

61

A Sampayo feroz succederà,
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chalè as torres altas erguerà,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaim se lhe darà,
Não sem sangue, porèm, que nelle geme
Melique, porque à força sò de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

62

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito, & bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta:
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quãdo hũ teu ramo, ô Gama, se exprimẽta
No governo do Imperio, cujo zelo,
Com medo o roxo mar fará amarelo.

63

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas hum, que ja será illustrado
No Brazil, com vencer, & castigar
O Pirata Francez ao mar usado:
Depois Capitão mòr do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, & armado
Escalla, & primeiro entra a porta aberta,
Que fogo, & frechas mil terão cuberta.

64

A este o Rey Cambayco soberbissimo,
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo,
Lhe ajude a defender o senhorio:
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rey gentio
De Calecut, que assi com quantos veyo,
O fará retirar de sangue cheyo.

Destruirá

65

Deſtruirá a Cidade Repelim,
Pondo o ſeu Rey com muitos em fugida,
E depois junto ao Cabo Comorim,
Hũa façanha faz eſclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que deſtruir o mundo não duvída,
Vencerá co furor do ferro,& fogo,
Em ſi verà Beadalla o Marcio jogo.

66

Tendo aſſi limpa a India dos imigos,
Virà depois com Ceptro a governalla,
Sem que ache reſiſtencias,nem perigos,
Que todos tremem delle,& nenhum falla:
Só quiz provar os aſperos caſtigos
Baticalà,que vira jâ Beadalla,
De ſangue,& corpos mortos ficou chea,
E de fogo,& trovoẽs desfeita,& fea.

67

Eſte ſerâ Martinho,que de Marte
O nome tem co as obras dirivado,
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em cõſelho ſabio, & bẽ cuidado:
Succederlheha alli Caſtro,que o Eſtẽdarte
Portuguez terâ ſempre levantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido,
Que hũ ergueDio,outro o defẽde erguido.

Perſas

68

Perſas ferozes, Abaſſis, & Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes,
Que mil naçoens ao cerco feras vem:
Farão dos Ceos ao mũdo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem,
Em ſangue Portuguez jurão deſcridos,
De banhar os bigodes retorcidos.

69

Baſiliſcos medonhos, & Leoens,
Trabucos feros, minas encubertas,
Suſtenta Maſcarenhas cos varoens,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Atè que nas mayores oppreſſoens,
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos ſe ſacrifiquẽ.

70

Fernando hum delles, ramo de alta planta,
Onde o violento fogo com ruìdo,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Serà alli arrebatado, & ao Ceo ſubido:
Alvaro, quando o inverno o mundo eſpãta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & depois os inimigos.

Eis

71

Eis vem depois o pay, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força, & saber, que mais importa,
Batalha dà felice, & soberana:
Huns, paredes subindo, escusaõ porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana,
Feitos grandes tão dinos de memoria,
Que não caibão em verso, ou larga historia.

72

Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte, & intrepido ao possante,
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcam do braço triunfante,
Que castigando vai Dabul na costa,
Nem lhe escapou Pondà no sertão posta.

73

Estes, & outros varoens por varias partes
Dinos todos de fama, & maravilha,
Fazendose na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triunfantes estendartes,
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharáõ estas Ninfas, & estas mesas,
ꝗ glorias, & hõras saõ de arduas empresas.

Assi

74

Assi cantava a Ninfa,& as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes davão,
Com que festejão as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravaõ:
Por mais que da Fortuna andem as rodas,
Nũa consona voz todas soávaõ,
Naõ vos ha de faltar gente famosa
Honra,valor,& Fama gloriosa.

75

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na armonica, & doce suavidade,
Viraõ os altos feitos,que descobre:
Thetis de graça ornada,& gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre:
As festas deste alegre, & claro dia,
Para o felice Gama assi dizia.

76

Fazte mercê, varaõ a Sapiencia
Suprema,de cos olhos corporaes
Veres,o que naõ pòde a vam sciencia
Dos errados,& miseros mortaes:
Sigueme firme,& forte, com prudencia
Por este monte espesso,tu cos mais:
Assi lhe diz,& o guia por hum mato
Arduo,dificil,duro a humano trato.

Na

77

Naõ andão muito, que no erguido cume
Se achàraõ, onde hum campo se esmaltáva
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que divino chaõ pisava;
Aqui hum Globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetráva,
De mòdo, que o seu centro està evidente,
Como a sua superficie claramente.

78

Qual a materia seja naõ se enxerga,
Mas enxergase bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, & hũ centro a todos só tẽ posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga
Nũqua s'ergue, ou s'abaixa, & hum mesmo
Por toda parte tẽ, & em toda parte (rosto,
Começa, & acaba, em fim, por divina arte.

79

Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o creou
Vendo o Gama este Glogo, commovido
De espanto, & de desejo alli ficou:
Dizlhe a Deosa, O transunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, & irâs, & o que desejas.

Vès

80

Vès aqui a grande machina do mundo,
Etherea, & elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & mèta limitada:
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tam limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos, ninguẽ o entẽde
Que tãto o engenho humano naõ se estẽde.

81

Este Orbe, que primeiro vai cercando,
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que està com luz tam clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem:
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estaõ daquelle bem,
Tamanho, q̃ elle sò se entende, & alcança
De quem naõ ha no mundo semelhança.

82

A qui sò verdadeiros gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno, & Iano,
Iupiter, Iuno, somos fabulosos,
Fingidos de mortal, & cego engano:
Sò para fazer versos deleitosos
Servimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he sò que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engano vosso.

E tam-

83

E tambem porque a ſanta providencia,
Que em Iupiter aqui ſe repreſenta,
Por eſpiritus mil,que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que ſuſtenta:
Enſinao a profetica ſciencia,
Em muitos dos exemplos, que apreſenta,
Os que ſaõ bõs, guiando favorecem,
Os maos, em quanto pòdem nos empecen

84

Quer logo aqui a pintura,que varia,
Agora deleitando, ora enſinando,
Darlhe nomes, que a antiga poeſia
A ſeus Deoſes jà déra fabulando:
Que os Anjos da celeſte companhia
Deoſes o ſacro verſo eſtâ chamando,
Nẽ nega,que eſte nome preminente,
Tambem aos màos ſe dà,mas falſamente.

85

Emfim q́ o sũmo Deos,que por ſegundas
Cauſas obra no mundo, tudo manda
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão divina veneranda:
Debaixo deſte circulo,onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda;
Outro corte tão leve,& tão ligeiro,
Que não ſe enxerga, he o Mobile primeiro:

86

Com este rapto,& grande movimento
Vão todos,os que dentro tem no seyo,
Por obra deste o Sol andando atento,
O dia,& noite faz,com curso alheyo:
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tam lento,& sojugado a duro freyo,
Que em quãto Febo de luz nũ qua escasso,
Duzentos cursos faz,dá elle hum passo.

87

Olha o outro debaixo,que esmaltado
De corpos lisos anda,& radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus exos correm cintilantes;
Bem vês como se veste,& faz ornado
Co largo cinto douro,que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Febo limitados.

88

Oha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a carreta,atenta a Cinosura,
Andromeda,& seu pay,&o drago horrẽdo,
Vè de Cassiopea a fermosura,
E do Oriente o gẽsto turbulento,
Olha o Cisne morrendo,que suspira,
A Lebre,& os Caẽs,a Nao,& a doceLyra.

89

Debaixo deste grande firmamento,
Vès o Ceo de Saturno,Rey antigo,
Iupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo bellico inimigo!
O claro olho do Ceo no quarto assento;
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.

90

Em todos estes Orbes differente
Curso verás,nũs grave, & noutros leve,
Hòra fogem do centro longamente,
Hora da terra estaõ caminho breve:
Bem como quiz o Padre omnipotente,
Que o Fogo faz,& o Ar,o Vento,& Neve,
Os quaes verás,que fazem mais adentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

91

Neste centro pousada dos humanos,
Que naõ sómente ousados se contentão
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instavel exprimentaõ:
Verâs as varias partes, que os insanos
Mares dividem,onde se aposentão
Varias naçoẽs,que mandão varios Reys,
Varios costumes seus, & varias leys.

Vés

92

Vés Europa Chriſtan mais alta, & clara,
Que as outras em policia, & fortaleza,
Vê; Africa dos bẽs do mundo avâra,
Inculta, & toda chea de braveza,
Cõ Cabo, que atèqui ſe vos negâra,
Que aſſentou para o Auſtro a natureza,
Olha eſſa terra toda, que ſe habita
Deſſa gente ſem ley, quaſi infinita.

93

Vè do Monomotâpa o grande Imperio
De ſalvatica gente negra, & núa;
Onde Gonçalo morte, & vituperio
Padecerá pela Fé ſanta ſua:
Nace por eſte inconito Emisferio
O metal, porque mais a gente ſua:
Vè que do lâgo, donde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſta Cuama.

94

Olha as caſas dos negros, como eſtão
Sem portas, confiados em ſeus ninhos
Na juſtiça Real, & defenſaõ,
E na fidelidade dos viſinhos:
Olha delles a bruta multidaõ,
Qual bãdo eſpeſſo, & negro de Eſtorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Naya com deſtreza.

95

Olha lá as alagôas, donde o Nilo
Nace, que naõ souberão os antigos,
Velo rega, gèrando o Cocodrilo,
Os povos Abassis de Christo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Mèroe, que Ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Noba se chama.

96

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos serà claro,
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Vè câ a còsta do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso, & charo,
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

97

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agóra Guardafu dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores:
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, & as melhores
Povoaçoẽs, que a grande Africa alli tem,
Maçuà saõ, Arquico, & Suàquem.

Vès

98

Vès o extremo Suez,que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem,que Arſinoe , & ao preſente
Tem das frotas do Egypto a poteſtade:
Olha as agoas,nas quaes abrio patente
Eſtrada o graõ Moyſes,na antiga idade:
Aſia começa aqui,que ſe apreſenta
Em terras grande,em Reynos opulenta.

99

Olha o Monte Sinay, que ſe ennobrece
Co ſepulcro de Santa Catherina,
Olha Toro,& Gidà,que lhe falece
Agoa das fontes doce,& criſtalina:
Olha as portas do Eſtreito, que fenece
No Reyno da ſeca Adem, que confina
Com a ſerra de Arzira,pedra viva,
Onde chuva dos Ceos ſenaõ deriva.

100

Olha as Arabias tres,que tanta terra
Tomaõ todas de gente vaga,& baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros,& ferozes,de alta raça:
Olha a cóſta,que corre atè que cerra
Outro eſtreito de Perſia,& faz a traça
Ao Cabo,que co nome ſe apellida,
Da cidade Fartàque alli ſabida.

101

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as áras,
Mas atenta jâ câ destoutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre avaras:
Começa o Reyno Ormuz, q̃ todo se anda
Pelas ribeiras, que inda seraõ claras,
Quando as galès do Turco, & fera armada
Virem de Castel Branco nûa a espada.

102

Olha o Cabo Asabòro, que chamado
Agora he Monçandam dos navegantes;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persia, terras abundantes:
Atenta a Ilha Batem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora, & vè na agoa salgada
Ter o Tygres, & Eufrates hũa entrada.

103

Olha da grande Persia, o Imperio nobre,
Sempre posto no campo, & nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de naõ ter das armas sempre os callos:
Mas vè a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da Cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome depois, & gloria teve.

Aqui

104

Aqui de Dom Felipe de Menezes
Se mostrarà a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes, & revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provára
Ià seu braço em Ampaza, que deixada
Terà por terra á força só de espada.

105

Mas deixemos o estreito, & o conhecido
Cabo de Iasque, dito jâ carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, & dos doẽs usados della:
Carmania teve jâ por apellido;
Mas vés o fermoso Indo, que daquella
Altura nace, junto á qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

106

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,
E de Iaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante, que foge apressurada:
A terra de Cambaya vè riquissima,
onde do mar o seyo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vosoutros aqui se estão guardando.

107

Vès corre a cósta celebre Indiana
Para o Sul,até o Cabo Camori,
Iá chamado Cori, que Taprobana
(Que hora he Ceilaõ)defronte tem de si,
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virà depois de ti,
Terà vitorias,terras,& Cidades,
Nas quaes haõ de viver muitas idades.

108

As Provincias, que entre hum,& outro rio
Vès com varias naçoẽs,saõ infinitas:
Hum Reyno Mahometa,outro Gentio,
A quem tem o Demonio leys escritas:
Olha que de Narsinga o senhorio,
Tem as reliquias santas, & benditas,
Do corpo de Thomê varão sagrado,
Que a Iesu Christo teve a maõ no lado.

109

Aqui a Cidade foi,que se chamava
Meliapor,fermosa,grande,& rica,
Os Idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente iniqua,
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a fè que no mundo se publica
Thomè vinha prêgando,& jà passára
Provincias mil do mundo,que ensinára.

Che-

110

Chegado aqui prégando, & junto dando
Á doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andava edificando,
Fazer delle madeira, & naõ duvida
Poder tirallo a terra com possantes
Forças de homẽs, de engenhos, de Elefãtes.

111

Era tam grande o peso do madeiro,
Que só para abalarse, nada abasta,
Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, & facilmente o leva, & arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

Sabia bem, que se com fè formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo â voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, & elle o prova
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Haõ medo de perder autoridade.

Saõ

116

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rey se banha logo na agoa santa,
E muitos apoz elle, hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta:
Os Bramenes se enchêrão de odio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão matallo emfim de tudo.

117

Hum dia, que prègando ao povo estava
Fingirão entre a gente hum arruido:
Ià Christo neste tempo lhe ordenava,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multidão das pedras, que voava,
No santo dâ jâ a tudo offerecido:
Hum dos maos por fartarse mais depressa,
Com cruel lança o peito lhe atravessa.

118

Choraraõte Thomé, o Gange, & o Indo,
Choroute toda a terra, que pisaste,
Mas mais te chorão as almas, q̃ vestindo
Se hião da santa Fê, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, & rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste,
Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vos-

119

E vósoutros,que os nomes usurpais
De mandados de Deos,como Thomé,
Dizei,se sois mandados,como estais
Sem irdes a prégar a santa Fé?
Olhai que se sois sal,& vos danais
Na patria,onde Profeta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo)tantas heresias.

120

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á cósta debuxada,
Lá com esta Cidade tam famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica,& poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

121

Ganges,no qual os seus habitadores
Morrem banhados,tendo por certeza,
Que inda que sejão grandes peccadores
Esta agoa santa os lava,& dá pureza:
Vè Chatigão Cidade das melhores
De Bengala Provincia,que se preza
De abundante; mas olha que está pòsta
Para o Austro daqui virada a còsta.

Olha

122

Olha o Reyno Arracam, olha o assento
De Pegú, que jà monstros povoàraõ,
Monstros filhos do feo ajuntamento
De hũa mulher, & hũ cão, q̃ sôs se achàrão:
Aqui soante arame no instrumento
Da géração costumão, o que usarão
Por manha da Raynha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

123

Olha Tavay Cidade, onde começa
De Syão largo o Imperio tam comprido,
Tenassari, Quedá, que he sò cabeça,
Das que pimenta alli tem produzido:
Mais avante fareis que se conheça
Malaca, por Emporio ennobrecido,
Onde toda a Provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

124

Dizem que desta terra, co as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre Ilha Samatra, que jà dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio,
Chersoneso foi dita, & das prestantes
Veas de ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntàraõ,
Algũs que fosse Ofir imaginàraõ.

125

Mas na ponta da terra Cingápura
Verás, onde o caminho âs naos se estreita,
Daqui tomando a còsta á Cynosura
Se encurva, & para a Aurora se endireita:
Vès Pam, Patane, Reynos, & a longura
De Syão, que estes, & outros mais sugeita:
Olha o rio Menám, que se derrama
Do grande lago, que Chiamay se chama.

126

Vés neste grão terreno os differentes
Nomes de mil naçoẽs nunqua sabidas,
Os Laos em terra, & numero potentes,
Avas, Bramás, por serras tam compridas:
Vé nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de salvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua,
Pintam com ferro ardente, usança crua.

127

Vês passa por Camboja Vecom rio,
Que Capitaõ das agoas se interpreta,
Tantas recebe de outro só no Estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta:
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle cré como indiscreta,
Que pena, & gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

128

Este receberá placido, & brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procellosos baxos escapado:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonorosa,
Será mais afamada, que ditosa.

129

Vês corre a costa, que Champâ se chama
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina està de escura fama,
E de Ainam vé a incognita enseada.
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, & riqueza naõ cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio,
Desdo Tropico ardente ao cinto frio.

130

Olha o muro, edificio nunqua crido,
Que entre hũ Imperio, & outro se edifica
Certissimo sinal, & conhecido,
Da potencia Real, soberba, & rica
Estes o Rey que tem, naõ foi nascido
Principe, nem dos pays aos filhos fica.
Mas elegem aquelle, que he famoso,
Por cavaleiro, sabio, & virtuoso.

Inda

131

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrarse,
Mas naõ deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quiz mais afamarse:
Esta mea escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscarse,
He Iapão onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co a ley divina.

132

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidóre, & Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As arvores veràs do Cravo ardente,
Co sangue Portuguez inda compradas,
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunqua à terra, & só mortas aparecem.

133

Olha de Bandá as Ilhas, que se esmaltão
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltão
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto
Nas arvores, que Canfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Alli

134

Alli tambem Timór, que o lenho manda
Sandalo salutifero, & cheiroso:
Olha a Sunda tam larga, que hũa banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso;
Que por onde elle sò sem outro vae,
Converte em pedra o pao, que nelle cae.

135

Vé naquella, que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flamas tremulas vapòra
A fonte, que olio mana, & a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora.
Cheiroso mais, que quanto estila a filha
De cyniras na Arabia, onde ella mora,
E vé que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, & fino ouro dâ tambem.

136

Olha em Ceilão, que o monte se levanta
Tãto, que as nuvés passa, ou a vista engana
Os naturais o tem por cousa santa,
Pela pedra onde està a pégada humana:
Nas Ilhas de Maldiva nace a pranta,
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

137

Vereis defronte estar do Roxo Estreito
Socctorá co amaro Aloe famosa,
Outras Ilhas no mar tambem sogeito
A vòs na còsta de Africa arenosa:
Aonde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo oculta, & preciosa;
De Sam Lourenço vé a Ilha afamada,
Que Madagascar he de algũs chamada.

138

Eis aqui as nóvas portas do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tam forte peito navegais:
Mas he tambem razaõ, que no ponente
De hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrandose agravado,
Caminho ha de fazer nunqua cuidado.

139

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Calisto ao seu contrario Polo:
Que soberba a farà a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, serà dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias Provincias tem de varias gentes,
Em rios, & custumes differentes.

140

Mas cá,onde mais se alarga,alli tereis
Parte tambem co paọ vermelho nota,
De santa Cruz o nome lhe poreis,
Descubrilaha a primeira vossa Frota:
Ao longo desta cósta,que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaẽs, no feito com verdade
Portuguez,porêm naõ na lealdade.

141

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico Polo vai da linha,
De hũa estatura quasi Gigantea
Homẽs verá da terra alli vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co nome delle agora,o qual caminha
Para outro mar,& terra,que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

142

Atèqui Portuguezes,concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar,que jâ dexais sabido,
Viraõ fazer Varoẽs de fortes peitos:
Agora,pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos fação ser aceitos
As eternas esposas,& fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

143

Podeisvos embarcar, que tendes vento,
E mar tranquilo para a patria amada:
Assi lhe disse, & logo movimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Levão refresco, & nobre mantimento,
Levão a companhia desejada
Das Ninfas, que hão de ter eternamente
Por mais tempo, que o Sol o mũdo aquẽte.

144

Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunqua irado
Atè que ouverão vista do terreno,
Em que nacerão, sempre desejado:
Entràraõ pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, & Rey temido, & amado,
O premio, & gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

145

No mais Musa no mais, q̃ a Lyra tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E naõ do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O favor, com q̃ mais se acende o engenho
Naõ no dà a Patria naõ, que està metida
No gosto da cubiça, & na rudeza
De hũa austéra, apagada, & vil tristeza.

146

E não sei porque influxo do destino
Naõ tem hum lêdo orgulho, & géral gosto
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos lédo o rosto:
Por isso vós, ò Rey, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois, & vede as outras gentes,
Senhor só de vassallos excellentes.

147

Olhay que lédos vaõ por varias vias,
Quaes rompẽtes Leoẽs, & bravos Touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regioẽs, a plagas frias,
A golpes de idolatras, & de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes ao profundo.

148

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vòs tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta prontos, & contentes:
Sô com saber que saõ de vòs olhados,
Demonios infernaes, negros, & ardentes,
Cometerâõ comvosco, & naõ duvido,
Que vencedor vos façaõ, naõ vencido.

149

Favoreceyos logo,& alegrayos
Com a presença,& lèda humanidade,
De rigurosas leys desaliviayos,
Que assi se abre o caminho á santidade:
Os mais experimentados levantayos,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho,pois que sabem
O como,o quando,& onde as cousas cabẽ.

150

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento:
Com jejũs,disciplina pelos vicios
Comũs, toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria van naõ pretende, nem dinheiro.

151

Os cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido,& fervente,
Estendem não sòmente a ley decima,
Mas inda vosso Imperio preeminente:
Pois aquelles,que a tam remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, hũs os vivos,
E o que he mais,os trabalhos excessivos,

Fazei

152

Fazei ſenhor, que nunqua os admirados
Alemaẽs, Gallos, Italos, & Inglezes
Poſſaõ dizer, que ſaõ para mandados,
Mais, que para mandar os Portuguezes:
Tomai conſelho ſó de experimentados,
Que virão largos annos, largos meſes,
Que poſto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

153

De Formiráõ Filoſofo elegante
Vereis como Anibal o eſcarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle, com larga voz tratava, & lia:
A diſciplina militar preſtante
Naõ ſe aprende ſenhor, na fantaſia
Sonhando, imaginando, ou eſtudando,
Senaõ vendo, tratando, & peleijando.

154

Mas eu, que fallo humilde, baxo, & rudo,
De vós naõ conhecido, nem ſonhado,
Da boca dos pequenos ſei com tudo,
Que o louvor ſae âs vezes acabado:
Naõ me falta na vida honeſto eſtudo,
Com longa experiencia miſturado,
Nem engenho, que aqui vereis preſente,
Couſas, que juntas ſe achão raramente.

Para

155

Pará servirvos braço às armas feito,
Para cantarvos mente as Musas dada,
Só me falece ser a vòs aceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se me isto o Ceo concede, & o vosso peito,
Dina empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina.

156

Ou fazendo, que mais que á de Meduza,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampeluza
Os muros de Marrocos, & Trudante:
A minha já estimada, & lèda Muza,
Fico, que em todo o mundo de vòs cante,
De sorte, que Alexandro em vòs se veja,
Sem á dita de Achiles ter enveja.

FINIS.